

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Marcia Rejane Julio Costa

**EDUCAÇÃO FÍSICA PARA HUMANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA: UM ESTUDO NO RS**

Santa Cruz do Sul, dezembro de 2009.

Marcia Rejane Julio Costa

**EDUCAÇÃO FÍSICA PARA HUMANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA: UM ESTUDO NO RS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, Área de Concentração em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dr^a Suzana Guerra Albornoz
Co-Orientadora: Prof. Dr^a. Miria Suzana Burgos

Santa Cruz do Sul, dezembro de 2009.

Marcia Rejane Julio Costa

**EDUCAÇÃO FÍSICA PARA HUMANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
E TECNOLÓGICA: UM ESTUDO NO RS”**

Esta Dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, Área de Concentração em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

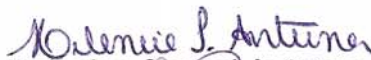


Dra. Suzana Guerra Albornoz

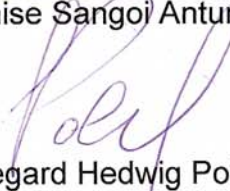
Professora Orientadora



Dra. Miria Suzana Burgos
(Co-orientadora/UNISC)



Dra. Helenise Sangoi Antunes



Dra. Hildegard Hedwig Pohl



Dra. Rosa Maria Filippozzi Martini

AGRADECIMENTOS

Este trabalho teve a contribuição direta e indireta de várias pessoas. Quero deixar registrado aqui, meus sinceros agradecimentos:

À minha irmã Mari Anne e ao Ricardo pela luta e incentivo para que eu pudesse superar mais esta etapa;

À Nara Rubia Zardin, por sua profunda confiança, amizade e apoio incondicionais;

À minha filha Renata, pela bênção de existir em minha vida;

Aos meus pais, Omerindo e Thereza, à minha avó Ironдина (*in memoriam*), ao tio Osmar e à minha irmã Maristela, pelo aprendizado que sempre tive com eles;

Aos meus amigos de fé, que sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos, em especial às colegas e amigas, professoras de Educação Física, Daniela Lopes dos Santos, Sara Terezinha Corazza e Mônica Possebon, que se disponibilizaram a me ajudar quando precisei;

Aos colegas do Mestrado em Educação, pela companhia, troca de saberes e amizade, especialmente à Gláucia, Letícia, Raquel e Adriane Anacker;

À professora Dr^a Suzana Guerra Albornoz pela confiança em aceitar-me como sua orientanda, acreditando no meu trabalho e pelo comprometimento e dedicação no desempenho de seu papel de Orientadora, sem nunca ter deixado de ser também amiga durante esta trajetória;

À professora Dr^a Miria Suzana Burgos que, com sua sabedoria e seu conhecimento, soube orientar-me no difícil caminho da metodologia;

Às demais componentes da banca, Dr^a Helenise Sangoi Antunes, Dr^a Hildegard Hedwig Pohl, Dr^a. Rosa Maria Filippozzi Martini, pelas contribuições feitas a este trabalho;

Aos demais professores do Programa de Mestrado em Educação que, com seus ensinamentos, contribuíram para o meu crescimento;

À Daiane Maria Isotton, Secretária do Programa de Mestrado em Educação, pela dedicação e atenção, e à bolsista Gerusa pela formatação do trabalho, sua ajuda foi fundamental;

Ao Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria, na pessoa do Diretor Prof. Canrobert Kämpfer Werlang, do Vice-Diretor Valmir Aita, demais colegas e funcionários que me apoiaram e incentivaram para a viabilização desta tarefa de qualificação;

Às escolas participantes deste estudo, bem como às pessoas envolvidas nesta pesquisa, pois sem elas este trabalho não poderia ser concretizado.

RESUMO

EDUCAÇÃO FÍSICA PARA HUMANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: Um estudo no RS.

Esta pesquisa partiu da percepção da possibilidade, ainda não explorada, de desenvolvimento da atividade de Educação Física no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica, na realidade do estado do Rio Grande do Sul. O objetivo deste estudo foi investigar a visão dos sentimentos e carências, desejos e expectativas dos professores de Educação Física do Ensino Médio e dos alunos dos cursos técnicos profissionalizantes, com relação à inexistência ou insuficiência da Educação Física nesse setor do ensino. O pressuposto teórico tem como referência especial a concepção fundamental da filosofia de Ernst Bloch, aqui relacionada com a ausência e as possibilidades de desenvolvimento da Educação Física nessas instituições, no que concerne à valorização das expectativas humanas e das faltas sentidas ou percebidas, como indicadoras das possibilidades e oportunidades de mudança. A pesquisa foi realizada em cinco instituições localizadas em três municípios do estado do RS. O grupo de participantes constituiu-se de cem alunos, sendo quarenta dos cursos de Ensino Integrado (que têm Educação Física no currículo), sessenta dos cursos técnicos profissionalizantes (que não têm Educação Física no currículo), cinco professores de Educação Física do Ensino Médio e Integrado e, ainda cinco supervisores, um de cada instituição. A metodologia, num primeiro momento é de caráter quantitativo e num segundo momento qualitativo, descritivo e interpretativo. Os instrumentos empregados na obtenção de dados foram: observações, questionários, entrevistas semiestruturadas e diário de campo. Para isso, utilizou-se o processo de triangulação de fontes e de sujeitos, teórica e reflexiva. As triangulações realizaram-se em três níveis de análise, seguindo o modelo de Lacey. Os resultados mostram certa consciência da importância da Educação Física na ótica dos alunos, pois eles evidenciam a associação da atividade física com a saúde e o bem-estar, a interação e a convivência com os colegas, o relaxar da pressão das aulas teóricas, mas percebemos que muitos ainda não têm a visão de que a Educação Física ajuda no rendimento escolar e no desempenho intelectual, porque acreditam que não influencia no aprendizado que buscam no ensino profissional, embora a maioria, entre os meninos, afirme sentir falta da Educação Física. Há unanimidade entre os professores de Educação Física nos sentimentos de privação aos alunos de práticas saudáveis, da participação em competições esportivas, da compensação da atividade laboral, da formação integral, não apenas como atletas, mas com relação aos valores que poderiam ser trabalhados nessas aulas. Fazer a boa combinação da educação técnica, compreendendo a técnica como parte essencial do homem, ser dinâmico e nunca acabado, e entendendo a Educação Física como também central numa visão humanista do educando, porque o homem é corpo e alma, mente e corpo, sem as separações doentias que a cultura racionalista procedeu, essa é a grande finalidade de quem compreende o homem como corpo, espírito e técnica. O tema investigado abriu possibilidades para pensar a Educação Física na perspectiva de sua inserção na totalidade concreta do ensino técnico e de atuar nessa perspectiva para viabilizar a plenitude das possibilidades humanas, num movimento de busca de transformação.

Palavras-Chave: Educação; Educação Física; Ensino Técnico; Humanização.

ABSTRACT

PHYSICAL EDUCATION FOR HUMANITARIAN EDUCATION TRAINING AND TECHNOLOGY: A study in Rio Grande do Sul.

This research stemmed from the possibility, not yet explored the development of physical education activities in the context of Technological Education in reality the state of Rio Grande do Sul. The objective of this study was to investigate the vision of the feelings and needs, desires and expectations of physical education teachers and high school students of vocational technical courses, with respect to the lack or insufficiency of Physical Education in the sector of education. The theoretical assumption has special reference to the fundamental design philosophy of Ernst Bloch, here linked to the failure and the potential development of physical education in these institutions, as regards the recovery of human expectations and absences felt or perceived as indicators of possibilities and opportunities for change. The research was held in five institutions located in three municipalities of RS, The participants consisted of one hundred students, and forty of the Integrated Teaching courses (which have physical education curriculum), sixty of vocational technical courses (which have no physical education in the curriculum) five physical education teachers of high school and Integrated and even five supervisors, one from each institution. The methodology at first is a quantitative and a qualitative second time, descriptive and interpretive. The instruments used in data collection were observations, questionnaires, semi-structured interviews and field journal. For this, it was used the process of triangulation of sources and subjects, theoretical and reflective. The triangulations were held in three levels of analysis, following the model of Lacey. The results show some awareness of the importance of physical education from the perspective of the students, because they highlight the health and well being, interaction and coexistence with colleagues, relax the pressure of the lectures, but we realize that many still lack the vision that physical education in school aid and intellectual performance, because they believe it does not influence the learning that seek vocational training, although the majority of the boys, stating miss Physical Education. There is unanimity among the teachers of Physical Education in feelings of deprivation student's healthy practices, participation in sports competitions, the compensation of labor activity, the comprehensive training, not only as athletes but for the values that could be worked out in those classes. Make a good combination of technical education, including the technique as an essential part of man, proactive and never finished being, and understanding the physical education as central in a humanist vision of educating, because man is both body and soul, mind and body, without the separations that sick rationalist culture held, this is the great purpose of whom understands man as body, spirit and technique. The researched subject matter opened up to possibilities for thinking about physical education with a view to its inclusion in all practical technical education and to act in that perspective to enable the fulfillment of human possibilities, in a movement that seeks for transformation.

Keywords: Education, Physical Education, Technical Education, Humanizing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 JUSTIFICATIVA, PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVO	15
1.1 Justificativa.....	15
1.2 Formulação do Problema.....	17
1.3 Objetivo do Estudo.....	18
2 EDUCAÇÃO FÍSICA PARA HUMANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA	19
2.1 Sobre a Educação Física.....	19
2.2 Para a Humanização.....	27
2.3 Da Educação Profissional e Tecnológica.....	34
3 MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO	41
3.1 Contexto do Estudo e Sujeitos da Investigação.....	41
3.2 Síntese das características das instituições pesquisadas e seu contexto.....	42
3.2.1 Primeira Instituição Pesquisada: Colégio Técnico Industrial – CTISM	43
3.2.2 Segunda Instituição Pesquisada: Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria.....	45
3.2.3 Terceira Instituição Pesquisada: Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça – CAVG – Pelotas.....	47
3.2.4 Quarta Instituição Pesquisada: Instituto Federal Sul – Riograndense – IFSUL – Rio-Grandense – Pelotas.....	50
3.2.5 Quinta Instituição Pesquisada: Instituto Federal Rio Grande do Sul – IFRS – Bento Gonçalves.....	52
3.3 Abordagem Metodológica.....	54
3.4 Procedimentos Metodológicos, Técnicos e Instrumentos de Coleta de Dados da Realidade Investigada.....	56
3.5 Tratamento dos dados: o caminho da investigação.....	58
3.5.1 O Primeiro Nível de Análise.....	59
3.5.2 O Segundo Nível de Análise.....	59
3.5.3 O Terceiro Nível de Análise.....	60
4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	61
4.1 Apresentação e análise dos dados da realidade investigada.....	61
4.2 Discussão dos Resultados e reflexões.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	83
ANEXOS	93

ANEXO A – Modelo de carta entregue aos Diretores de Escola.....	94
ANEXO B – Instrumento 1 – Questões dirigidas à Equipe Pedagógica da Escola.....	95
ANEXO C – Apresentação dos instrumentos de pesquisa para validação.....	96
ANEXO D – Questões dirigidas a (o)s professores de Educação Física.....	97
ANEXO E – Instrumento 3 – questões dirigidas a(o)s alunos (as) do Ensino Integrado..	98
ANEXO F – Instrumento 4 – questões dirigidas a(o)s alunos (as) do Ensino Técnico...	100
ANEXO G – Validação do modelo de questionário aplicado aos professores de Educação Física e aos alunos dos cursos de Ensino Integrado e Técnico.....	102
ANEXO H – Questões dirigidas a (o)s professores de Educação Física.....	103
ANEXO I – Instrumento 3 – questões dirigidas a(o)s alunos (as) do Ensino Integrado..	104
ANEXO J – Instrumento 4 – questões dirigidas a(o)s alunos (as) do Ensino Técnico....	106
ANEXO K – Validação do modelo de questionário aplicado aos professores de Educação Física e aos alunos dos cursos de Ensino Integrado e Técnico.....	108
ANEXO L – Fotografia da instituição pesquisada (aulas de Educação Física) – CTISM – Santa Maria.....	109
ANEXO M – Fotografia da instituição pesquisada (aulas de Educação Física) – Colégio Politécnico da UFSM – Santa Maria.....	110
ANEXO N – Fotografia da instituição pesquisada (aulas de Educação Física) – CAVG – Pelotas.....	111
ANEXO O – Fotografia da instituição pesquisada (aulas de Educação Física) – IFSul - Rio-Grandense – Pelotas.....	112
ANEXO P – Fotografia da instituição pesquisada (aulas de Educação Física) - IFRS – Bento Gonçalves.....	113
ANEXO Q – Primeira instituição pesquisada: Colégio Técnico Industrial de Santa Maria – CTISM.....	114
ANEXO R – Segunda instituição pesquisada: Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria.....	116
ANEXO S – Terceira instituição pesquisada: Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça – CAVG – Pelotas.....	118
ANEXO T – Quarta instituição pesquisada: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul – Rio–Grandense – (IFSul – Rio–Grandense) – Pelotas.....	119
ANEXO U – Quinta instituição pesquisada: Instituto Federal Rio Grande do Sul – IFRS – Campus Bento Gonçalves.....	121

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Categoria: Contribuições da Educação Física no Ensino Técnico: Desenvolvimento integral.....	62
TABELA 2	Categoria: Contexto educacional: Percepções da ambiência.....	63
TABELA 3	Categoria: Construção de valores: Desenvolvimento psicossocial.....	64
TABELA 4	Categoria: Perspectiva Docente: Crítica/prospecção.....	65

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Instituições e Sujeitos da investigação.....	41
QUADRO 2 – Estrutura do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria – CTISM.....	44
QUADRO 3 – Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria.....	47
QUADRO 4 – Estrutura do Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça – CAVG.....	49
QUADRO 5 – Estrutura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul – Rio–Grandense – (IFSUL – Rio – Grandense) – Pelotas.....	52
QUADRO 6 – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – (IFRS) – Bento Gonçalves.....	54
QUADRO 7 – Segundo Nível de Análise.....	59

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Representação gráfica do modelo utilizado na investigação.....	58
---	----

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a investigar a percepção da possibilidade ainda não explorada de desenvolvimento da atividade de Educação Física, no âmbito da educação profissional e tecnológica, na realidade do Rio Grande do Sul. Nossa percepção dessa situação e possibilidade parte da experiência, junto ao Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria, unidade de ensino que apresenta uma população constituída em grande parte de pessoas que migraram para o município em busca de oportunidades de formação e de trabalho. Assim, constata-se um grande contingente de estudantes, sendo que a Educação Física não faz parte da realidade atual desse esforço educacional. A reflexão sobre as possibilidades de “intervenção e reconhecimento” da Educação Física na Educação Profissional e Tecnológica tem como ponto de partida, justamente, uma discussão sobre essa instituição.

As instituições de Educação Profissional, em uma posição ou em outra, fizeram um longo percurso de estudos e aproximações para se adaptarem às novas instruções normativas, com o advento da Nova LDB, Lei nº 9.394/96. Nesse processo, ocorreram mudanças, algumas das quais positivas. Defendemos uma avaliação criteriosa dos instrumentos legais e das mudanças ocorridas com base na experiência e reflexão acumuladas por docentes, alunos e dirigentes das próprias instituições.

Portanto, do que se percebe, intuitivamente, da vivência de um colégio politécnico no Rio Grande do Sul, facilmente se imaginam e se podem supor as inúmeras melhorias que lhes poderiam ser trazidas com o desenvolvimento da Educação Física na Educação Profissional. Dessa suposição, nos advém a convicção de que uma pesquisa cuidadosa no âmbito da educação profissional e tecnológica, no estado do Rio Grande do Sul, sobretudo em relação à presença ou não da Educação Física, pode encaminhar sugestões relevantes, para valorizar e fortalecer as relações educacionais, considerando o processo pedagógico como atividade que faz parte do sujeito, o qual se desenvolve em relação a si mesmo e em direção ao outro.

Por meio deste trabalho, pela afirmação da concepção humanista e integradora – da Educação Física e da Educação Profissional –, tem-se o propósito de contribuir para um modelo de educação que corrija ou compense os defeitos do modelo econômico excludente, produzindo identidades e configurações em que o ser humano, na sua integralidade, constitua o eixo central das práticas pedagógicas.

Pela pesquisa de sua realidade e de suas possibilidades, visa-se a afirmar a Educação Profissional, de modo que ela, ao mesmo tempo, seja integrada nos projetos educacionais de

sentido abrangente e configurar um campo próprio nas políticas públicas, com suas especificidades. No intuito de perceber a realidade que cerca o movimento humano, e que o profissional, por mais preparado teoricamente que seja, também deve desenvolver-se e aperfeiçoar-se no plano do movimento, pretendemos realizar então a pesquisa, procurando descobrir se e como a Educação Física pode colaborar para a formação desse profissional (técnico).

Tendo essa preocupação, foi-se em busca de aspectos mais abrangentes que pudessem, de alguma forma, relacionar-se com o estudo proposto. Foi necessário, então, resgatar um pouco da sua história, da história do ensino profissional e técnico, ou tecnológico, fazendo um retrospecto ao longo do tempo e sua concepção, nos diversos momentos históricos pelas quais passou. Abordou-se ainda o que pensam e dizem os autores em suas diferentes visões, enfim, descreveu-se um pouco da sua trajetória, tentando-se configurar o momento atual. Também se procurou abordar aspectos relativos à formação profissional.

A seguir, apresentaram-se aspectos específicos sobre a Educação Física no ensino técnico profissional, a legislação, ressaltando a questão da não obrigatoriedade e da sua importância e, por fim, algumas relações entre a Educação Física com as demais disciplinas do currículo escolar.

No marco teórico metodológico, descrevem-se as trajetórias da pesquisa e os paradigmas escolhidos para esta investigação, explicando-os. Descrevem-se o campo de estudo e as técnicas utilizadas para coletar informações; a validade interpretativa dos dados por meio da triangulação. Nessa fase ainda, relatou-se o processo utilizado para encontrar as categorias e subcategorias em quatro níveis de análise.

Na descrição dos dados coletados, na análise e sua interpretação, dividiu-se o material coletado, para registro, em quatro títulos de acordo com as quatro grandes categorias encontradas na análise interpretativa 13 subtítulos, correspondentes às 13 subcategorias. Categoria: Contribuições da Educação Física no Ensino Técnico: Desenvolvimento integral, e as subcategorias: prevenção em saúde, redes sociais, relação psicofisiológica e desempenho intelectual; Categoria: Contexto Educacional: Percepções da ambiência e as subcategorias: cultura esportiva, aspectos didático-pedagógicos, a importância da Educação Física e sentimentos de carência; Categoria: Construção de valores: Desenvolvimento psicossocial e as subcategorias: valores físicos, valores sociais e finalmente Categoria: Perspectiva Docente: Crítica/prospecção e as subcategorias: privação, contradição e valores. Sendo que as subcategorias foram geradas pelas 65 unidades de significados, extraídas das respostas dos sujeitos pesquisados.

O trabalho de elaboração e compreensão dos dados encontrados tem continuidade na interpretação das entrevistas dos supervisores, do diário de campo, e das observações do pesquisador.

No terceiro nível de análise, é feita a triangulação propriamente dita.

Finalmente, à apresentação dos dados coletados, à sua interpretação e ao seu comentário acrescentam-se mais algumas considerações a respeito do tema investigado.

1 JUSTIFICATIVA, PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVO

Para abrir-se para a Educação Física e esta poder exercer sua influência benéfica, a escola deve ser mobilizadora e organizadora de um processo em que a comunidade se envolva em diversos espaços educacionais, que possibilitem a criação de um ambiente cultural que leve à participação e ao reforço das atitudes criativas dos alunos. O grande desafio está em construir uma educação pautada na dimensão humana. O movimento humano é parte constituinte nesse processo educativo; torna-se necessário enfocá-lo como um dos elementos que possibilitem apontar para uma prática pedagógica voltada às necessidades dos educadores/educandos do ensino técnico, pois a transformação da nossa corporeidade é o que está envolvido no aprender. Nessa perspectiva, parece necessário entender a corporeidade como a inserção mais consciente do corpo humano em um mundo significativo, numa relação dialética consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo, como *corpo vivenciado, espaço expressivo* por excelência, pelo *qual o processo da vida se perpetua*, como o julga também Freitas (1999).

1.1 Justificativa

A experiência como professora de Educação Física tem mostrado ser fundamental, para os alunos o cultivo da sensibilidade e da inteligência do corpo. Em alguns espaços do ensino técnico deve ser proposta a introdução sistemática de atividades corporais e estéticas. Temos refletido o quanto a atividade corporal nos permite apropriar a informação e a internalizá-la como conhecimento. A atividade corporal é tão inerente à condição humana que se trata somente de recordá-la, por meio de jogos, exercícios corporais, experiências meditativas associadas a imagens e sons. Pensar em ambiente escolar, em que a Educação Física contempla todas as séries do currículo escolar, está longe de ser uma unanimidade em nosso sistema de ensino. Trata-se de mais um ponto de contradição, na paisagem educacional brasileira. No que diz respeito à intervenção da Educação Física junto a pessoas que, no âmbito do ensino técnico, necessitam dessa atividade, surgem questões sobre a especificidade do comportamento motor dos indivíduos.

No começo de nossa investigação já tínhamos a convicção de que a escola e a Educação Física devem ser vistas como uma prática primordial para o desenvolvimento do indivíduo num ambiente humano, cultural e social.

Pensar a Educação Física na escola, dando conta de atender alunos do ensino técnico supõe, sobretudo, a sintonia com o projeto pedagógico da escola e com debates educacionais de fundo. A participação ímpar do componente curricular Educação Física no cotidiano escolar deve reunir a especificidade da área à docência. No centro dessa discussão, pretendemos, portanto, observar qual a ligação da escola com o mundo do trabalho do aluno e como se dá sua relação com a Educação Física, ou seja, uma prática que ainda-não se consolida nesse ambiente, de acordo com Souza (2007).

Este “ainda-não” constitui a categorial fundamental da filosofia de Ernst Bloch, a qual se estrutura basicamente na determinação do ser e do ente por meio da “antecipação do futuro” no ser do presente, ou seja, na determinação do ser presente pelo horizonte do futuro. A realização e a exteriorização dessas potências não é o resultado de um processo imanente automático, mas depende da atividade prática dos sujeitos. Estes devem apoderar-se dessas possibilidades de transformação e utilizá-las no sentido de uma prática transformadora verdadeiramente humana (SOUZA, 2007). Outro aspecto diz respeito ao processo de subjetivação presente na contemporaneidade pelas nossas vivências tecnológicas e sua possibilidade de visibilidade na prática pedagógica da Educação Física. Todas essas questões nos levam a perceber a urgência dessas temáticas no cenário das práticas corporais na escola; no sentido de reorientação dos saberes/fazer dos educadores/das educadoras de Educação Física acompanhadas pelas transformações ocasionadas pelas tecnologias de informação e comunicação no cotidiano escolar, de maneira a corrigir e ultrapassar os aspectos deficitários.

Nesse instante de vislumbramento de possibilidades, encontramos em Ernst Bloch, o filósofo que foi o fundador de um pensamento neomarxista da “utopia”, em torno da idéia da base real do “sonho de uma vida melhor”. Ele fala sobre a ousadia de sonhar e coloca a utopia no cerne da existência humana, cabendo à ação subjetiva interpretar e realizar as possibilidades utópicas ainda-não-realizadas do passado, e remodelar as necessidades reprimidas da humanidade, quando surgem no conjunto complexo dos produtos culturais por meio dos quais a história é entendida.

No pensamento de Bloch (2005), a verdade vem sempre acompanhada de um sentido de emancipação, apresentando-se como uma espécie de alavanca para uma prática transformadora. Essa prática humanista pode concretizar-se no processo real da história humana, porque nela está latente uma tendência protoutópica, que ainda não conseguiu realizar-se. Compreender o que foi, significa apreender algo, não apenas como foi, mas também apreendê-la como um devir, um tender para algo mais, o tornar-se de um processo que ainda não alcançou sua meta. Bloch (2005) pressupõe um mundo aberto, a existência da

possibilidade, objetivamente real e não apenas da necessidade fechada. A abertura para o futuro é uma grande categoria, deve-se mergulhar por sobre o horizonte. Naquela dimensão difícil da realidade, que não é nem o ser presente, nem o ser em processo, mas o ser que ainda não é, da esfera do novo, da mediação do agir e da esperança.

Com essa orientação e compreensão da tendência para o novo, “mais do que nunca é preciso praticar a Educação Física como tempo e lugar de afirmar e reafirmar a vida como ato de resistência e de criação” (VAGO, 1999).

“Justamente porque a esperança legítima circula no mundo, passa pelo mundo e opera em mediação com o seu processo objetivo, ela se encontra junto com este processo numa empreitada ousada, que é a linha de frente” (BLOCH, 2006, p.459).

O autor afirma ainda que, somente no momento em que o alvo pode ser legalmente esperado e atingido, a saber, a humanização, não for obscurecido pelo inadequado, é que também as leis, em vigor do desenvolvimento dialético e de sua possibilidade mais remota, podem conduzir efetivamente e frutificar exitosamente.

A ideia, com essa investigação foi produzir resultados capazes de beneficiar o conhecimento pedagógico da Educação Física e também ao universo da educação profissional e tecnológica, que está se tornando muito rico e abrangente. Esperamos também contribuir para o incentivo à investigação que trabalha buscando aproximar-se do rigor científico, pelo desenvolvimento do poder de argumentar, relacionar, de verificar controvérsias e de fazer críticas, fundamentando com as próprias evidências dos atores e comparando com as teorias. A escolha e a experiência da pesquisa foi gratificante, pois além do esforço científico, pode ser evidenciado o lado humano dos sujeitos abordados: seus sentimentos, conhecimentos e experiências, e ao investigar as pessoas nesse contexto, ao mesmo tempo, pode-se refletir sobre o próprio trabalho, olhar de um modo mais mediado a própria evolução e, nesse processo, é possível antever, no horizonte, mudanças no marco teórico da própria pesquisadora, e a vontade de continuar a pesquisa, na esperança de diminuir suas atuais limitações, desenvolver suas potencialidades, e assim, encetar o trajeto por caminhos a cujo acesso recém percebe a abertura.

1.2 Formulação do problema

Compreendendo a Educação Física como uma prática necessária ao desenvolvimento humano e, por outro lado, observando sua ausência ou presença muito limitada na educação profissional e tecnológica, que desenvolve ação educativa junto aos jovens, formulou-se o

problema de investigação: qual a visão dos professores de Educação Física do Ensino Médio e dos alunos do ensino técnico profissionalizante, com relação à inexistência da Educação Física e suas implicações no desenvolvimento de princípios, valores, conteúdos culturais e práticas corporais nas instituições de educação profissional e tecnológica?

1.3 Objetivo do Estudo

Este estudo foi desenvolvido com o objetivo de investigar a visão dos professores de Educação Física do ensino médio e dos alunos dos cursos técnicos profissionalizantes, da rede da educação profissional e tecnológica do RS, com relação à inexistência ou insuficiência da Educação Física, nesse setor do ensino, e elaborar uma reflexão, fundamentada teoricamente numa concepção humanista e crítica da Educação Física e do ensino técnico, que apresente um caráter propositivo, de integração da Educação Física, nesse meio.

Por meio do processo metodológico, a seguir especificado, num primeiro momento descritivo explicativo e num segundo momento compreensivo interpretativo a respeito da problematização da investigação, pela pesquisa de sua realidade e de suas possibilidades, pretendeu-se afirmar a educação profissional de modo que ela, ao mesmo tempo, seja integrada nos projetos educacionais de sentido abrangente e configurar um campo próprio nas políticas públicas, com suas especificidades.

Com a intenção de perceber a realidade que cerca o movimento humano, e que o profissional, por mais preparado teoricamente que seja, também se movimenta, pretendeu-se contribuir para a ampliação do entendimento dessa questão polêmica e complexa que representa significativa parcela de alunos envolvidos, procurando descobrir se e como a Educação Física pode colaborar para a formação desse profissional (técnico).

2 EDUCAÇÃO FÍSICA PARA HUMANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

2.1 Sobre a Educação Física

O homem, por meio de suas ações, faz a história, e com o passar do tempo, essa história é modificada por esse mesmo homem. Na Grécia, berço da Olimpíada havia o culto ao corpo. Começou com as corridas a pé, passando após certo tempo, para arremesso de dardo, lançamento de disco e salto em distância. Os cidadãos escolhiam, pelo voto direto, os ocupantes de cargos públicos na praça central e assim nascia a democracia. Se já era honroso competir, o campeão tornava-se um semideus, quando não se tornava em lenda como Hércules, símbolo da força e da inteligência. Com a invasão romana, os Jogos Olímpicos foram proibidos pelo imperador romano Teodósio, pois a aristocracia romana começava a sua decadência moral ao pagar os competidores. No ano 1896, os Jogos Olímpicos são retomados em Atenas, por iniciativa do francês Pierre de Fredy, conhecido como o barão de Coubertin. Nessa primeira Olimpíada da Era Moderna, participam 285 atletas de 13 países, disputando provas de atletismo, esgrima, luta livre, ginástica, halterofilismo, ciclismo, natação e tênis; e os vencedores das provas foram premiados com medalhas de ouro e um ramo de oliveira.

O sonho de educar – física, intelectual e moralmente – de acordo com Gondra (2004), configurava a utopia de uma educação integral para os médicos higienistas no século XIX. E, no centro dessa utopia, encontrava-se a influência da Educação Física no desenvolvimento do homem. Os médicos desse período, em suas considerações acerca da Educação Física, percorrem o roteiro da higiene, seja ao assumir um tratamento do assunto associando a questão do físico à moral e à religião, seja ao definir que o início da Educação Física ocorre no início da vida intrauterina, ainda na gravidez. A Educação Física só seria bem sucedida caso fosse observado um conjunto de outros aspectos. Uma boa educação pública seria a que pudesse enfrentar as diversas dimensões humanas, como a preocupação com vestimentas, cuidados com a limpeza corporal e com os alimentos. O tratamento ao qual deveria ser submetido o objeto da Educação Física deveria ser o de infundir nos seus ânimos paixões doces e agradáveis, que iriam influir sobre sua constituição física; pois esses sentimentos, aumentando ligeiramente sua intensidade, favorecem todas as suas funções. Desenvolvendo o corpo e ativando convenientemente a imaginação, ocorre uma contribuição para o desenvolvimento da saúde, sendo que o objeto da educação física deveria ser trabalhado de modo associado aos “espíritos,” que se queriam esclarecidos, e às “almas,” que se queriam virtuosas; assim teríamos corpos robustos e dotaríamos o Brasil com filhos dignos de

sustentarem a sua honra e as instituições que apóiam nossa convivência. A reflexão desenvolvida pelos médicos higienistas apontava para uma articulação entre os aspectos físicos, morais e intelectuais. Ao defender a estreita ligação entre as três dimensões do homem, Gondra (2004) afirma que esses médicos definiam que o programa escolar deveria intervir na formação da nova geração como estratégia para sua higienização e, portanto, funcionaria, igualmente, como higienizadora das próximas gerações.

O Brasil, na sua constituição de 1988, passou a ser um dos vinte primeiros países que introduziram o esporte no seu texto constitucional. Tubino (1989) criou um extraordinário documento contendo todo o debate constituinte brasileiro, que finalmente, emergiu na Carta Magna de 1988, situando a prática desportiva como dever do Estado e direito de cada um. A instalação dessa prática pedagógica, de acordo com Bracht (1999), na instituição escolar emergente dos séculos XVIII e XIX, foi fortemente influenciada pela instituição militar e pela medicina. O nascimento da Educação Física surgiu, por um lado, para cumprir a função de colaborar na construção de corpos saudáveis e dóceis, com uma educação estética (da sensibilidade), que permitisse uma adequada adaptação ao processo produtivo, ou a uma perspectiva política nacionalista, e por outro, foi também legitimado pelo conhecimento médico-científico do corpo, que referendava as possibilidades, a necessidade e as vantagens de tal intervenção sobre o corpo.

No século XX, o controle do corpo, por meio da racionalização, repressão, com enfoque biológico, vai gradativamente dando lugar a um controle via estimulação, enaltecimento do prazer corporal, com enfoque psicológico (FOUCAULT, 1995). Ao sair de uma visão militarista e de enquadramento do corpo às normas de padrão, da década de 90 para cá, a Educação Física se abriu, se destacou e se transformou, quando começou a se preocupar com o social, embora seja ainda muito forte a questão de “educar” o físico. A Educação Física passou a ser um veículo que pode transformar pessoas excluídas em pessoas que se reúnem para ter mais dignidade; ela ganhou em cidadania e se multiplicou em tecnologias. Avançou também no sentido mais sinestésico, como com os atletas de futebol, e dedicou-se à tarefa de delinear a forma dos corpos, para estar nos padrões admitidos da moda. Além disso, trouxe contribuições na conexão com os idosos, com as crianças, com a visão de mantê-las no foco, nas suas missões de vida.

Socialmente, a Educação Física avançou na contribuição de sobrevivência. Por exemplo, há a convicção de que, se a pessoa está mexendo o corpo, não está nas drogas, na marginalidade, portanto, por meio da Educação Física, ou do entretenimento no sentido físico, vê-se uma maneira de manter as pessoas ditas marginalizadas, incluídas. Há uma grande

preocupação com o número de crianças que saem da marginalidade, e menos com a profundidade ou qualidade das aulas de Educação Física.

Para Pessanha (1997), a razão ocidental foi empobrecida a partir da modernidade, quando fez a opção exclusiva pela clareza do modelo matemático, quando por meio de Descartes e Bacon fez a escolha por uma forma de cientificidade que pretendeu negar tudo que fosse dotado de alguma ambivalência. Ao deixar de lado as chamadas idéias obscuras também deixou de lado tudo o que, na condição humana, é ligada ao corpo e ao tempo. Por outro lado, a pós-modernidade evidencia a exacerbação do culto ao corpo, marcado pela busca desenfreada de beleza, saúde e imortalidade. Nossa sociedade criou um aparato consumista para atender a esse apelo: academias, intervenções estéticas, moda, medicamentos, cosméticos, entre outros. Nesse contexto, a atividade física, as “ciências da saúde” e a biopolítica ganham cada vez mais espaço (PEREIRA, 1988).

A intelectualidade mundial tem passado por uma série de interpretações e reflexões, no sentido de oferecer caminhos nem sempre esperados para a tradução da contemporaneidade, nessa passagem para um novo milênio. Em todas as áreas do conhecimento e ação humana, há o estudo de tendências contextuais, considerado por Tubino (2000) como um momento mágico em que existe toda uma teorização genérica que circunda estas análises pontuais e que oferecem perspectivas diversas, dependendo da ótica de seus formuladores.

Ao dividir o século XX em três eras (Era da Catástrofe, Era de Ouro e Era do Desmoronamento), Eric Hobsbawm (1994) estabeleceu que o mundo estaria atravessando agora a “Era do Desmoronamento”, na qual tudo se rompe para, quem sabe, surgir uma outra realidade. Morin (1990) por sua vez, explica a ruptura definitiva do cartesianismo pela chegada da complexidade, em que as linearidades cedem lugar para as redes de relações complexas. É evidente que, diante da evolução histórica e da mudança de consciência que a acompanha, a Educação Física não poderia continuar como aquela parte do processo educativo, apenas voltada para os escolares do ensino fundamental e médio, deixando aquela eterna dúvida, se era uma disciplina, ou apenas uma atividade.

Na verdade, a crise da Educação Física chegou a uma grande amplitude, chegando-se a afirmar que o seu futuro estava comprometido em razão do seu descrédito e decadência, e pela entropia dos seus processos pedagógicos estagnados, pela desvalorização crescente dos próprios profissionais e pela dificuldade de mudança conceitual. Paradoxalmente, as atividades físicas e as práticas esportivas ganhavam relevância. Felizmente, a magia da passagem para o novo milênio chegou à crise mundial da Educação Física. Os organismos

internacionais que têm responsabilidades primordiais sobre Educação Física, sobretudo, a *Fédération Internationale d'Éducation Physique* (FIEP) o *International Council for Sport Science and Physical Education* (ICSSPE) e a *United Nations for Science and Culture Organization* (UNESCO), em três eventos seguidos, de Outubro de 1999 a Janeiro de 2000, discutiram e aprofundaram o novo conceito de Educação Física, que veio a ser consagrado no Manifesto Mundial da Educação Física FIE 2000. O ICSSPE, ao promover o *World Summit on Physical Education* (Nov/1999), apresentou as conclusões desse importante evento pela Agenda de Berlim 1999, na qual foram indicadas as ações efetivas e os preceitos para uma Educação Física de Qualidade. As premissas para essa Educação Física de Qualidade sinalisaram para um novo entendimento dessa área. A UNESCO, ao organizar a Terceira Conferência Internacional de Ministros e Altos Funcionários Encarregado da Educação Física e do Esporte – MINEPS III (de 30/11 a 3/12/1999), emitiu a Declaração de Punta Del Este e as Recomendações do MINEPS III. Nesses dois documentos, a Educação Física é tratada como campo educativo privilegiado para a promoção humana, reforçando as prescrições da Agenda de Berlim. Pode-se dizer que esses dois encontros internacionais delinearão as bases para um novo conceito de Educação Física, o que viria a ocorrer por ocasião do Congresso Mundial FIEP de Educação Física de Foz do Iguaçu (8 a 13/01/2000), quando foi lançado o Manifesto Mundial da Educação Física FIEP 2000, o qual, no seu art. 2º veio reconceituá-la (TUBINO, 2000).

No novo conceito, Educação Física deixa sua delimitação de atividade para a infância e adolescência, e passa a constituir-se como um processo de Educação ao longo da vida das pessoas, isto é, passa a ser uma Educação Física para crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Vem objetivar o desenvolvimento nas pessoas, partindo dos seus direitos para um estilo ativo de vida. Nesse processo, a educação para a saúde e lazer passa a ser prioritário. A Educação Física, nessa nova interpretação passa a ser um ensino para a criação de habilidades motoras, atitudes e conhecimentos. Esse novo conceito renovado de Educação Física além de dar sentido aos seus programas rompe com o seu entendimento como simples atividade, passatempo ou moda.

Os debates acadêmicos que dão (ou deveriam dar) suporte à Educação Física precisam ser aprimorados e estar mais próximos das questões vivenciadas no dia-a-dia da intervenção profissional. E as pesquisas na área da Educação Física no ensino técnico profissionalizante devem investir mais sobre o campo de atuação profissional. A questão da formação profissional ocupa posição de destaque em discussões acadêmicas, profissionais e políticas. Nesse sentido, há um consenso raro: a necessidade da formação profissional adequada para

atender às demandas específicas de alunos, em contextos complexos e dinâmicos como uma sala ou quadra de aula. Mas, a inclusão da Educação Física no âmbito do ensino técnico necessariamente implica em mudanças no sistema de ensino, e há que se considerar a prática reflexiva como aspecto importante a ser considerado quanto à consecução dos resultados almejados pela escola, pois, como Mittler (2003, p. 184) sugere, "criar oportunidades para reflexão e discussão é essencial na implementação de qualquer tipo de inovação".

A escola tem papel fundamental na relação do todo social, que é indissociável não apenas na relação com o conhecimento. Esta relação buscada por si só deixa de ter sentido, mas toma sentido e se completa na relação humana que se estabelece com o conhecimento.

Informação há em todo lugar, no entanto, a escola tem o dever e a capacidade de sistematizá-lo, organizá-lo de maneira compreensível aos que o acessam. Contudo, as escolas brasileiras não agregaram, prioritariamente, funções que se ligavam à seleção, organização e sistematização dos saberes, mas antes preocuparam-se com a manutenção, ascensão e controle social. A Educação Física pode e deve ser um lugar de problematização e investigação da história de vida dos alunos que trazem suas culturas corporais, que inventam outras formas de jogos, de brincadeiras, de questionamento dos padrões estéticos, de busca de inclusão.

Segundo afirma Vago (1999), em todos esses âmbitos, devemos insistir na defesa e na prática de um enraizamento escolar da Educação Física, sua inserção na cultura escolar como uma área do conhecimento responsável pela problematização e pela prática da cultura corporal de movimento produzida pelos seres humanos.

A escola foi e é um dos lugares dessa produção; no entanto, a cultura corporal não se esgota no já existente, aceito e praticado. A Educação Física pode ser também tempo e lugar de investigação e problematização da história de alunos e alunas encarnados e presentes na escola, que revela o conhecimento sobre as práticas corporais da cultura de que são portadores (as); de invenção de outras maneiras de fazer os esportes, as danças, a ginástica, os jogos, as lutas, os brinquedos, as brincadeiras; de questionamento dos padrões éticos e estéticos construídos culturalmente para a realização dessas e de outras práticas corporais; de realização do princípio de que os alunos e alunas podem e (devem) se colocar à disposição de si mesmos quando partilham, fluem, usufruem, criam e recriam as práticas corporais da cultura; de garantia do direito de todos (as) participarem, sem exclusão por nenhum motivo; de respeito à corporeidade singular de cada um, construída em sua história de vida.

A Educação Física deve ter o compromisso com o desenvolvimento humano e ser transformadora, sob todos os sentidos e conservar o que há de bom. Nessa perspectiva, Pereira (1988) afirma que, ao ajudar na problematização do social, no questionamento da realidade,

naturalmente professores de Educação Física devem procurar essa mesma realidade, pois, bem mais do que a crítica, a conscientização pressupõe desmitificações e ações concretas. Persiste a necessidade de uma prática social implantada nas escolas públicas que considere e possa alterar as diferentes realidades dos alunos. O aluno, por meio das práticas da Educação Física, pode ter favorecido seu desenvolvimento como um ser inteiro, de modo a fortalecer a força de vontade, a solidariedade, o respeito, a participação e a conscientização. Deve-se construir, nas salas de aula, um ambiente alfabetizador, ou seja, há a necessidade de mudanças nas relações entre professor, aluno e objeto de conhecimento, e é preciso que os alunos sintam-se instigados na apropriação desse conhecimento sob diferentes formas. É de consenso entre pedagogos e educadores que, para ser um ambiente alfabetizador e em todo o sentido estimulante, precisa-se criar um ambiente, no qual todos possam interagir, trocar experiências e explorar o espaço em que estão, pois, de acordo com Vago (1999), a relação que se estabelece entre professor e aluno deve ser de tal natureza que os conteúdos e valores, ao serem apropriados, não se privatizem: quanto mais processos se dão, mais se multiplicam, mais se expandem e se socializam.

É necessário lembrar que a Educação Física não se constitui somente na prática de modalidades esportivas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), 2002, propõem que as aulas de Educação Física ofereçam subsídios ao aluno para que, após frequentar as aulas, seja capaz de decidir, conhecer, escolher a melhor atividade, quantidade de repetições, reivindicar espaços de lazer, enfim, que seja um cidadão autônomo. Essa é a oportunidade ideal para ampliar e diversificar as informações desses alunos, inserindo-os na cultura corporal.

Como disciplina escolar, a Educação Física é uma das “entidades culturais” da escola e nessa condição assume o caráter específico desse lugar, encarnando-o (VAGO, 1999). Esse autor constata que ela é uma propriedade e um produto do ambiente escolar: a ele pertence, por ele se define, nele se constitui e se realiza; é então que se pode falar em uma cultura escolar de Educação Física. A exclusão da camada popular não se refere somente ao acesso à escola, mas também no âmbito da cultura corporal do movimento. Deixar a Educação Física fora da obrigatoriedade nos cursos técnicos dificulta as possibilidades desses alunos de terem conhecimento sobre as práticas corporais, as quais muitas vezes são acessíveis somente para os que possuem poder aquisitivo. E mesmo aqui, cada escola tem a sua personalidade própria, que a caracteriza e que formaliza o comportamento de seus membros e é preciso estar alerta para essas significativas diferenças e também para vislumbrar, como decorrência, sua intervenção nesse lugar próprio, que é a escola e partindo dela, nas práticas culturais da sociedade, com as quais se identifica ou rivaliza.

No desejo de apresentar as categorias e as problematizações que orientam nossas reflexões sobre o tema, surgem questões como: do ponto de vista educativo, qual o significado da educação corporal? Que tipo de educação corporal a escola e a Educação Física vêm realizando? Porque há o desinteresse pela educação corporal na escola e quais suas determinações sócio-históricas? A visão racionalista ocidental, afirma Bracht (1999), considerou possível separar a educação intelectual, de uma Educação Física ou corporal, e ainda de uma terceira educação, a moral, na visão de Kant (1989), filósofo que se preocupou com as diferentes dimensões da racionalidade, a expressão da ação consciente do homem sobre as coisas. Centrando nossa atenção sobre a dinâmica corporal e sobre como a corporeidade nela se apresenta, se estamos num momento de transição na cultura ocidental – caminhando para uma cultura pós-moderna – entramos num campo bastante complexo e indefinido e que se coloca como um desafio; e seria também importante perguntar em que medida as práticas corporais estão tendo uma nova visão de corpo (ou um novo significado humano de corpo). Está-se, então, gestando uma nova visão que supere a visão moderna de corpo-máquina, corpo-ter? (BRACHT, 1999).

Faz-se necessária uma leitura adequada da realidade, que possa se articular com um projeto alternativo realizável, na visão de Courtine (1995), pois o desafio se amplia na medida em que as mudanças ou permanências estão articuladas com as estruturas e os movimentos sócio-históricos das pedagogias progressistas, que se nutrem de um projeto alternativo de sociedade, que precisa se afirmar diante do hoje hegemônico. O outro desafio é do ponto de vista epistemológico, pois esses questionamentos “colocam em questão a própria utilização do termo ‘crítico’ ou pelo menos nos obriga a repensá-lo” (SILVA, 1993, p. 137).

Vago (1999) se pergunta: de onde advêm tamanha importância e necessidade reconhecidas à educação? E ele mesmo afirma que o direito à educação decorre de dimensões estruturais coexistentes na própria consistência do ser humano. Só com o desenvolvimento das capacidades cognitivas do ser humano, como meio de penetração no mundo objetivo das coisas e do reconhecimento de si, que só se completa pelo concomitante reconhecimento igualitário da alteridade, é que a ação do homem com o outro e sobre as coisas torna-se humana e criativa. A capacidade cognitiva é a marca universal registrada do homem e uma qualidade humana que não se cristaliza, já que implica a produção de novos espaços de conhecimento, de acordo com momentos históricos específicos. Esses atores principais sabem da importância que o saber tem na sociedade em que vivem. Então, o direito à educação passa a ser politicamente exigido como uma arma não violenta de reivindicação e de participação política, portanto, sua efetivação em práticas sociais se converte em instrumento de redução

das desigualdades e das discriminações, possibilitando uma aproximação pacífica entre os povos de todo o mundo. A disseminação e a universalização da educação escolar de qualidade como um direito da cidadania são o pressuposto civil de uma cidadania universal, e parte daquilo que um dia Kant (1989) considerou como uma das condições "da paz perpétua": o caráter verdadeiramente republicano dos Estados, que garantam o direito de liberdade e de igualdade para todos, entre outros. A educação, com isso, sinaliza a possibilidade de uma sociedade mais igual e humana.

A diversidade de concepções do que é a educação e dos papéis assumidos pelo homem na sociedade acaba influenciando fortemente na maneira como se estabelecem as metodologias educacionais. De acordo com Faccin & Turchiello (2005, p.181), “norteadas por essas concepções encontram-se as pedagogias tradicional e nova, sendo que a primeira centra-se no educador e a segunda busca tornar prioritário o papel assumido pelo aluno no processo de aprendizagem.” As mesmas autoras afirmam ainda que os métodos tradicionais de ensino posicionam o professor diante dos alunos, como o único possuidor do saber, gerando uma baixa expectativa com relação ao potencial humano de aprender. Colocam a pedagogia nova como preocupada, fundamentalmente, com a valorização do aluno, centrando o processo de ensino em seus conhecimentos, ou seja, na busca da compreensão de novos conteúdos. O ser humano, em seu processo de desenvolvimento, necessita que seus aspectos biológicos interajam com os fatores culturais provenientes da evolução histórica do homem para se desenvolver e atingir altos níveis de conhecimento.

Tubino (2000) sempre acreditou ser possível afirmar que a Educação Física seria um dos campos de atuação mais importantes na orquestra de ações que buscam a promoção das pessoas neste milênio. É evidente que esta Educação Física com mais sentido substitui a Educação Física “passatempo” ou “funcionalista” de outrora, pois o importante é o processo do desenvolvimento de um estilo de vida, que leva as pessoas a uma qualidade de vida desejável e às oportunidades de entretenimentos considerados saudáveis, além de propiciar geração de seres integrais e melhores convivências humanas.

Partimos do pressuposto de que a especificidade da Educação Física escolar lhe atribui responsabilidades inerentes ao desenvolvimento da cultura corporal do movimento humano, como o sugere Gaya (2006, p. 56). Este autor entende por cultura corporal do movimento humano a competência relativa às habilidades passíveis de educar crianças, adolescentes e jovens para a utilização adequada de seu tempo de lazer, por meio de práticas corporais como o esporte, a dança, a ginástica e jogos. “Atitudes como responsabilidade com o próprio corpo, com um estilo de vida ativo, autoimagem positiva, confiança em si mesmo, respeito pelos

outros, cooperação, companheirismo e solidariedade” são fundamentais para a formação do ser humano e, “vêm associadas a valores que permeiam as práticas curriculares em geral e a Educação Física em particular e que, por isso, necessitam ser trabalhadas enquanto objeto educativo” (GAYA, 2006, p. 70).

Parece ser uma unanimidade entre os autores da área que ela deva trabalhar com os valores que façam frente à exclusão social, promovendo ações que privilegiem a defesa de uma cultura de paz, de respeito à natureza, de justiça social, de sensibilidade ao multiculturalismo, e de solidariedade, porque é imprescindível que a escola resgate e prolifere a esperança em um mundo melhor, instalando “redes de cooperação que ultrapassem limites nacionais, diferenças culturais, políticas, éticas e religiosas” (ALMEIDA, 2002, p. 24).

Compreendendo, então a Educação Física como uma prática necessária ao desenvolvimento humano, sendo que ela está ausente na Educação Profissional, que desenvolve ação educativa, e considerando esse “ainda-não“ da constituição dessa prática pedagógica, devemos nos apoderar dessas possibilidades de transformação e utilizá-las no sentido de uma prática transformadora.

Os pontos citados não esgotam a agenda de reflexões acerca do corpo, dos alunos das instituições de Educação Profissional e de sua relação com a Educação Física, mas constituem o começo desta pesquisa.

2.2 Para a Humanização

Não se pode encarar a educação a não ser como um “quefazer” humano lembra Paulo Freire (1997). Disso resulta que a consideração acerca da educação como um fenômeno humano nos envia a uma análise, ainda que sumária, do homem. No momento em que ‘nos preocupamos com educação, devemos nos fazer perguntas como o que é o homem, qual a sua posição no mundo. Diante dessa preocupação, que implica em indagações, a resposta que a ela dermos encaminhará a educação para uma finalidade humanista ou não. Não há uma teoria pedagógica, que implica em fins e meios da ação educativa, que esteja isenta de um conceito de homem e de mundo. Nesse sentido, não há uma educação neutra. Ao considerar o homem como um ser de adaptação ao mundo (tomando-se o mundo não apenas em sentido natural, mas estrutural, histórico-cultural), a ação educativa, os métodos, os objetivos, adequar-se-ão a essa concepção. Se for considerado um ser em transformação, o fazer educativo seguirá de

outra forma. E, finalmente, se o encararmos como pessoa, nosso “quefazer” será cada vez mais libertador.

Na concepção de Freire (1987), educar dentro de uma perspectiva libertadora de homem é reconhecê-lo como ser histórico-social em determinado contexto, o qual influencia seu agir e determina a educação que se quer. O educador deve ter, acima de tudo, convicção e consciência de seu poder transformador diante da realidade de uma sociedade que oprime e reprime manifestações de criação, liberdade e busca por igualdade de direitos. A educação só é possível porque o homem é um ser inacabado e sujeito da sua própria educação, construindo seu conhecimento no dia-a-dia e na interação com a sociedade.

Abordamos esse ponto básico: o homem como um ser no mundo, com o mundo, para que resulte clara a posição educativa que defendemos nestas exposições. O desenvolvimento tecnológico marcante no século XX, de acordo com Caballo (1993), impulsionou a busca do domínio de habilidades técnicas. Durante muito tempo, a aquisição de competência técnica era um fator fundamental para se obter sucesso pessoal e profissional. Porém, profissionais competentes, em diferentes e variadas áreas de atuação, fracassam em suas interações com os colegas, clientes ou subordinados.

Nesse sentido, Antunes (2005) afirma que o ser humano, possuindo cultura e sem um interior equilibrado e altruísta, transforma o conhecimento que possui em arma de poder, em vez de ajudar os outros a serem felizes, faz deles objetos acrílicos e escravos da sua sabedoria.

Tais questões nos desafiam a refletir mais detidamente sobre o conceito de homem, humano e humanização. Com todas essas referências, o caminho está aberto para pensarmos na questão da “humanização”. Desde o começo da construção reflexiva dos homens a respeito de si mesmos, há uma compreensão básica, justamente, de que o homem é o ser que se compreende, que tem consciência de si, e se destaca dos demais seres vivos por sua capacidade de consciência e compreensão. Portanto, se o específico do homem é o seu ser reflexivo e capaz de compreender, então também o homem é antes de tudo aquilo segundo o qual ele se compreende (Apud ALBORNOZ, 2007, texto inédito).

De acordo com os antigos filósofos gregos, por exemplo, para Platão, a concepção de homem é a de uma natureza dupla. É o que serve o seu corpo como tal não é ele mesmo, o corpo, mas algo distinto: a alma. Porém, há outra duplicidade, o homem habita o reino do meio, entre o saber e o não saber, ele sabe que não é bem sábio como os deuses, nem bem ser irracional como as feras, mas o nem isto nem aquilo não é isto e aquilo, mas um terceiro. Carregando o destino dessa natureza dupla, o homem precisa harmonizar aspectos contraditórios: mortalidade e imortalidade, corpo e alma, matéria e espírito, matéria e forma,

temporalidade e eternidade, dinâmica dos instintos ou impulsos, e domínio da razão. Como pensava o próprio Aristóteles, o homem é um ser de linguagem sofisticada, que por ela expressa uma capacidade de pensar superior aos outros seres, por outro lado, essa linguagem estabelece os seres humanos como seres de relação entre si, que se estabelecem em relações sociais e da ordem da ação, do poder, da lei, essenciais para sobreviverem em suas casas coletivas, as cidades. E, também nas visões filosóficas da Roma antiga, na descendência direta da filosofia grega, o homem é o único ser que tem sentido de ordem e de medida; é sensível à beleza, à amabilidade e harmonia das partes; só o homem pode planejar, antecipar ações e assim, configurar sua própria vida de acordo com a razão, sendo a racionalidade comum aos homens e a Deus (Apud JAEGER, 1994).

Da antiguidade à época moderna, de Cícero até Pufendorf, Descartes e Pascal, o homem é visivelmente feito para pensar, e essa pareceria ser mesmo toda a sua dignidade. No modo de pensar dos modernos iluministas e idealistas, a humanização decorre da perfectibilidade humana, sendo, portanto, obra da educação. Essa afirmação da perfectibilidade humana vai dar, por sua vez, uma nova importância à obra da educação, para a humanização. Já no humanismo da Renascença, antecipando o Iluminismo do século XVIII, o homem vai ser compreendido menos como determinado pela natureza ou pela vontade divina, mais como ser livre e potente, criador de si mesmo, afirmando-se uma visão mais completa do homem, menos centrada no espiritual, mais completa, como se pode constatar nas sugestões de Erasmo de Rotterdam em seu ensaio sobre a educação infantil (Cf. ALBORNOZ, comunicação oral na ANPED-Sul, 2008).

No século XIX, a imagem do homem aparece sob várias luzes; na realidade, as imagens do homem se diversificam. No entanto, sob a influência do evolucionismo de Darwin, é muito forte a imagem do homem como produto da evolução (apud Albornoz, texto inédito, 2007). E um dos novos modos que se afirma na concepção contemporânea de homem, no século XX, é a do homem como ser de vontade e impulso. Além do marxismo, também a psicanálise contribui para a destruição do idealismo da visão clássica do homem como ser racional e, sobretudo, político.

Na passagem da modernidade à nossa época pós-moderna, os pensadores da teoria crítica são também uma referência insuperada, que obriga à reflexão e provoca ao debate. Os antigos e os modernos foram reconciliados e realizaram sua união no pensamento iluminista sobre a perfectibilidade do homem, e dali para cá, as vicissitudes do conceito de humanização têm sido muitas, mas não há como preencher esse vazio sem reabrir o debate e a reflexão sobre o que parece ter desaparecido ou está ao mesmo tempo em mudança e em questão. Há

uma ordem do humano no todo do real, no seio do universo, diferente das outras ordens, irredutível às classificações biológicas ou físicas. A distinção usual entre os reinos mineral, vegetal e animal, ao qual pertence o homem, não diz muito sobre o humano, o humano é o próprio da humanidade, e só pode ser determinado partindo dela mesma.

O homem e o humano também podem ser ditos como pontes entre o natural e o cultural; não mais a natureza dupla de corpo e alma, intermediária entre o animal e o divino, mas, na linguagem desencantada dos usos científicos modernos, o homem e o humano fazem a ponte entre a natureza e a cultura. Na visão de Jaeger (1994), a importância universal dos gregos como educadores deriva da sua concepção do lugar do indivíduo na sociedade, e por causa disso, o autor faz uma interrogação: “teria sido possível a aspiração do indivíduo ao valor máximo que os tempos modernos lhe reconhecem, sem o sentimento grego da dignidade humana?” Partindo do mito da razão soberana, a modernidade realiza o giro epistemológico que aspira conhecer o mundo (e Deus) desde o humano e não mais entender o humano desde o mundo (e/ou Deus).

Schilling (2007), escrevendo a propósito de Ernst Bloch, ressalta a contribuição do marxismo para a consciência do futuro, pois, desde a amnésia de Platão, até o tardio voo da coruja de Hegel, a filosofia tinha sua atenção voltada para o passado. O grego, para a viagem que a alma realizava em direção ao arquétipo, bem antes do corpo nascer, e o alemão, para a história do espírito vista pelo pássaro de Minerva, com os olhos voltados para o que ocorreria. Marx foi o primeiro pensador moderno a colocá-la, à filosofia, como um poderoso instrumento capaz de vir a investigar o futuro, abrindo assim o caminho do novo, para a problemática do *novum*, incluindo uma reflexão mais elaborada e precisa do que nos aguarda pela frente. Assim, o marxismo seria a doutrina que incluiu o futuro (a implantação da sociedade socialista), como fator essencial para a compreensão do passado e o entendimento do presente.

Bloch (2005) distinguia duas correntes do marxismo, ou duas vias para chegar a Marx. A corrente quente (herança utópica que liga imaginação e conquista do poder, crítica ideológica e crítica da cultura, dos valores, das mistificações, da alienação) e a corrente fria (“detectiva”, científica, econômico-política). Devolvendo ao marxismo “científico” a força ardente da idéia de um futuro libertado, ele pretendia reequilibrar as duas correntes, destacando a importância do elemento subjetivo nos combates coletivos e a defesa da força expressiva de cada um e do potencial antecipante, isto é, utópico, do ser humano. Essa “consciência antecipante” vive também na liberdade individual e na capacidade de sonhar, mas é feita, sobretudo de experimentação e de imaginação coletivas, tornando-se

possibilidade coletiva futura no processo de luta. Desta forma, rejeitava Bloch (2005/2006) qualquer visão determinista que considerasse «inevitável» o advento do socialismo. As necessárias condições objetivas de pouco serviriam se não houvesse a capacidade de organizar a esperança e transformar, ao mesmo tempo, o trabalho, a vida e a consciência de cada um. A utopia não é uma imagem acabada dos “amanhãs que cantam”. É um horizonte de esperança que atua hoje sobre a humanidade. Quem pode cantar não são os amanhã, somos nós, hoje, entrevendo a possibilidade de outro mundo. Porque este está estafado pela exploração do trabalho e pela mercadorização da vida, e cimentado com a mentira.

Albornoz (2003) observa que essa intuição leva a pensar que a utopia também move a educação, enquanto lugar de acompanhamento deste surgir do novo no homem, quase do mesmo modo como dá conteúdo à arte. Conceituada a utopia conforme Bloch (2005/2006), arte e educação com ela se relacionam, dela se alimentam e, juntas, dela extraem a sua inspiração.

Nessa linha de pensamento, o ser humano desde cedo deseja encontrar a si mesmo. Porém, não sabemos quem somos. Somente está claro que ninguém é o que gostaria ou poderia ser. Aí surge a inveja daqueles que parecem ter, parecem ser o que cabe a nós. Mas, daí vem também a vontade de começar algo novo, algo que começa conosco mesmo. É dentro de nós que está aquilo que poderíamos vir a ser. Manifesta-se como a inquietação de não estar suficientemente definido (BLOCH 2005/2006).

Diante desse ser que deseja externar o que é seu, o que é e o que pensa ser, os jovens têm um padrão ousado de busca e de conhecimento, porém, a escola normatiza. Ela continua sendo uma atividade conformada, e nenhum de seus modelos chegou a ser um modelo do amanhã.

Há, no entanto o único tipo de educação utópica no bom sentido, a que compreende e aprende o antigo a partir do novo, e não o inverso, e que não faz recuar a maneira canônica de querer e saber para dentro do que já foi vivido ou que está conscientemente travado. Surge aí, o andar ereto, o ser-si-mesmo no ser-em-comum, alunos e professores vivem à frente, nos limites que avançam constantemente, vivem onde o próprio alvo é recente, no rumo do qual o discente se torna desperto e entra em forma. (BLOCH, 2005/2006).

Segundo Albornoz (2003), o impulso básico deste ser que é o homem, ser de pulsões, é para ser mais. Um impulso de ser mais acompanha o mergulho no abismo da alma, no espaço interior, de “olhos fechados”, que é o significado de “místico”. Este é o mesmo impulso pelo qual a arte vai se encontrar com a educação.

A felicidade individual, de caráter individualista, é ideológica, enganosa e precária; já a busca da felicidade coletiva, de caráter altruísta, é também utópica, mas, em outro sentido,

verdadeira e real: verdadeira e digna, digamos, moralmente, porque altruísta, e também verdadeira porque, sendo expressão coletiva, indica, de modo concreto, digamos, politicamente, a possibilidade real.

A felicidade da superação das fomes humanas, do respeito aos direitos humanos, que correspondem à idéia da dignidade humana, atualmente é esperança. Mas não é “mera esperança”, como algo que se posterga indefinidamente e deva ser classificado entre as ilusões ou, quem sabe mesmo, entre as superstições da humanidade. É esperança fundada na realidade, porque o desenvolvimento científico e técnico e a capacidade de produção dos homens já tornaram esse sonho apto a tornar-se realidade, só sendo necessária a conjunção das condições objetivas com as subjetivas, ou seja, de um lado, a superação da “estultice culpada” (Bloch apud Albornoz, 2006), quer dizer, superação dos enganos e desvios políticos e morais, da decisão humana e da liberdade; em outros termos, para que a felicidade coletiva comece a tornar-se realidade, o desenvolvimento necessário é o que se situa no plano da vontade política.

A felicidade na escola, na visão de Gadotti (2000) não é uma questão de opção metodológica ou ideológica, mas, sim, uma obrigação essencial dela, pois passamos muito tempo de nossas vidas na escola, e, portanto, não só nós professores devemos ser felizes nela. Em função desse tempo na escola, o autor afirma que ela está sendo desafiada a mudar a lógica da construção do conhecimento. O mundo de hoje é "favorável à satisfação" e a escola também pode sê-lo.

A antropologia filosófica contida nos textos de Bloch (2005) afirma, como dissemos acima, uma concepção do ser humano como ser de pulsões, que pressionam na direção de sua satisfação. Ao humano não é negado o movimento e a brecha da liberdade, tal como o fazem os determinismos, biológico-naturais ou econômico-sociais, mas também não é negado nem esquecido o elo íntimo, no ser humano, do espírito com a matéria, a vida, a carne, sendo essa a base que comanda a aparição da pulsão, do instinto, do desejo, da aspiração, da fome.

São diversas as fomes humanas, e Bloch (2005) não se esquece de tematizar as do corpo como as do afeto, as do conhecimento como as do espírito. Tais fomes múltiplas, que se apresentam em tão vários níveis e ante objetos de substância tão diversa, mostram as reais carências dos seres humanos, sendo essas carências sintomas de suas possibilidades ainda não realizadas.

Albornoz (2007) ressalta a interdependência da educação e da sabedoria, bem como da sabedoria e da felicidade, condição e consequência da saúde. O processo de automação introduzido pelas novas invenções tecnológicas, que invadem todos os âmbitos da vida, reduz

o tempo despendido em esforço material e possibilita mais tempo livre, ao mesmo tempo em que, muitas vezes, transforma a própria atividade humana em, como diz De Masi, um “misto de trabalho, estudo e lazer”, na medida em que o trabalho se torna predominantemente intelectual e exige mais formação intelectual do que força física. Isso não é sem problemas: de um lado, renova a questão da atividade física, essencial base da saúde que vai dever ser procurada dentro do tempo livre; de outro lado, deixa ainda em aberto também a questão da qualidade da atividade intelectual que acompanhará o ócio, que tornará o ócio criativo ou caminho para a felicidade (ALBORNOZ, 2007).

Essas duas questões, que não se resolvem de modo espontâneo e automático, dão o que fazer para os educadores. Com relação a elas pode-se lembrar a afirmação de Snyders (1998), de que precisamos de uma nova "cultura da satisfação", precisamos da "alegria cultural". Assim, a educação, como desenvolvimento das habilidades e do conhecimento, mas também da reflexão e da sabedoria, torna-se meio essencial para a saúde e a felicidade humana, pressuposta como finalidade máxima da ética (ALBORNOZ, 2007). A educação muda o seu sentido: de meio de transmissão da tradição e de adaptação da nova geração aos saberes, usos e costumes da geração adulta, e como treinamento em afazeres conhecidos, como predominantemente o foi, ao longo de sua história, na atualidade passa a ser o esforço por entender um complexo mundo em mutação; esforço por compreender, buscando estabelecer elos entre os diversos fenômenos e domínios estudados e reconhecidos, da tradição científica e erudita como por meio da rede de informação à disposição do grande público na internet.

Na modernidade, a educação “passou a possuir uma acepção muito especial, quando lhe foi imputada a responsabilidade quase que integral por uma formação antes supostamente confiada ao conjunto dos cidadãos” (VALLE, 2002, p. 277). À educação, agora entendida como uma ação especializada e direta, cabe agora uma formação cívica redimensionada pelas exigências liberais, entendidas como criação de condições básicas para que o equilíbrio social seja mantido em torno de certos valores de disciplina, de ordem e de confiança no progresso. Mas, realizada no seio da escola pública, a educação passa também a ser entendida como formação profissional, isto é, habilitação necessária dos cidadãos em trabalhadores eficazes na nova ordem. A educação reduz-se a uma das “políticas públicas” que passa a caber ao Governo. Assim, a impossibilidade da pedagogia consiste em apoiar-se numa autonomia que ainda não existe, para ajudar na criação da autonomia. A autonomia não se ensina, se exerce. O espaço da autonomia é que vai dar ao ser humano a confiança para tomar suas decisões. É fundamental que os professores criem esses espaços.

De acordo com Moura et al (2005), o desafio de quem trabalha com educação é cada vez maior, pois há muitos caminhos a serem seguidos, que são por sua vez influenciados por fatores que vão desde o nível de aprendizado que o aluno apresenta, pois estes recebem um número significativo de informações, até as exigências de adequação impostas pela sociedade.

Os educadores devem buscar novas maneiras e possibilidades de aprendizagens significativas a seus alunos, tornando-se necessário um profundo conhecimento de tudo que será trabalhado, inserindo atividades que possibilitem aos alunos expressarem seus sentimentos, emoções e atitudes.

De acordo com Vieira (2008), devem-se interpretar essas idéias, não com o intuito de encontrar a “luz”, para interpretar a realidade latino-americana, mas, sim, como um instrumento válido, que auxilie os seres humanos a se engajarem mais e mais na árdua tarefa da humanização da sociedade; na perspectiva da ética material de vida.

Finalmente, ante essa tarefa complexa, cabe ao esforço dos educadores ajudarem os indivíduos a dar sentido pela reflexão, fundamentada nas humanidades, às novas situações que desafiam os homens contemporâneos.

2.3 Da Educação Profissional e Tecnológica

Ribeiro (2007), afirma constatar com certa facilidade que, após a proclamação da República, vem aumentando a pressão de significativos setores da população brasileira no sentido do ingresso e permanência na escola; num primeiro momento, mais nos setores médios, mas vai se intensificando com a presença de setores populares propriamente ditos. A partir do final do século XIX, o fenômeno da urbanização se acelera cada vez mais, que é basicamente produto da necessidade de adaptação da sociedade brasileira aos interesses do regime capitalista internacional, e, a partir das primeiras décadas do século XX, se dá o processo de passagem, em que o trabalhador deixa juridicamente de ser escravo e passa a ser assalariado e, ao mesmo tempo todos os membros da sociedade brasileira deixam de ser súditos para serem efetiva ou potencialmente cidadãos.

Constitui-se, então, segundo Ribeiro (2007), outro fator de pressão no sentido da ampliação da rede escolar, e é nesse contexto de pressões sociais e políticas de diferentes origens, que acontece uma significativa alteração, mais de ordem quantitativa do que qualitativa, na organização escolar brasileira. Tal alteração, para a autora, foi significativa, pois considera que “não se resolvem as questões de qualidade, sem se resolverem as questões

de quantidade, pois é forçando-se pela quantidade, que se provoca, pelo agravamento dos problemas, o esforço coletivo necessário à solução dos mesmos.” (RIBEIRO, 2007, p. 200).

O positivismo penetra no contexto histórico do Brasil na segunda metade do século XIX, “marcado por ideais republicanos, pelo liberalismo político, pela luta para a abolição dos escravos, pelo ecletismo e pela ascensão de uma burguesia urbana, que vai ser decisiva na transição império-república.” (PAIXÃO, 2000, p. 21)

A respeito da organização da sociedade humana à luz do cientificismo, do século XIX e do movimento de busca da “Física Social” de Augusto Comte, Barros (1986, p.109) explica que: “a perspectiva dinâmica-histórica é o que singulariza o novo cientificismo. O filósofo deve compreender que a evolução humana obedece a leis rigorosas; que o determinismo presente no mundo natural é o mesmo que rege o desenvolvimento da humanidade.”

A cultura positivista, de acordo com Paixão (2000), baseia-se no que pode ser diretamente observado, medido, experimentado e confirmado em termos exatos; então, qualquer modo de pensar ou ação que foge ao padrão matemático, não passa no crivo positivo e são tratadas como fantasias metafísicas. Por ironia ou infelicidade, para a maioria dos "clássicos da sociologia", educação é uma prática socialmente difundida, "reproduzida", mas nem sempre democrática ou sequer institucionalizada. Portanto, com ou sem escolarização, para este "viés sociológico", a educação constitui um processo de transmissão cultural, cuja tarefa elementar é a reprodução do sistema social (ou, se queremos amenizar, das "condições da vida social herdada").

Assim, o que podemos descartar, em nossa perspectiva metodológica, seja na Educação Física, ou fora dela, de acordo com Camargo (2007), é o mecanicismo do pensamento positivista e não a observação, a experimentação e a comparação, que podem ser instrumentos fundamentais de crítica, se utilizados de uma forma dinâmica e processual.

Com a promulgação da nova LDB, Lei n. 9.394 (BRASIL, 1996), a educação brasileira passa por mudanças significativas, entre elas a desvinculação do ensino médio do ensino técnico e, deixa claro em seu Capítulo II, seção IV, art. 35, que o ensino médio é a etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos. Introduziu o termo educação profissional, que tem uma história recente na educação brasileira. “A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva” (Cap. III, art. 39). O Decreto n. 2.208 (BRASIL, 1997), ao regulamentar o § 2º, do art. 36 e os arts. 39 a 42, da referida lei indicou três níveis do ensino profissionalizante (art. 3º) e disciplinou a separação curricular entre o ensino médio (antigo segundo grau), o nível técnico (art. 5º), com objetivos

de formar profissionais, qualificar, reprofissionalizar, especializar, aperfeiçoar e atualizar os trabalhadores em seus conhecimentos tecnológicos objetivando sua inserção e melhor desempenho no exercício do trabalho.

O nível técnico é “destinado a proporcionar habilitação profissional a alunos matriculados ou egressos do ensino médio” (inciso II, do art. 3º. p.131-132), “podendo ser oferecida de forma concomitante ou sequencial a este” (art. 5º), cuja expedição do diploma de técnico só poderá ocorrer “desde que o interessado apresente o certificado de conclusão do ensino médio” (§ 4º do art. 8º).

A Rede Federal de Educação Científica e Tecnológica teve sua origem em 1909, quando o então presidente da República, Nilo Peçanha, criou 19 Escolas de Aprendizizes e Artífices que, mais tarde, dariam origem às Escolas Técnicas Federais, Escolas Agrotécnicas Federais e aos Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica (Cefets).

Criada como instrumento de política, voltado para as "classes desprovidas", a hoje chamada Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica se configura como importante estrutura para que os cidadãos tenham efetivo acesso às conquistas científicas e tecnológicas.

A partir da década de 80, um novo cenário econômico e produtivo se estabeleceu, com o desenvolvimento e emprego de tecnologias complexas, agregadas à produção e à prestação de serviços. As empresas passaram a exigir, desde então, trabalhadores com níveis de educação e qualificação cada vez mais elevados. Para atender a essa demanda, as instituições federais de educação profissional vêm buscando diversificar programas e cursos para elevar os níveis da qualidade da oferta. Cobrindo todo o território nacional, a rede procura qualificar profissionais para os diversos setores da economia brasileira, realizar pesquisa e desenvolver novos processos, produtos e serviços em colaboração com o setor produtivo.

As escolas da rede ocupam posição de referência educacional e se integram com a sociedade nas regiões em que estão localizadas. Dispõem de ampla infraestrutura física, laboratórios, equipamentos, bibliotecas, salas de aula e parques desportivos. Atendem aos níveis básico, técnico e tecnológico de educação profissional, ao nível médio, ao ensino superior e à pós-graduação tecnológica. Destacam-se ainda, pela autonomia na pesquisa aplicada e no desenvolvimento de parceria com a comunidade e com o setor produtivo.

As Escolas de Aprendizizes Artífices foram as primeiras instituições de ensino técnico criadas pelo governo federal em 23 de setembro de 1909, sendo então presidente Nilo Peçanha. Mediante o Decreto n. 7.566, sendo que, em 1909/1910, foram criadas 14 escolas

em várias capitais brasileiras: Belo Horizonte, Curitiba, João Pessoa, Natal, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo, Teresina, etc.

Em nossa tradição educacional, o termo educação tem um referente de formação geral, que tem como objetivo fundamental o desenvolvimento humano integral informado por valores éticos, sociais, políticos, de modo a preservar a dignidade intrínseca do ser humano e a desenvolver ações junto à sociedade com base nos mesmos valores; o que requer uma leitura atualizada do mundo nas suas implicações econômicas, culturais e científico-tecnológicas (BRASIL, 2003).

Essa amplitude de fins e objetivos de ação difere da tradição da formação profissional que se prende aos fins e valores do mercado, ao domínio de métodos e técnicas, aos critérios de produtividade, eficácia e eficiência dos processos. Impõe-se ao trabalhador certo número de qualificações e, mais recentemente, a aquisição de competências laborais.

Os termos ensino profissional, formação profissional ou técnico-profissional, educação industrial ou técnico-industrial, qualificação, requalificação, capacitação ganham complexidade e novos significados partindo da nova realidade produtiva e organizacional do trabalho e dos discursos gerados sobre a questão da formação nesse contexto. Novos termos são criados sem que se tivesse clareza sobre seu alcance e seus limites na realidade do trabalho e dos benefícios reais para a formação do trabalhador (FRANCO, 1998).

Não há consenso sobre o significado desses diversos termos, mas há critérios técnicos e políticos e referências teóricas para sua escolha. De outra parte, as definições ou conceitos não aparecem isolados dos projetos e dos processos em que são gerados. Sua escolha, de modo explícito ou não, com maior ou menor clareza, obedece às necessidades de legitimação do projeto que utiliza tais denominações.

Reconhecemos a complexidade do campo vasto e heterogêneo da educação profissional e os esforços que vêm sendo desenvolvidos pelas instituições, pelos sindicatos, pelos movimentos sociais e pelo campo político legislativo em busca das melhores opções educacionais para a área. Aponta-se também a necessidade de que a educação profissional seja articulada como um sistema educacional que integre as diversas iniciativas institucionais, que estabeleça formas de acompanhamento e de controle, sob a coordenação da instância máxima da educação no País, o Ministério da Educação.

Deve-se buscar assumir pressupostos coerentes com diretrizes de ação vinculadas a um projeto de Educação Profissional articulado a um projeto de desenvolvimento nacional, à educação integral e à cidadania do futuro trabalhador.

A preocupação de preparar o aluno para exercer o papel de cidadão na sociedade, de acordo com Almeida Jr. & Pilatti (2007) sempre esteve voltada às classes mais privilegiadas. Para os chamados “desprovidos da sorte” restava ou, simplesmente bastava criar cursos capazes de ensinar-lhes um ofício. Kuenzer (1997) salienta que numa sociedade que delimitava a divisão social e técnica do trabalho era bem demarcada a trajetória educacional daqueles que iriam desempenhar funções intelectuais ou instrumentais na sociedade.

Também relacionado com essas observações, a Professora Acácia Kuenzer defendia a existência de uma escola básica única, pública e de qualidade para todos. Essa nova escola, por meio de uma concepção articulada de Sistema Nacional de Educação, “será inicialmente de cultura geral e única para todos, de modo a generalizar uma sólida base comum de conhecimentos, nos níveis elementar e médio, só após o que se passará à formação profissional especializada” (KUENZER, 1991, p. 119).

Essa posição tem, como princípio, a idéia de que é necessária uma sólida educação geral e de qualidade, pois é fundamental fortalecer-se o conhecimento básico universal. Dessa educação geral, é que se passa a uma formação profissional, direcionada a atividades específicas no mundo do trabalho. Essa escola deve dar uma formação geral que dê conta das necessidades de toda e qualquer habilitação profissional futura e, nesse aspecto, contrasta com a concepção da existência de escolas básicas diferenciadas. A escola única caracteriza-se como um período preparatório para a formação técnica propriamente dita e para a atividade de trabalho, que ocorreria somente depois de o jovem ter adquirido um certo grau de maturidade e capacidade para a criação intelectual e prática e uma certa autonomia na orientação e iniciativa. “Essa escola geral única, a que Gramsci se refere e chama de ‘Escola Politécnica’, caracteriza-se como aquela que prioriza o domínio dos fundamentos científicos das diferentes modalidades de trabalho”. Essa formação está preocupada em garantir o domínio desses princípios e fundamentos, porque ao dominá-los, o trabalhador está em condições de realizar as diferentes atividades no mundo do trabalho, pois tem a compreensão do seu caráter, da sua essência. Para tanto, lembra-se de que se “a produção moderna se baseia na ciência, há que dominar os princípios científicos sobre os quais se funda a organização do trabalho moderno” (SAVIANI, 1989, p. 17).

Nela, deve ser proporcionada ao aluno uma formação que permita a compreensão teórico-prática do modo como a ciência é produzida e do modo como a ciência se incorpora à produção dos bens. Assim, ele adquire a compreensão de como a sociedade está constituída e, portanto, de qual o sentido das diferentes especialidades em que se divide o trabalho moderno. Portanto, ele estará habilitado a desenvolver qualquer uma dessas atividades específicas,

porque ele assimilou os fundamentos, os princípios básicos. As atividades específicas passam a ser vistas mais como uma espécie de divisão de tarefas no interior de um processo de trabalho cujo domínio é coletivo. Portanto, o domínio dos princípios básicos, uma vez incorporados, podem ser reconstruídos e aplicados na solução de problemas variados. Se o aluno domina os princípios, os fundamentos da ciência e a organização da produção moderna, ele estará habilitado a desenvolver qualquer competência específica.

A educação profissional caracterizada por Frigotto (1997) como minimalista, mas coerente com a perspectiva de desregulamentação, flexibilização, descentralização e privatização almejadas pelo bloco conservador, permitindo inserções de ajustes pontuais expressos nos diversos decretos, pareceres e resoluções que se seguiram. Enfatiza-se o “homem formado, educado e treinado para desenvolver traços funcionais ao mercado” (FRIGOTTO, 1989, p. 25).

Segundo refere Jantsch (2001, p. 62) esse modelo de homem treinado na especialidade, técnico profissional, “contrapõe-se à formação omnilateral, a qual concebe o Homem Universal como ser cosmopolita, ou seja, aquele pleno de humanidade, que se apropria de todo o conteúdo que a materialidade histórica já pôs para o homem”.

Segundo o relatório da Reunião Internacional sobre Educação para o Século XXI, da UNESCO, conforme Delors (1999) evidenciam-se quatro grandes necessidades de aprendizagem dos cidadãos neste milênio, às quais a educação deve dar conta, que são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. A operacionalização da Reforma da Educação Profissional, atualmente em curso, deve ser no sentido de adotar políticas para a educação profissional, tendo como base esses pressupostos, conferindo aos educandos competências altamente flexíveis e que permitam reconversões e requalificações.

É importante reforçar o desejo de que as alterações que venham a ocorrer na Educação Profissional são para que se possam ter políticas duradouras. Não é mais aceitável uma formação profissional dirigida e regada por perfil profissional único e estático, regida pela exigência do mercado e utilizada para o perfil do Estado. Exige-se uma formação profissional ampla e versátil, que possibilite a constante atualização do trabalhador, valorizando a cultura do trabalho e mobilizando os valores necessários à tomada de decisões.

Uma situação de aprendizagem produtiva, afirma Simon (2005) é aquela que favorece, desencadeia a ação-reflexão do aluno sobre o conhecimento; leva em conta a sua leitura de mundo, pois ele chega à escola, condicionado por sua cultura de classes, seus princípios e pensamentos; ações estas que o levarão a buscar informações e a rever seus conceitos.

A Educação Física, nesse contexto, entra como disciplina que pode contribuir nessa formação, considerando que ela surgiu de uma necessidade premente do ser ativo, um corpo que se move, sendo o homem responsável por esse corpo em movimento, seja buscando a qualidade de vida ou estabelecendo o culto à saúde.

Compreendendo a educação como uma prática transformadora, são necessárias possibilidades para que os sujeitos tenham autonomia na definição dos processos de aprendizagem, reafirmando a capacidade do homem de elaborar projetos e, ao fazê-lo, proclamar “sua liberdade, sua capacidade de reinventar o mundo, de imprimir-lhe um sentido novo a partir das opções feitas”, para transformar a realidade de forma criativa e ética. “Esta é a razão pela qual as escolas se vêm obrigadas a aguçar a percepção, e a concentrar a atenção para visualizar os novos rumos para os quais terão de se encaminhar” (WERLANG 1999, p. 87).

De acordo com Mittler (2003, p. 184) “Criar oportunidades para reflexão e discussão é essencial na implementação de qualquer tipo de inovação”. Outro aspecto diz respeito ao processo de subjetivação presente na contemporaneidade pelas nossas vivências tecnológicas e sua possibilidade de visibilidade na prática pedagógica da Educação Física. Todas essas questões nos levam a perceber a urgência dessas temáticas no cenário das práticas corporais na escola; na reorientação e na proposição dos saberes/fazeres dos/das educadores/as de Educação Física, acompanhadas pelas transformações ocasionadas pelas tecnologias de informação e comunicação no cotidiano escolar, no sentido de corrigir e ultrapassar os espaços deficitários.

Werlang (1999) afirma ainda que a escola tem que considerar, em todo o processo de ensino-aprendizagem, a dimensão social e a busca incessante de igualdade de oportunidades aos indivíduos, levando-os à sua realização enquanto sujeito-cidadão e a conviver com as transformações do mundo, da ciência e da tecnologia.

A escola tem o dever de ser cidadã e formar alunos melhores e, conseqüentemente, um país também.

Transmitir cidadania passa por um processo bem mais complexo do que apenas abrir janelas na grade horária. A escola, como instituição, tem de praticar a cidadania a todo minuto, em cada detalhe. Ou os discursos se tornam palavra morta. Mas estabelecer espaços específicos para esse fim também é fundamental. (PRADO, 2000, p. 4).

O grande desafio para nós está relacionado ao como ensinando e aprendendo produzir efeitos formadores da personalidade, processos da instrução e de educação que conduzam a humanidade à sua emancipação (KLINGBERG, 1972).

3 MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

3.1 Contexto do estudo e sujeitos da investigação

Essa investigação foi realizada em cinco instituições localizadas em três municípios do estado do RS, quais sejam Santa Maria (CTISM – Colégio Técnico Industrial de Santa Maria e Colégio Politécnico da UFSM); Pelotas (IFSul – Riograndense - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Riograndense) e CAVG – Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça) e Bento Gonçalves (IFRS - Instituto Federal do Rio Grande do Sul). Foram selecionadas essas cinco, pelo critério de retorno de informações e interesse em participar da pesquisa, dado por ocasião de e-mail enviado a todas as instituições.

O grupo de participantes constituiu-se de 110 sujeitos, que foram selecionados, aleatoriamente; sendo quarenta alunos do Ensino Integrado, com idade entre 14 e 17 anos (28 do sexo masculino e 12 do sexo feminino), que têm Educação Física em seus currículos escolares. Sessenta alunos do Ensino Técnico, com idade entre 17 e 46 anos (42 do sexo masculino e 18 do sexo feminino), que não têm Educação Física em seus currículos escolares; perfazendo um total de setenta alunos do sexo masculino e trinta do sexo feminino; e ainda cinco professores de Educação Física do Ensino Médio e Integrado e cinco supervisores dessas instituições, conforme discriminado no Quadro 1:

Quadro 1 – Instituições e sujeitos da investigação

Instituição	Características dos sujeitos de observação, entrevistas semiestruturadas	Quantidade de sujeitos pesquisados
CTISM – Santa Maria	Representante da instituição – Supervisor	01
	Professor de Educação Física	01
	Alunos	19 (masc.) 01 (fem.)
Colégio Politécnico da UFSM – Santa Maria	Representante da instituição – Supervisor	01
	Professor de Educação Física	01
	Alunos	18 (masc.) 02 (fem.)
CAVG – Pelotas	Representante da instituição – Supervisor	01
	Professor de Educação Física	01
	Alunos	01 (masc.) 19 (fem.)
IFSUL – Rio – Grandense – Pelotas	Representante da instituição – Supervisor	01
	Professor de Educação Física	01
	Alunos	13 (masc.) 07 (fem.)
IFRS – Bento Gonçalves	Representante da instituição – Supervisor	01
	Professor de Educação Física	01
	Alunos	19 (masc.) 01 (fem.)
	TOTAL	110

3.2 Síntese das características das instituições pesquisadas e seu contexto

A sociedade da informação requer uma educação que atenda as interculturais quanto aos conhecimentos e aos valores. Dando ênfase às habilidades comunicativas de forma que possibilite a participação ativa, crítica e reflexiva da sociedade, para que sejam superadas as desigualdades provocadas pela falta de acesso de todos, aos meios necessários da tecnologia de comunicação. (MÜLLER, 2000, p. 1)

Quando falamos em escola, falamos de educação, seja ela em que nível for, ensino fundamental, ensino médio ou ensino técnico (ensino profissionalizante segundo a nova LDB). Nesse sentido, Müller (2000, p. 1), afirma que:

A crise da mudança constante e da inadaptação da escola com essa velocidade de informações é sentida, e muito, no meio do ensino técnico. Não se aceita mais uma formação profissional dirigida e regrada por perfil profissional único e estático que é regido pela exigência do mercado, e utilizada para o perfil do Estado. Se quer uma formação profissional ampla e versátil, que possibilite a constante atualização do trabalhador valorizando a cultura do trabalho e mobilizando os valores necessários à tomada de decisões. A sociedade da informação requer uma educação que atenda as interculturais quanto aos conhecimentos e aos valores. Dando ênfase às habilidades comunicativas de forma que possibilite a participação ativa, crítica e reflexiva da sociedade, para que sejam superadas as desigualdades provocadas pela falta de acesso de todos, aos meios necessários da tecnologia de comunicação.

Cada instituição tem suas peculiaridades, suas características, sua dimensão, seus limites, sua manutenção, vigilância e proteção que contribuem para a criação de uma identidade exclusiva. Por isso, torna-se importante expor algumas características dessas instituições pesquisadas, para que se vivenciem neste trabalho essas características.

De acordo com Cauduro (1998, p. 368-369),

A instituição estabelece um sistema organizado de comportamentos, classifica seus membros, define seus papéis, reparte as responsabilidades e o trabalho, regula os demais aspectos que consideram convenientes para buscar uma interação estável e regular entre seus membros. Como instituição, a escola está configurada como um interior (que tem um espaço e tempo) que serve a um exterior. É um grupo formado pela comunidade do diretor, dos professores, do pessoal não docente, pelos alunos, pais ou tutores. Trata-se de um grupo organizado para a produção educativa e a satisfação de uns clientes-alunos, que foi institucionalizado pelo estado, de acordo com normas legais e uma política educativa.

Numa sociedade erguida em função do trabalho (ou labor), a escola ganha um papel central, pois no seu interior são travados momentos decisivos para a garantia da continuidade da ordem social estabelecida. Os meios utilizados para realizar a tarefa posta pela sociedade do trabalho à escola frequentemente ganham feições espaciais, daí nos autorizando a pensar em territorialidades. (AMORIM, 2007)

Alguns detalhamentos históricos de cada instituição serão encontrados em anexo.

3.2.1 Primeira Instituição pesquisada: Colégio Técnico Industrial de Santa Maria – CTISM (ANEXO Q)

Ao longo dos anos, desde a formação das primeiras turmas, em 1969, o Colégio Técnico Industrial de Santa Maria vem colaborando com a comunidade santa-mariense e com diversas cidades do Rio Grande do Sul e de outros estados brasileiros, à medida que tem qualificado, e muito bem, centenas de técnicos.

Em virtude da grande aceitabilidade de seus técnicos no mercado de trabalho e do seu excelente conceito atribuído pela comunidade profissional, existe uma demanda enorme pelos cursos oferecidos pelo Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, o que implica a existência de exame de seleção pública para ingresso nos cursos oferecidos.

O Colégio Técnico Industrial de Santa Maria tem como missão: "Educando para a cidadania consciente". A visão: "Ser reconhecida como centro de excelência de Educação Profissional e Ensino Médio pela sociedade. Os valores evidenciados são: liberdade, justiça, cidadania, consciência ética, compromisso social, democracia, educação, identidade, criatividade e empreendedorismo."¹

Esse estabelecimento de ensino, que é referência no cenário da cidade de Santa Maria, vive hoje um momento de mudanças significativas, pois o ensino médio e o ensino técnico passam por reformulações em virtude das reformas propostas pelo Ministério da Educação. Seu projeto pedagógico está sendo elaborado em nova versão, e, por ser o instrumento usado para definir as linhas gerais, os anseios e os objetivos de cada instituição, não é neutro; antes de ser pedagógico é, essencialmente, político e define a linha que a escola deseja assumir, pois:

Toda a instituição que opta pela construção participativa de seu Projeto Político Pedagógico, reconhece a importância de buscar o comprometimento da comunidade escolar no planejamento, execução e avaliação das ações a serem realizadas. Fazem-se necessárias mudanças para nos adequarmos aos novos paradigmas, que nos apresentam um mercado de trabalho muito mais competitivo e dinâmico, devido às rápidas mudanças ocasionadas pelos avanços da ciência, da tecnologia e da informação. (MEC, 2002, p. 7).

O colégio conta com um professor de Educação Física, com mestrado em Educação, que atende alunos do ensino médio, do ensino integrado e do PROEJA. Ressaltando que o

¹ Extraído do site www.ufsm.br/ctism

colégio atende também alunos do ensino técnico profissional, porém, estes não recebem aulas de Educação Física, por não haver a obrigatoriedade na lei, embora a instituição disponibilize espaços e momentos em que esses alunos possam realizar alguma atividade física. Na entrevista com o professor de Educação Física, este salientou o fato, por considerar que “(...) são alunos trabalhadores que necessitam de uma compensação da atividade laboral que eles enfrentam durante o trabalho. Falta a eles práticas corporais, vivências recreativas e de descontração que auxiliem na melhoria da qualidade de vida.”

Podemos constatar, no quadro 2, que estão catalogados os itens pesquisados na instituição, as observações e os registros de informações encontrados; após a visita feita pela pesquisadora. Com relação ao espaço físico disponível para as aulas de Educação Física do ensino médio, integrado e PROEJA, observamos que são utilizados alguns espaços das instalações do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM: um Ginásio de esportes, duas quadras abertas de futebol e de voleibol; um campo de futebol; uma quadra de futebol sete, agendados por prioridades. Diante de certa dificuldade em obter espaços físicos, pois as prioridades dentro do Centro de Educação Física são muitas, e esses espaços têm que ser divididos com a Graduação de Educação Física e os diversos projetos ali existentes, a instituição aluga um ginásio em outro local para eventos, como interséries, campeonatos, etc.

Quadro 2 – Estrutura Colégio Técnico Industrial de Santa Maria

Itens	Observações, registro de informações e indicações de anexos
Projeto Pedagógico	Existe o PP no site www.ufsm.br/ctism . Em elaboração da nova versão, após a separação do Ensino Médio para o Ensino Técnico.
Normas disciplinares	Dentro do regimento – está em fase de reforma
Regimento/Regulamento	Idem
Calendário escolar	No site: www.ufsm.br/ctism
Espaço físico	São utilizados alguns espaços das instalações do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM: 01 Ginásio de esportes, 02 quadras abertas de futebol e de voleibol; 01 campo de futebol; 01 quadra de futebol sete, agendados por prioridades. Além disso, a escola aluga um ginásio em outro local para eventos, como interséries, campeonatos, etc. Foto (em anexo)
Equipamentos pedagógicos e de Educação Física /Materiais didáticos	Bolas de voleibol, futebol, handebol e basquete; material para ginástica laboral (bolinhas, colchonetes); cones, etc.
Estrutura e funcionamento da instituição (na prática)	Dentro do próprio regimento tem a estrutura organizacional
Recursos humanos com formação pedagógica	53 Professores com formação pedagógica.
Recursos humanos com formação em Educação Física	01 Professor de Educação Física, com mestrado em Educação.
Estagiários de Educação Física	02

3.2.2 Segunda Instituição pesquisada: Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (ANEXO R)

A instituição direciona seus esforços rumo ao cumprimento da missão institucional de “Promover a formação integral do cidadão e oferecer-lhe condições de conhecer, desenvolver, difundir e aplicar ciência e tecnologia”, no Plano de Desenvolvimento Institucional, no período de 2008-2012. A visão de futuro: “Ser reconhecido como referência em ensino médio e profissional, pesquisa, extensão e na formação empreendedora,” concretizando os objetivos de proporcionar educação inicial e continuada, por diferentes mecanismos, visando à capacitação, à atualização, ao aperfeiçoamento e à especialização de profissionais e trabalhadores na área tecnológica; ministrar ensino técnico, destinado a ofertar habilitação profissional para os diferentes setores da economia; ministrar ensino médio; ministrar ensino superior tecnológico, visando à formação de tecnólogos; atuar na pesquisa e na extensão. Missão: “Promover a formação integral do cidadão e oferecer-lhe condições de conhecer, desenvolver, difundir e aplicar ciência e tecnologia.” Dentro do programa de expansão, no sentido de atender às demandas do processo produtivo e os anseios da comunidade, em 2009, iniciam dois cursos Superiores de Tecnologia.²

Como instituição educacional, teve sua história marcada pela formação de profissionais para o setor primário da economia, sendo que nos últimos anos, diversificou a sua atuação, através da oferta de alternativas variadas de Educação Profissional, buscando a formação de profissionais para atender às expectativas da comunidade e às necessidades do mundo do trabalho em constante transformação.

A supervisora relatou alguns posicionamentos e decisões adotados para o funcionamento da instituição. (...) “o colégio tomou a decisão de ofertar ensino técnico na modalidade subsequente, seguindo as normativas para a educação profissional, e cumprindo a legislação ao adotar a avaliação por competências.” (...) “oferta, ainda, ensino médio propedêutico e, apesar de muitas instituições de Educação Profissional estarem integrando seus currículos, o Politécnico tem a convicção de que a decisão tomada há alguns anos foi a mais acertada e será mantida, após avaliação e análise do contexto no qual está inserido;” (...) “essa avaliação de trabalho é uma constante, assegurada por meio de reuniões semanais do grupo de coordenadores de curso, o que garante uma formação de qualidade;” (...) “destaca-se que o espaço da instituição é bastante democrático, e as decisões são tomadas coletivamente.”

² Extraído do site www.politecnico.ufsm.br

O colégio funciona nos turnos da manhã, tarde e noite, atuando na Educação Básica, oferecendo o ensino médio, e na Educação Profissional, com os cursos técnicos em: Agropecuária, Informática, Administração, Agroindústria, Geomática e Jardinagem. Também oferece cursos de formação inicial e continuada em várias áreas.

O município de Santa Maria tem uma economia muito variada. Existe um pequeno parque industrial; na agricultura, predominam as pequenas e médias propriedades, está em fase de desenvolvimento o setor agroindustrial; no entanto, o setor de serviços caracteriza-se como o principal esteio da economia local. Como município sede de uma microrregião, Santa Maria concentra um grande número de instituições de ensino; constitui-se um polo educacional, comercial e de saúde da região.

Sua população é constituída, em grande parte de pessoas que migraram para o município em busca de oportunidades de formação e de trabalho; estudantes, tanto do ensino superior como técnico, e trabalhadores com formação profissional e até sem escolaridade.

A esses é que o projeto pedagógico visa a atender, procurando dar conta da diversidade do mundo do trabalho da região e das necessidades individuais da clientela, de forma que lhes seja garantida condições de ingresso e, especialmente de permanência no curso.

No quadro 3, podemos observar os itens pesquisados na instituição, as observações e os registros de informações encontrados. O Colégio Politécnico tem uma realidade semelhante ao Colégio Industrial, referente ao espaço físico disponível para as aulas de Educação Física. São utilizados alguns espaços das instalações do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM: dois ginásios de esportes, uma quadra aberta de voleibol e de basquetebol e um campo de futebol sete, agendados conforme a disponibilidade. O colégio enfrenta certa dificuldade em obter espaços físicos, pois as prioridades dentro do Centro de Educação Física são muitas, e esses espaços são ocupados pelo curso de graduação de Educação Física e os diversos projetos existentes. Embora haja a disponibilização desses espaços para as aulas de Educação Física do colégio, a dificuldade está em promover qualquer evento fora dos horários pré-determinados, ou até mesmo qualquer aula extra. Essas duas instituições, dentre as cinco pesquisadas são as únicas vinculadas (pertencem à Universidade Federal de Santa Maria), o que mostra uma realidade totalmente diferente das outras, que têm suas próprias instalações, facilitando assim, a diversificação e a variedade dos momentos na Educação Física.

Quadro 3 – Estrutura Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria

Itens	Observações, registro de informações e indicações de anexos
Projeto Pedagógico	Existe o PP, no site www.politecnico.ufsm.br
Normas disciplinares	No site www.politecnico.ufsm.br
Regimento/Regulamento	No site www.politecnico.ufsm.br
Calendário escolar	No site www.politecnico.ufsm.br
Espaço físico	São utilizados alguns espaços das instalações do Centro de Educação Física e Desportos da UFSM: 01 Ginásio de esportes, 02 quadras abertas de futebol e de voleibol; 01 campo de futebol; 01 quadra de futebol sete, agendados por prioridades. Foto (em anexo)
Equipamentos pedagógicos e de Educação Física/ Materiais didáticos	Bolas de voleibol, futebol, handebol e basquete; bolinhas, colchonetes, cones, etc.
Estrutura e funcionamento da instituição (na prática)	Do ponto de vista pedagógico e de gestão, inúmeras transformações têm ocorrido que levaram a instituição a desenvolver maturidade didático-pedagógica. O espaço físico foi ampliado, reformado e várias readaptações continuam sendo feitas para melhorar o espaço de aprendizagem. Existe um ambiente muito acolhedor e agradável, que propicia a formação integral do aluno.
Recursos humanos com formação pedagógica	- 01 professor com Esquema I; - 02 professores com graduação; - 07 professores com especialização; - 28 professores com mestrado, - 04 doutorandos.
Recursos humanos com formação em Educação Física	02
Estagiários de Educação Física	02

3.2.3 Terceira Instituição pesquisada: Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça – CAVG – Pelotas (ANEXO S)

O CAVG tem, por objetivo, ofertar à comunidade uma educação de qualidade, voltada às necessidades científicas e tecnológicas do novo milênio, baseada nos avanços tecnológicos e no equilíbrio do meio ambiente, dentro de um modelo dinâmico de geração, transferência e aplicação de conhecimentos, por meio de um Projeto Pedagógico que, baseado nos princípios da educação pública e gratuita, congrega ensino, pesquisa e extensão, a fim de capacitar profissionais para: a) desenvolver a autonomia intelectual e do pensamento crítico sobre a realidade; b) aprender a continuar aprendendo ao longo de toda a vida; c) adaptar-se com flexibilidade às novas condições de trabalho e às exigências de aperfeiçoamentos posteriores; d) atuar junto à comunidade na busca coletiva de superação de problemas, com o objetivo de contribuir para a melhoria da sua qualidade de vida³.

O Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça - CAVG é a unidade de ensino básico,

³ Extraído do site www.ufpel.edu.br/ces/cavg

técnico e tecnológico da Universidade Federal de Pelotas - UFPel que além da formação profissional e tecnológica nos eixos Ambiente, Saúde e Segurança, Controle e Processos Industriais, Gestão e Negócios, Produção Alimentícia, Produção Industrial e Recursos Naturais, atua em projetos e convênios na qualificação de mão-de-obra básica com cursos de curta duração proporcionando, através de parcerias, a inclusão social em todos os setores da economia.

É dentro desta perspectiva que no segundo semestre de 2008 ao comemorar seus 85 anos de história inova e avança no movimento de democratização do ensino através da criação de cursos Superiores de Tecnologia. Através do Reuni e com apoio da reitoria da Universidade Federal de Pelotas foi possível mobilizar esforços para concretizar essa realidade.

Ao contemplar a trajetória do CAVG é possível visualizar uma instituição com crescimento, vocação e espírito empreendedor que busca na sua história a base para sustentar as necessidades de inovar e acompanhar as inúmeras demandas do contexto educacional.

Assim, a instituição, através de seus valores e princípios amplia seus objetivos para continuar a oferecer um ensino de qualidade para Pelotas/RS e região.

Nessa instituição, observamos as questões que perpassam o meio educacional e que, sabemos, interferem no cotidiano escolar; pois, de acordo com Leão (2005, p. 61) “compreendendo que os professores são sujeitos competentes e ativos, admitimos também que a prática que desenvolvem não é somente um espaço de aplicação de teorias, mas um espaço de produção de saberes,” e, considerando que a escola será sempre um espaço de mobilização e de transformação de saberes, e que vai além da produção de saberes, ou seja, “um espaço onde se produzem teorias, conhecimentos e um saber-fazer, específico do ofício do professor” (LEÃO, 2005, p. 61), o supervisor, ao comentar sobre a estrutura e funcionamento da instituição na prática, fez uma explanação sobre a relação entre as teorias pedagógicas e as práticas formativas.

(...) “Há uma situação de conflito entre os cursos integrados e cursos subsequentes. Inicialmente, existe um grupo que aposta na formação técnica, dá ênfase às disciplinas profissionalizantes. Por outro lado há os que apostam na sólida formação básica. Existem duas propostas: o primeiro grupo propõe mais disciplinas técnicas e o segundo grupo propõe outras opções, como aulas de Arte ou de Educação Física para suprir estas carências. Como a escola está passando por uma estruturação geral física e pedagógica, gera conflitos, mas são importantes para o seu crescimento.” E, trazendo para a questão inicial do problema desta pesquisa, ele acrescentou: (...) “Se os alunos têm uma deficiência na capacidade de

compreensão básica, muitos professores ao sugerirem alternativas para suprir essa deficiência, entendem que eles têm deficiência de conteúdo na sua área específica, e não percebem que, se esse aluno tiver oportunidade de ter um ensino mais consistente com aulas em que se trabalhasse esse desenvolvimento da capacidade de compreensão, como Educação Física, Artes, etc., ele poderia ter menos problemas nas áreas específicas, e talvez se chegasse à conclusão de que ele não precisaria ter mais aulas técnicas.” Essa argumentação foi, depois, referendada pelo próprio professor de Educação Física, na entrevista, demonstrando sua preocupação com a importância da Educação Física no ambiente escolar.

Desenvolver um processo pedagógico que possa atender de forma estratégica as necessidades de desenvolvimento, no âmbito da capacitação profissional e produtivo, constitui-se na proposta de viabilizar as aspirações e os anseios de jovens e adultos e de ampliar a abrangência do comprometimento educacional desta Instituição (PPP, 2009, p. 18)

Os espaços para as aulas de Educação Física são: um salão de jogos e de musculação; um campo de futebol; um campo de futebol sete.

No quadro 4, estão catalogados os itens pesquisados na instituição, as observações e os registros de informações encontrados; após a visita da pesquisadora.

Quadro 4 – Estrutura do Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça – CAVG

Itens	Observações, registro de informações e indicações de anexos
Projeto Pedagógico	Existe o PP, no site www.ufpel.edu.br/ces/cavg/ppp
Normas disciplinares. Regimento/Regulamento	Estão no regimento interno (o que rege a escola). Eram da década de 70 e estão sendo refeitos.
Calendário escolar	É aprovado anualmente, pelo conselho curador. No site www.ufpel.edu.br/ces/cavg
Espaço físico	01 Salão de jogos e de musculação; 01 campo de futebol; 01 campo de futebol 7. Foto (em anexo)
Equipamentos pedagógicos e de Educação Física/Materiais didáticos	Bolas de todas as modalidades, equipamentos de musculação.
Recursos humanos com formação pedagógica	100% dos professores têm formação pedagógica. Somam 86 professores.
Recursos humanos com formação em Educação Física	4 professores com mestrado, entre esses uma doutoranda, e uma especialista.
Estrutura e funcionamento da instituição (na prática)	Há uma situação de conflito entre os cursos integrados e cursos subseqüentes. Inicialmente, existe um grupo que aposta na formação técnica, dão ênfase às disciplinas profissionalizantes. Por outro lado há os que apostam na sólida formação básica. Existem duas propostas: O 1º grupo propõe mais disciplinas técnicas e o 2º grupo propõe outras opções, como aulas de Arte ou de Educação Física para suprir essas carências. Como a escola está passando por uma estruturação geral física e pedagógica, gera conflitos, mas são importantes para o seu crescimento.

3.2.4 Quarta Instituição pesquisada: Instituto Federal Sul – Rio – Grandense (IFSul – Rio – Grandense) – Pelotas (ANEXO T)

O Instituto Federal, caracterizado pela verticalização do ensino, oferta educação profissional e tecnológica em diferentes níveis e modalidades de ensino, assim como articula a educação superior, básica e tecnológica.

A Instituição reúne elementos singulares para a definição de sua identidade, assumindo papel representativo de uma verdadeira incubadora de políticas sociais, uma vez que constrói uma rede de saberes que entrelaça cultura, trabalho, ciência e tecnologia em favor da sociedade. Sua missão é: implementar processos educativos, públicos e gratuitos, de ensino, pesquisa e extensão, que possibilitem a formação integral mediante o conhecimento humanístico, científico e tecnológico e que ampliem as perspectivas de inclusão e desenvolvimento social.

Essa instituição possui uma quadra de esportes coberta e outra em construção. Ao observar as aulas de Educação Física, enquanto uma professora ocupava a quadra para a prática, outro professor usava a parte externa da quadra, fazendo aquecimento e atividades preparatórias, para ocupar a quadra para treinamento desportivo, após o término da aula anterior.

Em outro momento, ao entrevistar o supervisor, após ter solicitado que ele expusesse em poucas palavras, como se dá a estrutura e funcionamento da instituição na prática, ele respondeu o seguinte: (...) ”os cursos são teóricos e práticos (oficinas e laboratórios). O objetivo é da formação de profissionais, para a empregabilidade: formar para o mundo do trabalho, o saber-fazer (um dos quatro pilares da Educação). O estágio é obrigatório e só após comprovado quem teve atividade na área é que recebe o diploma. O estágio faz parte do curso. Há um diálogo muito franco com as empresas. A tecnologia avança muito rapidamente e o tempo é o mesmo. Temos que fazer malabarismos para lançarmos em dois anos no mercado esse aluno-profissional. O choque é grande. Por isso, acabamos tendo bastante reprovações. Todos os formandos, no 3º ou 4º módulo, fazem visitas técnicas nas empresas, no Estado e fora do Estado. Um exemplo está na área de telecomunicações, em que fazem visitas à Curitiba, onde há o maior mercado nessa área.

Falou também sobre as normas disciplinares: (...) “O aluno que apresenta problemas na escola é encaminhado ao Chefe do Departamento de Estrutura Funcional do Ensino. Na 1ª ocorrência: há uma advertência verbal, registrado na ficha do aluno o acontecido, e na 2ª

ocorrência: é passivo de suspensão conforme a gravidade do fato. Nos últimos 5 anos não houve a 2ª ocorrência.”

Essas decisões nos remontam à idéia de Fialho (2005, p. 170) que afirma: “o espaço da escola deve considerar que perceba o aluno como um sujeito ativo do processo ensino/aprendizagem, agente transformador e construtor de sua própria história.” e, acrescentamos ainda, corresponsáveis pela sua própria história.

Conforme já citado anteriormente, Delors (1999), no relatório da Reunião Internacional sobre Educação para o Século XXI, da UNESCO constata que no próximo século, a educação deve transmitir, cada vez mais saberes, e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro, e ao mesmo tempo, compete-lhe procurar fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele.

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento, que convergem em múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta, e que acabam se constituindo em apenas uma via do saber. *Aprender a conhecer*, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes (DELORS,1999).

Ainda, a Comissão pensa que cada um dos “quatro pilares do conhecimento” deve ser objeto de atenção igual por parte do ensino estruturado, a fim de que a educação apareça como uma experiência global a levar a cabo ao longo de toda a vida, no plano cognitivo como no prático, para o indivíduo enquanto pessoa e membro da sociedade.

Reconhecido no mercado pela formação de profissionais altamente qualificados, o Instituto Federal Sul – Rio - Grandense tem se revelado também um excelente celeiro de enxadristas. Um dos papéis do Instituto é estimular e desenvolver potencialidades também fora da sala de aula. Por isso, há o incentivo e procura-se oferecer as condições necessárias para a realização de atividades extraclasse, que contribuem para a formação desses profissionais.

Podemos constatar, no quadro 5, que estão catalogados os itens pesquisados na instituição, as observações e os registros de informações encontrados; após a visita feita pela pesquisadora.

Quadro 5 – Estrutura do Instituto Federal Sul – Rio–Grandense – Pelotas

Itens	Observações, registro de informações e indicações de anexos
Projeto Pedagógico	Existe o PP, em construção.
Normas disciplinares	O aluno que apresenta problemas na escola é encaminhado ao chefe do departamento de Estrutura Funcional do Ensino. 1ª ocorrência: há uma advertência verbal, registrado na ficha do aluno o acontecido. 2ª ocorrência: é passivo de suspensão conforme a gravidade do fato. Nos últimos 5 anos não houve a 2ª ocorrência.
Regimento/Regulamento	Aprovado pelo Conselho Superior.
Calendário escolar	Aprovado anualmente pelo conselho curador. No site www.cefetrs.tche.br
Espaço físico	Foto (em anexo)
Equipamentos pedagógicos e de Educação Física	01 Quadra de esportes coberta e outra em construção.
Recursos humanos com formação pedagógica	98% dos professores têm formação pedagógica – 25% têm mestrado e 15% doutorado.
Recursos humanos com formação em Educação Física	13 professores atuando, efetivos e substitutos: - 1 professor com mestrado, iniciando o doutorado; - 2 professores com mestrado atuando; - 1 professora com doutorado atuando; - 1 professor cursando mestrado; - Os outros professores são especialistas; - 2 professores com graduação; - 1 professor substituto com mestrado; - 1 professor substituto mestrando; - 1 professor substituto graduando e - 1 professor substituto especialista.
Estrutura e funcionamento da instituição (na prática)	Os cursos são teóricos e práticos (oficinas e laboratórios). O objetivo é da formação de profissionais, para a empregabilidade: Formar para o mundo do trabalho, o saber- fazer (um dos 4 pilares da Educação). O estágio é obrigatório e só após comprovado quem teve atividade na área é que recebe o diploma. O estágio faz parte do curso. Há um diálogo muito franco com as empresas. A tecnologia avança muito rapidamente e o tempo é o mesmo. Temos que fazer malabarismos para lançarmos em 2 anos no mercado esse aluno-profissional. O choque é grande. Por isso, acabamos tendo bastante reprovações. Todos os formandos, no 3º ou 4º módulo, fazem visitas técnicas nas empresas, no Estado e fora do Estado. Um exemplo está na área de telecomunicações, onde fazem visitas à Curitiba, onde há o maior mercado nesta área.

3.2.5 Quinta Instituição pesquisada: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – (IFRS) – Bento Gonçalves – (ANEXO U)

O CEFET BG é uma instituição que atua no setor de ensino público e gratuito, desafiada constantemente pelas demandas oriundas do mundo do trabalho, que exige cada vez mais, qualidade de ensino aliado ao conhecimento técnico e humanístico.

Tem por finalidade formar e qualificar profissionais no âmbito da educação profissional e tecnológica, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, para os diversos setores da economia, bem como realizar pesquisa aplicada e promover o desenvolvimento tecnológico de novos processos, produtos e serviços, em estreita articulação com os setores produtivos e a sociedade, especialmente de abrangência local e regional, oferecendo

mecanismos para a educação continuada. E tem como missão “formar cidadãos conscientes para o mundo do trabalho, por meio de uma educação integral e formação técnica de qualidade, fomentando a pesquisa e a extensão e visando ao bem estar social” (MEC, 2006).

A Escola tem a função de propiciar às novas gerações uma compreensão científica, filosófica, estética da realidade em que vivem. Deve ter como especificidade, isto é, como núcleo do trabalho pedagógico e como seu objetivo maior, o trabalho com o conhecimento, que se constitui como a grande finalidade da *práxis* educativa. Deve-se incentivar o aluno na construção e reconstrução do conhecimento. A finalidade do conhecimento é que possa colaborar na formação do educando na sua globalidade. O conhecimento a ser trabalhado em sala de aula não tem um fim em si mesmo. O conhecimento tem sentido quando possibilita compreender, o usufruir, ou o transformar a realidade, em vista do bem-comum. O conhecimento contribui para a conquista dos direitos da cidadania, para a continuidade dos estudos, bem como para preparação para o trabalho.

Existem alguns desafios a serem respondidos na escola:

Aprender a aprender e a pensar, relacionar o conhecimento com dados da experiência cotidiana, a dar significado ao aprendido e a captar o significado do mundo, a fazer a ponte entre a teoria e a prática, a fundamentar a crítica, a argumentar com base em fatos, a lidar com o sentimento que a aprendizagem desperta.” (Guiomar Namó de Mello) (MEC, 2005).

A instituição conta com um ginásio de esportes; uma sala de musculação; uma sala de jogos de recreação. Ao entrevistar a supervisora da escola, pode-se perceber a preocupação em se trabalhar com a integração entre os inúmeros cursos que a escola oferece, para que eles realmente sejam integrados e que não fiquem somente no papel. As reuniões sistemáticas que estão sendo feitas, estão agregando os professores, com a visão de tentar uma integração entre os conteúdos, vincular mais as coisas, de buscar a aplicabilidade dos conhecimentos.

Considera-se que se o aluno estiver bem consigo mesmo, facilitará o seu relacionamento com os demais e ainda, facilitará para que aconteça o desenvolvimento integral de cada um, proporcionando que estes se tornem cidadãos conscientes e inteiros.

No entanto, muitas ações se fazem necessárias para que todos os alunos sejam envolvidos nos projetos e alcancem o desenvolvimento integral. A instituição precisa estimular os aspectos de cooperação, respeito e solidariedade, entre os estudantes, para que tenhamos um ambiente educativo harmonioso.

Contemplando essa ideia, estão sendo realizados projetos voltados para a comunidade. Atualmente, foi criado um projeto apoiado pelo Grupo Votorantim: A Educação Física voltada para a cidadania. Não como uma Educação Física voltada somente para o lazer, a

recreação, ou para o esporte, a *performance* e o treinamento; mas como uma Educação Física que trabalhe a questão da cidadania, da autonomia e do trabalho em grupo.

Podemos observar melhor, no quadro 6, a ideia desse projeto, bem como os itens pesquisados e os registros de informações encontrados; após a visita feita pela pesquisadora.

Quadro 6 – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – (IFRS) – Bento Gonçalves

Itens	Observações, registro de informações e indicações de anexos
Projeto Pedagógico	Existe o PP, no site www.bento.if.rs.edu.br ou www.cefetbg.gov.br
Normas disciplinares	Dentro do regimento
Regimento/Regulamento	Idem
Calendário escolar	No site: www.bento.if.rs.edu.br ou www.cefetbg.gov.br
Espaço físico	01 Ginásio poliesportivo; 01 auditório; 03 salas para palestras ou conferências; 01 sala de musculação; 01 sala de jogos de recreação; 01 cancha para futebol de areia e 01 para vôlei de praia. Foto (em anexo)
Equipamentos pedagógicos e de Educação Física/Materiais didáticos	Bolas de voleibol, futebol, handebol e basquete; aparelhos de musculação.
Estrutura e funcionamento da instituição (na prática)	<p>Voltado atualmente mais para a integração entre o ensino médio e o técnico, atendendo ao mercado de trabalho, com alunos satisfeitos com os cursos. No ensino médio e técnico, muitos alunos que vêm da cidade, acabam abandonando o ensino técnico. Mas os que conseguem terminar saem com um bom nível, conseguem emprego e/ou são aprovados no vestibular. Também se saem bem no ENEM.</p> <p>Atualmente, procuramos trabalhar mais com o ensino integrado, para que ele realmente seja integrado e não só no papel. Temos reuniões que estão agregando os professores, com a visão de tentar uma integração entre os conteúdos, vincular mais as coisas, de buscar a aplicabilidade dos conhecimentos.</p> <p>Iniciamos um projeto apoiado pelo Grupo Votorantim: A Educação Física voltada para a Cidadania. Não como uma Educação Física voltada somente para o lazer, a recreação, ou para o esporte, performance e treinamento; mas como uma Educação Física que trabalhe a questão da cidadania, da autonomia e do trabalho em grupo. Esse trabalho já iniciou com a seleção dos professores, estamos conscientizando os alunos, sensibilizando-os para participarem e aderirem ao projeto, pois a adesão deles é voluntária. Oferecemos duas turmas de 25 alunos, somando um total 50. Iremos abrir para as escolas carentes do município, que não têm acesso a esse tipo de trabalho. São 4 turmas de 25 alunos cada. Organizamos desta forma, em função do espaço físico, pois, temos que atender as aulas dos nossos cursos regulares, e os servidores também têm um horário de voleibol e futebol e há ainda os treinamentos dos nossos alunos.</p>
Recursos humanos com formação pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> - 01 professor com esquema II; - 03 professores com graduação; - 09 professores com especialização; - 39 professores com mestrado; - 12 professores com doutorado; - 03 mestrandos e 15 doutorandos. <p>Professores substitutos:- 02 com graduação;</p> <ul style="list-style-type: none"> - 02 com licenciatura plena; - 01 com especialização; - 04 com mestrado; - 01 doutorando.
Recursos humanos com formação em Educação Física	02

3.3 Abordagem Metodológica

A presente pesquisa utilizou uma metodologia que combina recursos, ao mesmo tempo, quantitativos e qualitativos, podendo ser dita como uma pesquisa de caráter qualitativo, descritivo e interpretativo. A pesquisa quantitativa e a qualitativa são de natureza

diferenciada, mas não excludente, e podem ou não ser complementares uma à outra na compreensão de uma dada realidade. Elas não se opõem, ou se contradizem; somente quando as duas abordagens são utilizadas, dentro dos limites de suas especificidades é que podem dar uma contribuição para o conhecimento. Na metodologia deste trabalho, embora predominantemente qualitativo, utilizam-se dados quantitativos como forma de dimensionar certos aspectos do problema.

O paradigma qualitativo se preocupa em compreender e interpretar a realidade educativa de todos os implicados no processo a ser analisado, considerando suas crenças, intenções, motivações e qualquer característica observada, analisando o todo do contexto estudado.

Diferentes tradições de pesquisa invocam o título qualitativo, partilhando o pressuposto básico de que a investigação dos fenômenos humanos, sempre saturados de razão, liberdade e vontade, estão possuídos de características específicas: criam e atribuem significados às coisas e às pessoas nas interações sociais e estas podem ser descritas e analisadas, prescindindo de quantificações estatísticas. (CHIZZOTTI, 2003, p. 222).

De acordo com Peres (2007, p. 19) os pesquisadores qualitativos devem preocupar-se com o modo como as pessoas dão sentido às suas vidas, ou seja:

Eles devem estar atentos às perspectivas dos sujeitos de suas pesquisas. Dessa forma, abre-se a cortina do movimento interno das situações, isto é, o que é freqüentemente imperceptível aos olhos do observador, pode emergir, revelando-se com maior transparência. É por isso que os investigadores qualitativos em educação devem continuamente questionar os sujeitos de sua investigação, visando perceber o que experimentam, sentem, interpretam o que vivem, organizam suas experiências e estruturam o mundo social de que são parte.

Assim, tanto o sujeito quanto as situações sociais nas quais esses sujeitos se encontram revestem-se de maior interesse e significado.

A pesquisa qualitativa deve ser entendida, nos limites deste trabalho, como um tipo de pesquisa:

Genérica que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, isto é, ricos em pormenores descritivos, relativamente a pessoas, locais e conversas. As questões a investigar não se estabelecem pela operacionalização de variáveis, sendo, igualmente, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 16)

Para o uso, ao mesmo tempo, de métodos quantitativos e qualitativos, Morse (1991) propõe o emprego da “triangulação simultânea”. Ressalta que, na fase de coleta de dados, a interação entre os dois métodos é reduzida, mas, na fase de conclusão, eles se complementam.

Taylor & Bogdan (1996, p. 93) definem que “*a triangulação suele ser concebida como um modo de protegerse de las tendencias del investigador y de confrontar y someter a control recíproco relatos de diferentes informantes.*”

Dentre os vários tipos de triangulação existentes, embora todos tenham a finalidade de contrastar e interpretar dados, investigadores, teorias, métodos, etc., originando diferentes formas de triangulação, segundo Hammersley & Atkinson (1983), é fundamental que seja realizada a triangulação reflexiva.

Este estudo metodológico específico sobre triangulação afirma Cauduro (2004, p. 89), “pretende oportunizar uma experiência a mais nesse processo metodológico que ora desperta na Educação Física, como parte integrante de uma pesquisa com uso de metodologia qualitativa, a qual se propõe a uma análise descritiva e interpretativa.”

A importância da triangulação, na visão de Cauduro (2004) está na verificação dos dados coletados através de várias fontes, criando assim, um mosaico único, artesanal, para cada estudo, dando vida e cor de outra maneira sem perder a credibilidade, a fidedignidade dos dados e sua validade. A autora faz parte do grupo de investigadores que acreditam que o trabalho científico deve, antes de tudo, gerar prazer e satisfação ao realizá-lo; que o estudo deve ser poético, subjetivo, ou seja, *ter vida*.

Metade do caminho está em envolver-se como pesquisador, estar dentro do contexto, pois “cada investigador deve organizar o seu próprio mosaico, juntando as peças, dando o seu tipo de colorido extraído dos diferentes matizes que foram encontrados e selecionados em todo o percurso da investigação para ser apreciado e utilizado por quem gosta de desafios.” (CAUDURO, 2004, p.96)

3.4 Procedimentos metodológicos, técnicos e instrumentos de coleta de dados da realidade investigada.

A finalidade, nessa etapa, foi a de tomar conhecimento sobre os sentimentos e carências dos alunos do Ensino Técnico e dos professores de Educação Física, com relação à inexistência ou insuficiência dessa modalidade de ensino na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. O estudo evolui para um caráter descritivo exploratório, na medida em que se pretendeu descrever o fenômeno e revelar as possíveis relações que se estabelecem no processo educacional como um todo (GAYA, 2008). Nessa etapa, são feitas as primeiras observações, com o objetivo de adquirir maior conhecimento sobre o fenômeno investigado.

Com tal finalidade, procurou-se estender o campo de informações, examinando toda a população da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica pertencentes ao estado do Rio Grande do Sul, para que fosse possível elaborar algumas inferências iniciais sobre o problema e, ainda, verificar a praticabilidade desta pesquisa.

O procedimento de coleta de dados se deu com base em contato prévio com as escolas para marcar dias e horários adequados para a visita e aplicação do questionário aos alunos, Professores de Educação Física e Supervisores, o que foi feito pela pesquisadora no 1º semestre do ano de 2009.

Optou-se por três questionários e uma entrevista semiestruturada (ANEXO B, C, D e E), para obter os dados qualitativos e quantitativos, construídos com a finalidade nessa etapa, de tomar conhecimento sobre os motivos dos sentimentos e carências no ensino técnico profissionalizante, com relação à inexistência ou insuficiência da Educação Física e suas implicações no desenvolvimento de princípios, valores, conteúdos culturais e práticas corporais nas instituições de Educação Profissional e Tecnológica. Esses instrumentos foram aplicados aos alunos do Ensino Integrado e do Ensino Técnico, aos professores de Educação Física do Ensino Médio e Integrado e aos supervisores. Os questionários tiveram sua validade obtida mediante a apreciação de quatro experts da área. (ANEXOS G – K)

Além do questionário e das entrevistas semiestruturadas, foi feita a observação das aulas de Educação Física nos cursos de Ensino Médio e Integrado (que têm Educação Física no currículo), e em alguns momentos, foram fotografadas. Além desses, o diário de investigação também foi um meio pelo qual a pesquisadora se utilizou para depositar suas dúvidas e reflexões a respeito do andamento da pesquisa.

Portanto, partiu-se então, para o segundo momento da investigação para observar e aplicar o questionário e as entrevistas aos sujeitos, por meio da metodologia qualitativa interpretativa, para assim, poder interpretar e compreender os sentimentos de cada um, referentes à Educação Física, nesse contexto educacional.

Com data e horário marcados, visitamos cada instituição, onde houve a acolhida e pronto atendimento. Cada instituição tem a sua própria característica e foi interessante poder estar observando, analisando, conversando com os sujeitos da pesquisa. Após a viagem, de posse dos dados coletados, iniciaram-se, então, a análise e interpretação dos dados.

A pesquisa, segundo Cauduro (2004) abre-nos muitos horizontes. Além de aprendermos um determinado assunto profundamente, nos possibilita ver as coisas sob uma perspectiva mais ampla; essencialmente, aprende-se a questionar e a buscar as respostas sem

aceitar as coisas prontas. É uma maneira de nos tornar cidadãos mais críticos do todo que nos envolve.

3. 5 Tratamento dos dados: o caminho da investigação

Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva, mediante o cálculo da frequência dos indicadores em cada questão, sendo calculada a frequência e percentual de respostas. Para a discussão dos resultados, selecionaram-se os questionários por escola, separando as respostas e elaborando as categorias e subcategorias para verificar os sentimentos e carências sobre a inexistência da Educação Física.

A análise e a interpretação dos dados coletados foram processados mediante leitura atenta das transcrições dos questionários, das entrevistas, e das observações registradas, até ficarem familiarizadas as informações, na intenção de buscar temas emergentes.

O trabalho metodológico de análise e interpretação estruturou-se em três níveis:

1º Nível de análise: Unidades de significados e grandes categorias

2º Nível de análise: Categorias e subcategorias

3º Nível de análise: Triangulação e as categorias

Esse processo foi inspirado na “espiral de compreensão” de Lacey (1976) que diz: “caminhos de ida e volta entre metodologia e realidade”. O quadro apresentado a seguir foi extraído de CAUDURO (1998, p. 342).

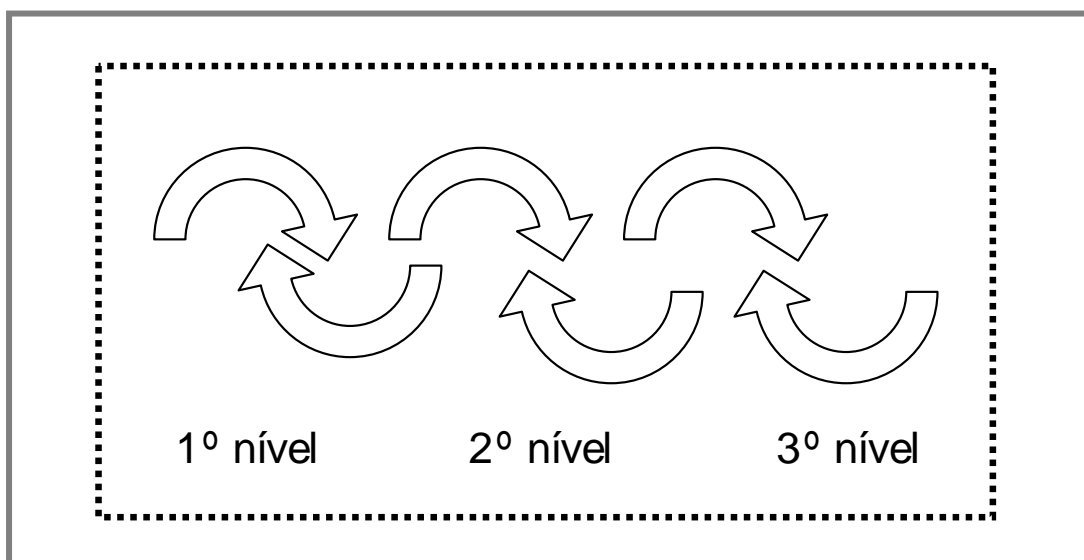


Figura 1– Representação gráfica do modelo utilizado na investigação

3.5.1 O Primeiro Nível de Análise

No primeiro nível de análise, estruturaram-se todas as unidades de significados, partindo da leitura do material coletado, no qual se identificaram temas e significados sobre o que diziam os participantes da investigação. Perfazendo um total de 65 unidades de significados.

Posteriormente, refizeram-se outras leituras das unidades de significado e agruparam-se algumas, visto que algumas delas entravam umas nas outras, resultando então, em 47 unidades de significados. Separaram-se, nos textos, as unidades de significados, para depois separá-las por temas, conforme as falas dos sujeitos; concomitante a isso, faziam-se anotações na margem das transcrições dos questionários, entrevistas, notas de campo e observações, resultando no primeiro nível de análise.

3.5.2 O Segundo Nível de Análise

Nesse nível, o processo foi o de análise em profundidade, que resultou na aproximação de categorias, conforme o conteúdo destas. Como havia unidades de significados que se sobrepunham e que cabiam em mais de uma categoria, do agrupamento das categorias, chegou-se a quatro grandes categorias e 13 subcategorias, apresentadas a seguir:

Quadro 7 – Segundo Nível de Análise

Categorias	Subcategorias
Contribuições da Educação Física no Ensino Técnico: Desenvolvimento Integral	Prevenção em saúde Redes Sociais Relação psicofisiológica Desempenho intelectual
Contexto Educacional: Percepções da Ambiência	Cultura esportiva Aspectos didático-pedagógicos Importância da Educação Física Sentimentos de carência
Construção de Valores: Desenvolvimento Psicossocial	Valores Físicos Valores Sociais
Perspectiva Docente: Crítica/Prospecção	Privação Contradição Valores

3.5.3 O Terceiro Nível de Análise

O terceiro nível de análise leva à interpretação dos questionários aplicados aos alunos, professores de Educação Física e às entrevistas aplicadas aos supervisores, o diário de campo, as observações, tratando de relativizar os descobrimentos, compreendendo os dados no contexto em que foram coletados, por meio da triangulação já citada anteriormente, resultando na conclusão do trabalho. Para tanto, utilizaram-se referências bibliográficas, fragmentos de entrevistas, partes de documentos e considerações pessoais para construir esse nível de análise.

4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com relação aos resultados da investigação, optamos por apresentá-los em três grandes momentos, quais sejam: 1º) análise dos dados, da realidade investigada em relação à percepção da Educação Física, para humanização da educação profissional e tecnológica, na ótica de professores e alunos desse contexto; 2º) discussão dos resultados encontrados, confronto e diálogo com estudos semelhantes existentes na literatura; 3º) reflexão de caráter transdisciplinar ante todo o contexto encontrado na investigação.

4.1 Apresentação e análise dos dados da realidade investigada

A tabela 1 nos mostra as mais acentuadas contribuições da Educação Física no ensino técnico: desenvolvimento integral, na ótica dos alunos. Entre o grupo masculino, tanto os que têm Educação Física no currículo escolar (Ensino Integrado), quanto os que não têm Educação Física no currículo escolar (Ensino Técnico), consideram que ela gera saúde, bem-estar e equilíbrio emocional (56,43%). Valorizam a integração, a interação humana, a convivência em grupo e o respeito aos colegas (60,0% – masculino) e (75,0% – feminino). Praticam (praticavam) Educação Física porque gostam (gostavam), pois traz alegria, descontração, brincadeiras, momento de liberdade (35,89%), embora não reconheçam que a Educação Física ajuda no rendimento escolar e no desempenho intelectual, porque acreditam que não influencia no aprendizado que buscam no ensino profissional (42,85%).

O grupo feminino também evidencia que a Educação Física gera saúde e bem-estar e equilíbrio emocional (52,0%), valorizam a integração, a interação humana, a convivência em grupo e o respeito aos colegas (75,0%), a alegria, a descontração e brincadeiras como um momento de liberdade (37,04%), fazem referência ao relaxar da pressão das aulas (37,04%), mas salientam que a carga horária é alta e que não há como encaixar mais disciplinas (50,0%).

TABELA 1 – Categoria: Contribuições da Educação Física no Ensino Técnico: Desenvolvimento integral

SUBCATEGORIAS ⁴ /UNIDADES DE SIGNIFICADOS		Ensino Integrado ⁵ (f = 40)		Ensino técnico ⁶ (f = 60)		Total Geral (f = 100)	
		Masc. n (%)	Fem. n (%)	Masc. n (%)	Fem. n (%)	Masc. n (%)	Fem. n (%)
Prevenção em saúde	Forma física saudável/alongamentos/postura correta/evita sedentarismo	12 (32,44)	10 (50,0)	32 (50,0)	14 (46,66)	44 (43,57)	24 (48,0)
	Gera saúde e bem-estar/equilíbrio emocional	25 (67,56)	10 (50,0)	32 (50,0)	16 (53,34)	57 (56,43)	26 (52,0)
	Total de respostas	37	20	64	30	101	50
Redes sociais	Integração/interação humana/convivência em grupo/respeito aos colegas	5 (55,56)	5 (83,33)	10 (62,5)	4 (66,66)	15 (60,0)	9 (75,0)
	Trabalho em equipe/convívio social	2 (22,22)	1 (16,67)	5 (31,25)	1 (16,67)	7 (28,0)	2 (16,66)
	Companheirismo entre colegas e professores	2 (22,22)	-	1 (6,25)	1 (16,67)	3 (12,0)	1 (8,34)
	Total de respostas	9	6	16	6	25	12
Relação Psicofisiológica	Pratico Educação Física porque gosto/gostava	6 (46,15)	-	8 (30,76)	2 (12,5)	14 (35,89)	2 (7,41)
	Relaxar da pressão das aulas teóricas	1 (7,70)	3 (27,27)	4 (15,39)	7 (43,75)	5 (12,82)	10 (37,04)
	Alegria/descontração/brincadeiras/momento de liberdade	4 (30,76)	5 (45,46)	10 (38,46)	5 (31,25)	14 (35,89)	10 (37,04)
	Saudável para corpo e mente/renova as energias	2 (15,39)	3 (27,27)	4 (15,39)	2 (12,5)	6 (15,40)	5 (18,51)
	Total de respostas	13	11	26	16	39	27
Desempenho intelectual	Conhecimento sobre o corpo	1 (33,33)	1 (50,0)	1 (4,0)	-	2 (7,15)	1 (10,0)
	Maior aprendizado/desempenho no curso/envolve disciplina	1 (33,33)	1 (50,0)	3 (12,0)	2 (25,0)	4 (14,29)	3 (30,0)
	Não influencia no aprendizado que busco no ensino profissional	1 (33,33)	-	11 (44,0)	1 (12,5)	12 (42,85)	1 (10,0)
	Carga horária alta, não há como encaixar mais disciplinas	-	-	10 (40,0)	5 (62,5)	10 (35,71)	5 (50,0)
	Total de respostas	3	2	25	8	28	10

Na tabela 2, com relação ao contexto educacional: percepções da ambiência, ao serem perguntados de que sentem, ou sentiam falta nas aulas de Educação Física, é evidenciado pelos alunos do grupo masculino, a necessidade de maior diversidade de esportes e atividades, campeonatos e gincanas (58,53%), mas há um sentimento de completude nas aulas, com relação ao grupo feminino. Afirmam que não sentem ou não sentiam falta de nada (50%). Os alunos do ensino técnico, ao serem perguntados como se sentiam quando tinham Educação Física nas séries anteriores, ressaltaram que faltavam professores com boa didática, maior orientação e participação deles e que as aulas eram monótonas (50% – masculino e 80,0% – feminino). A Educação Física é importante no ensino técnico para 74,28% do grupo masculino e para 70% do grupo feminino, enquanto que 57,14% do grupo masculino do ensino técnico sentem falta da Educação Física em seus currículos escolares e 55,56% do feminino não sentem a sua falta.

⁴ Questões de múltipla escolha

⁵ Com Educação Física no currículo

⁶ Sem Educação Física no currículo

TABELA 2 – Categoria: Contexto educacional: Percepções da ambiência

SUB-CATEGORIAS/UNIDADES DE SIGNIFICADOS		Ensino Integrado (f = 40)		Ensino técnico (f = 60)		Total Geral (f = 100)	
		Masc. n (%)	Fem. n (%)	Masc. n (%)	Fem. n (%)	Masc. n (%)	Fem. n (%)
Cultura esportiva	Necessidade de maior diversidade de esportes e atividades/campeonatos/gincanas	9 (64,29)	4 (40,0)	15 (55,55)	3 (37,5)	24 (58,53)	7 (38,89)
	Sentimento de completude nas aulas de Educação Física	5 (35,71)	5 (50,0)	7 (25,93)	4 (50,0)	12 (29,27)	9 (50,0)
	Atividades físicas são realizadas fora do período letivo	-	1 (10)	5 (18,52)	1 (12,5)	5 (12,20)	2 (11,11)
	Total de respostas	14	10	27	8	41	18
Aspectos didático-pedagógicos	Falta de material e melhor infraestrutura	5 (62,5)	-	3 (25,0)	1 (20,0)	8 (40,0)	1 (20,0)
	Professor ministra (ministrava) as aulas muito bem	2 (25,0)	-	-	-	2 (10,0)	-
	Faltam (faltava) professores com boa didática/maior orientação e participação deles/aulas monótonas	1 (12,5)	-	9 (75,0)	4 (80,0)	10 (50,0)	4 (80,0)
	Total de respostas	8	-	12	5	20	5
Importância da Educação Física	A Educação Física é importante no Ensino Técnico	26 (92,86)	12 (100)	26 (61,9)	9 (50,0)	52 (74,28)	21 (70,0)
	A Educação Física Não é importante no Ensino Técnico	2 (7,14)	-	16 (38,1)	9 (50,0)	18 (25,72)	9 (30,0)
	Total de respostas	28	12	42	18	70	30
Sentimentos de carência	Sinto falta da Educação Física no Ensino Técnico			24 (57,14)	8 (44,44)		
	Não Sinto falta da Educação Física no Ensino Técnico			18 (42,86)	10 (55,56)		
	Total de respostas			42	18		

Na tabela 3, referente à construção de valores: desenvolvimento psicossocial, 37,5% dos meninos e 71,43% das meninas acreditam que a Educação Física serve para educar o físico e, ao serem questionados sobre os valores sociais e morais, os meninos afirmam que valores físicos são mais divertidos, pois sociais e morais são trabalhados em outras disciplinas (37,5%). E, ainda consideram que o esporte é uma maneira de integração, de inclusão, em que se aprende a lidar com as diferenças e que, partindo dele, há a perspectiva de trabalhar todos os valores (72,5%), as meninas valorizam a convivência, o entrosamento, o companheirismo e respeito para com os colegas, às regras, oportunidade de vivência de sentimentos de vitória/derrota e/ou frustração, solidariedade e espírito esportivo (52,94%).

TABELA 3 – Categoria: Construção de valores: Desenvolvimento psicossocial

SUBCATEGORIAS/UNIDADES DE SIGNIFICADOS		Ensino Integrado (f = 40)		Ensino técnico (f = 60)		Total Geral (f = 100)	
		Masc. n (%)	Fem. n (%)	Masc. n (%)	Fem. n (%)	Masc. n (%)	Fem. n (%)
Valores físicos	Importância do físico. É para isso que serve a Educação Física, para trabalhar o físico, o corpo	1 (6,67)	-	11 (64,7)	5 (71,43)	12 (37,5)	5 (71,43)
	Importância aos exercícios aeróbicos e anaeróbicos/corridas	4 (26,67)	-	4 (23,52)	-	8 (25,0)	-
	Valores físicos são mais divertidos, pois sociais e morais já são trabalhados em outras disciplinas	10 (66,66)	-	2 (11,78)	2 (28,57)	12 (37,5)	2 (28,57)
	Total de respostas	15	-	17	7	32	7
Valores sociais	Convivência/entrosamento/companheirismo e respeito para com os colegas/às regras/possibilidades de vivência com sentimentos de vitória/derrota e/ou frustração/solidariedade e espírito esportivo	4 (22,22)	1 (14,29)	7 (31,82)	8 (80,0)	11 (27,5)	9 (52,94)
	Esporte é uma maneira de integração, de inclusão/aprende-se a lidar com as diferenças/possibilidade de trabalhar todos os valores, partindo do esporte	14 (77,78)	6 (85,71)	15 (68,18)	2 (20,0)	29 (72,5)	8 (47,06)
	Total de respostas	18	7	22	10	40	17

A tabela 4 evidencia os sentimentos de privação da Educação Física no ensino técnico e os valores atribuídos a ela na perspectiva docente. Foram criadas três subcategorias, quais sejam: Privação, Contradição e Valores, partindo da exposição dos seus sentimentos, suas críticas e prospecções.

Destaca-se o sentimento de impotência que os docentes têm, na categoria privação, por não poderem fazer nada em relação a essa ausência da Educação Física no ensino técnico; e ainda se sentem impossibilitados de realizar sua principal função, que é a de estimular nos alunos o prazer em realizar atividades físicas. A privação aos alunos, de práticas saudáveis de atividades físicas e esportes/competições esportivas, atribuindo à falha do sistema educacional, pois a necessidade da Educação Física é permanente, havendo um prejuízo ou minimização das atividades físico-esportivas aos alunos.

Na categoria contradição, observam o paradoxo entre a obrigatoriedade da atividade física nas empresas e a não obrigatoriedade na rede de educação profissional, no ensino técnico. A necessidade de destrezas motoras, percepção estética que deveriam e poderiam ser desenvolvidas nas aulas de Educação Física, observando aí, outra contradição. E, ainda, constataram que o aluno, ao ter deficiência de conteúdo na sua área específica, se esse aluno tiver oportunidade de ter um ensino mais consistente com aulas em que se trabalhasse esse desenvolvimento da capacidade de compreensão, como Educação Física, Artes, etc., ele poderia ter menos problemas nas áreas específicas, e talvez se chegasse à conclusão de que ele não precisaria ter mais aulas técnicas.

E, finalmente, na categoria valores, observam que a aula de Educação Física, num pequeno gesto motor, pode retomar a autoestima do aluno. Estes, assim como os princípios,

devem estar inseridos nos conteúdos para que dentro do esporte as pessoas se sintam mais valorizadas, e elegeram os valores que poderiam ser trabalhados, e que na realidade, acabam sendo deixados de lado, com pouca ênfase durante as aulas da parte técnica. São eles: socialização, cooperativismo, ética, honestidade, luta, sinceridade, dedicação, perseverança, respeito ao coletivo, responsabilidade com as pessoas e ao meio ambiente, respeito às diferenças, espírito de grupo, aceitação do corpo genético.

TABELA 4 – Categoria: Perspectiva Docente: Crítica/prospecção (f = 5)

SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE SIGNIFICADOS	F
Privação	– Aos alunos de práticas saudáveis de atividades físicas e esportes/competições esportivas	3
	– Da socialização da aprendizagem da cultura esportiva	1
	– Do sentimento de prazer pela prática de atividades físicas e esportivas	1
	– Da compensação da atividade laboral	1
	– O aluno, ao sair do ensino médio, perde qualquer tipo de atendimento na área física. Se ele é atleta, é atendido pelas federações (caso mais elitizado), ou não recebe nada	1
	– Da utilização da metodologia aplicada e adequada à Educação Física	1
	– Sentimento de impotência por não podermos fazer nada em relação a isso e impossibilitados de realizar nossa principal função, que é a de estimular nos alunos o prazer em realizar atividades físicas	2
	– Lamentável, pois o sedentarismo e a obesidade são considerados epidemia mundial	1
	– Traria mais atividade para os profissionais da área, maior oportunidade aos professores de Educação Física atuarem	1
	– Problema estrutural que acaba recaindo na figura do professor de Educação Física; também temos problemas com instalações adequadas e disponíveis à prática de Educação Física	1
Contradição	– Falha do sistema educacional, pois a necessidade da Educação Física é permanente, havendo um prejuízo ou minimização das atividades físico-esportivas aos alunos	2
	– Paradoxo no qual as empresas, com mais de cem funcionários têm a obrigação por lei de colocar a ginástica laboral, e numa “empresa” como a nossa de “construção de conhecimento, não tem obrigatoriedade na lei	1
	– Nos cursos técnicos, há a necessidade de destrezas motoras, percepção estética que deveriam e poderiam ser desenvolvidas nas aulas de Educação Física	1
Valores	– Se os alunos têm uma deficiência na capacidade de compreensão básica, muitos professores ao sugerirem opções para suprir essa deficiência, entendem que eles têm deficiência de conteúdo na sua área específica, e não percebem que se esse aluno tiver oportunidade de ter um ensino mais consistente com aulas em que se trabalhasse esse desenvolvimento da capacidade de compreensão, como Educação Física, Artes, etc., poderia ter menos problemas nas áreas específicas, e talvez se chegasse à conclusão de que ele não precisaria ter mais aulas técnicas	1
	– Levaria o aluno a pensar no desenvolvimento dos valores de homem e de sociedade, como algo a preservar e levar para suas vidas	1
	– A aula de Educação Física, num pequeno gesto motor, pode retomar a autoestima do aluno. Os princípios/valores devem estar inseridos nos conteúdos para que dentro do esporte as pessoas se sintam mais valorizadas	2
	– As atividades praticadas dariam maior dinamização à vida do aluno	1
	– Os valores que poderiam ser trabalhados, que acabam sendo deixados de lado, com pouca ênfase durante as aulas da parte técnica: socialização, cooperativismo, ética, honestidade, luta, sinceridade, dedicação, perseverança, respeito ao coletivo, responsabilidade com as pessoas e ao meio ambiente, respeito às diferenças, espírito de grupo, aceitação do corpo genético	2
	– Formação integral como homem, não somente como atleta	1
Total de respostas		25

4.2 Discussão dos resultados e reflexões

De acordo com o presente estudo, tanto os meninos (56,43%), quanto as meninas (52,0%) do Ensino Integrado e do Ensino Técnico, entendem que a Educação Física gera saúde, bem-estar e equilíbrio emocional. Nessa direção, Farinatti (1994) aponta para a inserção da Educação Física, o desenvolvimento do conjunto das idéias sobre promoção da saúde, mediada pela visão de aptidão para toda a vida, envolvida com o ensino de habilidades motoras.

Na preocupação com a saúde preventiva, a falta de atividade física é a principal causa do aparecimento de doenças cardiovasculares e respiratórias. O exercício regular é um dos meios mais objetivos de se alcançar vários benefícios e melhorar a saúde. É um desafio teórico-prático capaz de propiciar novas atitudes para fugir do sedentarismo e melhorar a autoestima, que pode iniciar na observação aos princípios pedagógicos, nas aulas de Educação Física, na fase escolar (LIMBERGER, 2006).

De acordo com Pohl & Schwendler (2006), na medida em que as aulas de Educação Física deveriam ser suficientes para proporcionar o desenvolvimento da aptidão física, são as intervenções pedagógicas, baseadas na competência profissional, no planejamento das atividades e, principalmente, na avaliação, que irão atender às demandas dos escolares no que diz respeito à capacidade cardiorrespiratória. Assim, ao estimular uma vida ativa no contexto escolar, conscientizam-se os alunos da importância de um estilo de vida ativo. Esta será a maior contribuição que o professor de Educação Física, enquanto promotor da saúde, e a escola farão para a sociedade.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1985), o conceito de saúde é evidenciado como o estado completo de bem-estar físico, mental, social e não apenas como a ausência de doença. Nesse contexto, pode-se pretender um estado positivo de hábitos de vida, que buscam promover a saúde e assim, diminuir o aparecimento prematuro de doenças, e observar o estilo de vida de cada um, o qual interfere na saúde e bem-estar.

Burgos et al. (2006, p. 36) evidencia o estilo de vida como “um conjunto de padrões de comportamento que definem a maneira comum de viver de um indivíduo num grupo.” A autora entende estilo de vida como tudo o que se faz no dia-a-dia, e que é resultado da educação, da cultura da atividade física e desportiva, do convívio em sociedade e de toda dinâmica globalizada que chega às nossas vidas. O ser humano busca saúde, educação e qualidade de vida; deseja um completo bem-estar, que passe para o cotidiano de cada um.

Estudos e ações que investem em prevenção e reabilitação em saúde, defende Burgos (2006, p. 51), “recebem, como retorno, bem-estar, qualidade de vida e o compromisso ético com o exercício da cidadania, desenvolvimento integral e saudável do ser humano,” e entre os diversos compromissos com a formação global do cidadão, destaca-se a educação para a saúde e bem-estar social e cultural. A prevenção deveria estar entre as mais altas prioridades de saúde pública. Os governos, a mídia, as indústrias, as escolas e instituições sociais, precisam trabalhar de forma conjunta para modificar o meio ambiente e promover a conscientização pública, para que estes adotem modos de vida diferenciados e voltados à qualificação da vida.

Sabemos, portanto, que muitos componentes da vida social que contribuem para uma vida, com qualidade, são fundamentais para que indivíduos e populações alcancem um perfil elevado de saúde. Para que uma sociedade conquiste saúde para todos os seus membros, é necessário mais do que o acesso a serviços médico-assistenciais de qualidade; é preciso enfrentar os determinantes da saúde em toda a sua amplitude, o que requer políticas públicas saudáveis, isto é, políticas comprometidas com a qualidade de vida e a saúde da população.

A contribuição da saúde para a qualidade de vida de indivíduos ou populações são mostradas pelas evidências científicas abundantes. Em seus estudos, Silva e Malina (2000) consideram que a atividade física é uma área relevante de investigação, pela sua relação inversa com as doenças degenerativas, ou seja, indivíduos ativos tendem a apresentar menor mortalidade e morbidade por essas doenças (CDC/National Center for Chronic Disease Prevention and Health Promotion, 1996). Dessa forma, várias instituições e organizações tais como a *International Federation of Sports Medicine* (1990), a *American Heart Association* (Fletcher et al., 1992), a Organização Mundial de Saúde (Bijnen et al., 1994) e o Colégio Americano de Medicina Desportiva (Pate et al., 1995) têm enfatizado a importância da adoção de atividade física regular para a melhoria dos níveis de saúde individual e coletiva, especialmente para a prevenção e reabilitação da doença cardiovascular.

Recentes resultados da pesquisa sobre Padrão de Vida (IBGE, 1998) mostram que 80,8% dos indivíduos investigados não praticam exercício semanalmente. Mello et al. (1998) encontraram uma prevalência de sedentarismo de 68,7% em uma amostra aleatória de paulistanos, embora não tenham apresentado o critério para sedentarismo. Em uma amostra do Rio Grande do Sul, Piccini & Victora (1994) relataram que 55,8% dos participantes de 20 a 69 anos de idade não praticaram nenhum tipo de atividade física regular, no ano anterior ao estudo.

A Síntese de Indicadores Sociais 2007 do IBGE (2008) mostra que as condições de vida têm melhorado no Brasil, de forma diferente para os dois extremos etários da sociedade. Houve mais avanços para idosos que para crianças, adolescentes e jovens. O Brasil está dando mais saúde aos idosos, cuja expectativa de vida aumenta. No entanto, melhora em ritmo muito menor na educação, maior carência da juventude.

Outros fatores bastante valorizados pelos alunos foram a integração, a interação humana, a convivência em grupo e o respeito aos colegas (60,0% – masculino) e (75,0% – feminino). Praticam (praticavam) Educação Física porque gostam (gostavam), pois traz alegria, descontração, brincadeiras, momento de liberdade (35,89% – grupo masculino).

Refletir sobre a Educação Física como fator de valorização da integração, interação humana, convivência em grupo e respeito aos colegas, nos espaços educacionais justifica-se pelos inúmeros conflitos que têm marcado esse século, os quais têm motivado discussões no campo da ética e da moral, indicando a necessidade de se repensar o humano nas mais diversas esferas sociais (GADOTTI, 2000). Basta observar que os motivos evidenciados pelos alunos, ao falarem que gostam de praticar Educação Física, são de que traz alegria, descontração, brincadeiras, momento de liberdade.

A escola é o lugar de desenvolver a Educação Física que provoca as trocas e as aprendizagens entre as pessoas. A Educação Física é responsável pelo aprendizado das relações entre as pessoas, que se dá via corporal (FALKENBACH, 2002).

Sendo o homem sujeito de sua própria história, de acordo com Paulo Freire (1977) toda ação educativa deverá promover o indivíduo, sua relação com o mundo, por meio da consciência crítica, da libertação e de sua ação concreta com o objetivo de transformá-lo. Assim, ninguém se atirará a uma atividade eminentemente séria, penosa, transformadora (visão de uma realidade futura feliz), se não tiver no presente, a alegria real, ou seja, o mínimo de prazer, satisfação e predisposição para isso.

No que tange à esfera da ciência, os avanços são tão rápidos que impedem um debate mais profundo sobre os rumos da sua produção, sobretudo, no que se refere à produção de conhecimentos que combinem desenvolvimento científico/tecnológico com humanização e bem-comum. A velocidade da propagação da informação se dá muito rapidamente; as pessoas se comunicam de qualquer parte do mundo, mas, nos espaços intersubjetivos; os encontros se dão muito apressadamente, impossibilitando um envolvimento maior que se pergunte sobre a vida, suas motivações e alegrias. Fala-se sobre o imprescindível, o urgente, o trabalho.

Ao falar em Educação Física, Kolyaniak Filho (1996) considera ser necessário que se esclareça a que tipo de prática social se está referindo. Qualquer dessas práticas se pode dar

partindo de diferentes concepções de mundo, de homem e de sociedade. Assim, podemos contrapor práticas baseadas em dois pressupostos antagônicos: a dualidade corpo-alma e a unidade corpo-mente. Na visão dualista, a Educação Física é entendida como educação do corpo para colocá-la a serviço da mente, trabalhar com o físico, adestrá-lo com finalidades específicas (guerra, trabalho, esporte, etc.). A preocupação aqui é eminentemente funcional. Na concepção unitária do homem, toda a atividade humana é motora e cognitiva, simultaneamente, disso decorre que o ensino da Educação Física é uma atividade que envolve o educando em todas as suas dimensões. Igualmente, o conhecimento produzido e socializado pela Educação Física refere-se à totalidade das dimensões humanas e não se limita a seus aspectos biológicos.

Permanece vigente nos espíritos o paradigma tradicional que separa radicalmente corpo e mente, quando os alunos não reconhecem que a Educação Física ajuda no rendimento escolar e no desempenho intelectual, porque acreditam que não influencia no aprendizado que buscam no ensino profissional, 42,85% do grupo masculino e entre o grupo feminino, embora valorizem o relaxar da pressão das aulas (37,04%), e reconheçam que há alegria, descontração, brincadeiras e momentos de liberdade, afirmam que a carga horária é alta e que não há como encaixar mais disciplinas (50%).

Weis & Weis (2006, p. 85) consideram a Educação Física não apenas uma disciplina, mas, acima de tudo, “uma prática socioeducativa, parte integrante da educação para a saúde, vinculada aos aspectos característicos da totalidade humana”, e ainda, “um bem social fundamental na estrutura das sociedades democráticas avançadas, que deve chegar a todos os cidadãos como garantia de qualidade de vida” (p. 91). Nessa perspectiva de busca de qualidade, as aulas de Educação Física permitem aos alunos aprender, interagir e jogar juntos, promovendo, maior integração entre eles, e conseqüentemente, desenvolvem laços mais estreitos com seus colegas mediante de significativas experiências compartilhadas.

Com relação à subcategoria cultura esportiva, 58,53% dos meninos sentem necessidade de maior diversidade de esportes e atividades, mais campeonatos, gincanas; eles anseiam por oportunidades de outras práticas, percebem a existência de outras possibilidades que nem sempre são veiculadas na escola, e entre as meninas, 50,0% têm um sentimento de completude nas aulas de Educação Física, acham que não precisa mudar nada, que “está bom assim.” Há, nesse caso, uma situação paradoxal: de um lado a insatisfação e de outro a completude. Uma solução, na visão de Kunz (1994), deveria basear-se na “ação comunicativa” do processo de ensino, no qual há uma interação entre educador e educando, com uma práxis social, e, especialmente, que passe pela compreensão e transformação do

aluno. O movimento ganha importância, quando se considera que o movimento corporal é uma forma de linguagem e, por isso, promove um diálogo dos sujeitos com o mundo.

No entanto, deve-se atentar para o fato de que:

Qualquer atividade pode ser adequada ou inadequada, saudável ou prejudicial, desejável ou indesejável, prazerosa ou desagradável, dependendo dos objetivos de quem a pratica, condições em que é praticada (clima, frequência, intensidade, equipamento, estado nutricional do praticante, relação com outras atividades, repouso, etc.); características do praticante (idade, experiência anterior, nível de informação a respeito da atividade, características orgânicas constitucionais, estado de treinamento, motivação, etc.). (KOLYNYIAK FILHO, 1996, p. 78).

O exposto acima serve como referência aos aspectos didático-pedagógicos, em que 50% dos meninos e 80% das meninas do ensino técnico afirmam, ao serem perguntados do que sentiam falta, nas aulas de Educação Física: “que faltavam professores com boa didática, maior orientação e participação deles e as aulas eram monótonas.” Cabe observar ainda, que 40% dos meninos e 20% das meninas reclamaram que “faltava material e melhor infraestrutura”; eis um fator que contribui para essa desmotivação. Também, 74,28% dos meninos e 70% das meninas consideram que a Educação Física é importante no ensino técnico, mas 57,14% dos meninos sentem sua falta e 55,56% das meninas não sentem essa carência. Há que se considerar aqui, que os sentimentos de carência, somente foram perguntados aos alunos do ensino técnico, pois, os do Ensino integrado têm Educação Física no currículo.

Não existe atividade motora sistematizada que possa ser considerada adequada ou inadequada para todas as pessoas. Toda e qualquer atividade deve ser conduzida com observação e avaliação das características individuais do praticante. A inobservância dessa diretriz básica pode resultar em lesões e/ou em desestímulo aos praticantes, afastando-os das oportunidades de desfrutar de benefícios que tais atividades podem propiciar.

Cauduro (1998, p. 224) acredita que “a Educação Física pode enfatizar um caráter formativo de amplo impacto sociocultural, oportunizando uma educação consciente de seu papel histórico-social, em função de uma determinada perspectiva de classe.” A seu ver, o professor de Educação Física não é simplesmente um agente pedagógico. Ele é um agente político-pedagógico que deve ser capacitado com bases filosóficas, científicas e pedagógicas suficientes para poder desempenhar as ações concretas que são necessárias para defender, conscientemente, seu projeto de educação e sociedade.

Ainda a mesma autora (p. 225), considera que:

A ação profissional do professor de Educação Física concretiza-se através do estabelecimento de um processo de interação e comunicação social, mediatizado pela relação ensino-aprendizagem e pela aplicação de procedimentos de ensino, que

podem ser vinculados a ações problematizadoras de caráter amplo, como a formação da cidadania e ou restrita como o tecnicismo como, por exemplo, o treinamento de habilidades específicas.

Mas (2006, p. 70) traz algumas reflexões que considera pertinentes para discutir o papel da Educação Física, na educação de/com valores:

Atitudes como responsabilidade com o próprio corpo, com um estilo de vida ativo, auto-imagem positiva, confiança em si mesmo, respeito pelos outros, cooperação, companheirismo e solidariedade, para citar algumas, vêm associadas a valores que permeiam as práticas curriculares em geral e a Educação Física em particular e que, por isso, necessitam ser trabalhadas, enquanto objeto educativo.

Pensando em contribuir para a realização para outras tantas análises sobre o assunto, a autora seleciona três níveis mediante os quais a escola poderá desenvolver a educação de valores: “por meio dos compromissos institucionais, do currículo e do exemplo dos professores.” (Ibidem, p.70)

“Projetos e valores constituem os ingredientes fundamentais da idéia de Educação.” (MACHADO, 1994, p. 20). É preciso que haja projetos institucionais comprometidos com a educação, que os currículos escolares contemplem as disciplinas que formem o cidadão como um todo e que os professores, tenham princípios norteadores, que criem condições para que seus alunos adotem esses valores.

Ressaltamos que os meninos (37,5%) e as meninas (71,43%) ainda consideram a importância do físico e que é para isso que serve a Educação Física, para educar o corpo e 37,5% dos meninos acrescentam que valores físicos são mais divertidos, pois morais e sociais já são trabalhados nas outras disciplinas. Com relação aos valores sociais, 52,94% das meninas consideram a convivência, o entrosamento, o companheirismo e respeito para com os colegas, respeito às regras, oportunidades de vivência com sentimentos de vitória/derrota e/ou frustração, solidariedade e espírito esportivo e 72,5% dos meninos consideram que o esporte é uma maneira de integração, de inclusão por meio do qual se aprende a lidar com as diferenças e há a chance de trabalhar todos os valores, partindo dele.

De acordo com Mas (2006, p. 81) “é muito ampla a possibilidade de educarmos com valores através das aulas de Educação Física, que podem, inclusive, constituir-se em espaços privilegiados para que os alunos venham a recriar suas amizades.” As situações vividas nas aulas de Educação Física não apenas permitem, mas são propícias ao trabalho com atitudes. Os conflitos provocados pelo contato físico, pelo aprendizado da competição e da colaboração presente nos jogos – pelo enfrentamento da derrota e do sucesso, pelo contato entre mais aptos e menos aptos para atividade física envolvem aspectos afetivos, cognitivos e morais, que implicam a busca de soluções. Nesse contexto, a Educação Física reafirma seu papel de

colaboradora na formação das crianças como um todo, dispondo de um espaço muito rico para discussões e reflexões dos vários conflitos entre valores que existem na escola.

Nesse sentido, Mas (2006, p. 81) valoriza o quanto “as atividades físicas de caráter coletivo podem educar para uma postura que se contraponha ao individualismo e à violência” e que coloque em evidência o desenvolvimento de atitudes para o trabalho em equipe, por meio da cooperação e da solidariedade. E ainda, enfatiza a conscientização para a adoção de um estilo de vida saudável, com relação à prática de exercícios, cuidados com a alimentação, saúde bucal, entre outros.

Sendo assim, a Educação Física se justifica na escola procurando realizar um projeto integrado com as demais disciplinas, almejando desenvolver a consciência sobre a experiência humana e autonomia, por meio de práticas corporais. Destaca-se a importância do professor, nesse processo de formação que deverá, conscientemente, assumir e representar o papel de orientador no desenvolvimento de atitudes, princípios e valores, servindo como um modelo e como referência de diálogo.

De acordo com Kolyniak Filho (1996, p.8), “as concepções e práticas educacionais estão relacionadas a formas de conceber o homem, a sociedade e o mundo.” Além de depender dos pressupostos filosóficos de quem a utiliza, a Educação Física pode referir-se também a diferentes práticas sociais e que segundo o contexto e a intenção com que é utilizada, pode significar: “um conjunto de práticas sistematizadas voltadas para o desenvolvimento de propriedades motoras do organismo humano, práticas essas que podem ocorrer em diferentes contextos institucionais ou mesmo informalmente” (KOLYNIK FILHO, 1996, p.8).

Assim, a simples sistematização de procedimentos para desenvolver propriedades motoras do organismo, baseada num empirismo puro, representa uma fase inicial, que se torna mais complexa quando a preocupação com o ensino, no que diz respeito aos seus objetivos e metodologia, exige uma progressiva reflexão sobre aspectos biológicos, psicológicos e sociais subjacentes às manifestações da motricidade humana. (KOLYNIK, 1996, p. 63)

Prado (2000, p. 1) considera que o educador e o aluno têm alguns pontos de vista que devem ser observados. Ao considerarmos o ponto de vista do educador, “a cidadania passa por boas relações com os colegas, com a direção, com os funcionários – pelo direito de ensinar, ou seja, formar cidadãos.” Do ponto de vista do aluno, ela reside no direito de ir à escola e só começa a fazer sentido quando ele aprende.

De acordo com o que foi extraído das falas dos professores, pode-se observar a preocupação da privação aos alunos de práticas saudáveis de atividades físicas e esportes/competições esportivas; da socialização da aprendizagem da cultura esportiva; do

sentimento de prazer pela prática de atividades físicas e esportivas; da compensação da atividade laboral; da utilização da metodologia aplicada e adequada à Educação Física. O ensino da Educação Física é uma atividade que envolve o educando em todas as suas dimensões.

Uma das mais interessantes contribuições que a cultura escolar pode oferecer a crianças, jovens e adultos, com a participação da Educação Física, afirma Vago (1999, p. 32) é:

Fazê-los sensíveis às muitas maneiras de conhecer, abrindo trilhas para os diversos campos do saber, provocando neles a dúvida e o desejo da busca, despertando-lhes ao mesmo tempo, para as realizações e conquistas dos humanos e para os muitos problemas que os afligem. O desafio, então, é organizar uma cultura escolar aberta e atenta às múltiplas “possibilidades afetivas, lúdicas e estéticas de entender o mundo”⁷ - uma escola fértil de (e para) novas produções, novos saberes, novos sabores. Uma escola preocupada com a “qualidade social” de seu projeto político pedagógico, direito de cidadania e obrigação do Estado.

Kolyniak Filho (1996, p. 65-66) afirma que o conhecimento produzido e socializado pela Educação Física refere-se “à totalidade das dimensões humanas e não se limita a seus aspectos biológicos.” No entanto, nosso estudo aponta, diante da inexistência da Educação Física nesse contexto, que há ainda fortes sentimentos de privação dos professores, tais como: “(...) sentimento de impotência por não podermos fazer nada em relação a isso e impossibilitados de realizar nossa principal função, que é a de estimular nos alunos o prazer em realizar atividades físicas.” “(...) lamentável, pois o sedentarismo e a obesidade são considerados epidemia mundial.” “(...) traria mais atividade para os profissionais da área, maior oportunidade aos professores de Educação Física atuarem.” “(...) problema estrutural que acaba recaindo na figura do professor de Educação Física; também temos problemas com instalações adequadas e disponíveis à prática de Educação Física.” “(...) falha do sistema educacional, pois a necessidade da Educação Física é permanente, havendo um prejuízo ou minimização das atividades físico-esportivas aos alunos.”

Como profissionais de Educação Física, conhecemos os tantos problemas básicos com os quais nos confrontamos diariamente, que transcendem a escola e a educação como um todo. Porém, Vago (1999, p. 33), contrapõe que a “vontade de abrangência”⁸ é que deve orientar nossas práticas escolares: afirmar e construir a escola como tempo-espço em que se entrecruzam ciência, sabedoria, arte, ludicidade, fontes de onde brota a vida cultural”.

⁷ Parecer da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, nº 4/98, 29/1/1998.

⁸ O Autor apropriou-se do título de um artigo de Milton Santos, no Caderno Mais, da Folha de S. Paulo, 20 de junho de 1999.

Sobre esses paradoxos: a inexistência da Educação Física num ambiente propício a ela, as tantas possibilidades de atuação e de importância da Educação Física nesse meio, Luz Júnior (1999) constata que entre a “tentativa de ser”, e as “condições para ser”, a atuação dos (as) professores (as) de Educação Física fica limitada, mas Bássoli de Oliveira (1999, p. 90) considera que essa é “uma das profissões mais importantes deste novo século, embora seu currículo de graduação não se ache epistemologicamente bem situado, em que pese algum avanço na organização das áreas de saber”. O mesmo autor (p. 92) ainda salienta que “uma formação continuada e aprofundada deve ser o alvo a buscar pelos cursos de formação profissional, cuja etapa de aprofundamento de conhecimento necessita estar voltada para a constante metamorfose social que, por sua vez, exige o domínio de novos conhecimentos”.

De acordo com Machado (2004), se a capacidade de ter projetos é o que nos torna verdadeiramente humanos, existe algo que é anterior a todos os projetos, que nos mantém vivos e é condição de possibilidade de todo projetar, algo que pode variar, segundo a visão de mundo, a religião que se professa, ou em diferentes sistemas filosóficos. Pode-se chamá-lo de “esperança”, “ilusão”, “utopia”, e qualquer um desses nomes recordam a importância das instâncias anteriores ao projetar propriamente dito.

Na categoria contradição, há ainda, do ponto de vista docente um “(...) paradoxo no qual as empresas com mais de cem funcionários têm a obrigação por lei de colocar a ginástica laboral, e numa empresa como a nossa, de “construção de conhecimento, não tem obrigatoriedade na lei”...“(...) Nos cursos técnicos, há a necessidade de destreza motora e percepção estética que deveriam e poderiam ser desenvolvidas nas aulas de Educação Física”. “(...) se os alunos têm uma deficiência na capacidade de compreensão básica, muitos professores, ao sugerirem opções para suprir essa deficiência, entendem que eles têm deficiência de conteúdo na sua área específica, e não percebem que se esse aluno tiver oportunidade de ter um ensino mais consistente com aulas em que se trabalhasse esse desenvolvimento da capacidade de compreensão, como Educação Física, Artes, etc, ele poderia ter menos problemas nas áreas específicas, e talvez se chegasse à conclusão de que ele não precisaria ter mais aulas técnicas”, “(...) levaria o aluno a pensar no desenvolvimento dos valores de homem e de sociedade, como algo a preservar e levar para suas vidas”.

Há os que entendem que a tarefa da escola está reduzida à preparação para o mercado. A avalanche que se projeta sobre a sociedade atinge também a escola, afirma Vago (1999, p. 32) “desde o ensino fundamental até o universitário: é a tentativa de tudo submeter aos desígnios desse todo-poderoso deus-mercado, representado pelo centro irradiador de todas as naturezas. Cuspir gente para o mercado, essa seria a atribuição da escola.”

No entanto, nos caminhos percorridos, percebemos que há vontades, anseios, faltas sentidas e necessidades que podem perfeitamente serem, senão totalmente preenchidas, mas nos devem mobilizar para o seu enfrentamento e superação. Vago (1999, p. 34) considera que “é sempre bom realçar que o movimento de afirmação de uma escola de qualidade social, em que a Educação Física se faça presente, é o mesmo movimento de construção de uma sociedade fraterna, solidária, sem dominação de classe, gênero, raça, etnia ou idade”.

Por último, os professores evidenciam na categoria valores que: “(...) a aula de Educação Física, num pequeno gesto motor, pode retomar a autoestima do aluno. Os princípios/valores devem estar inseridos nos conteúdos para que, dentro do esporte, as pessoas se sintam mais valorizadas”. “(...) as atividades praticadas dariam maior dinamização à vida do aluno”. Poderiam dar também maior dinamização aos “(...) valores que poderiam ser trabalhados, que acabam sendo deixados de lado, com pouca ênfase durante as aulas da parte técnica: socialização, cooperativismo, ética, honestidade, luta, sinceridade, dedicação, perseverança, respeito ao coletivo, responsabilidade com as pessoas e ao meioambiente, respeito às diferenças, espírito de grupo, aceitação do corpo genético”. Dariam oportunidade de trabalhar a “(...) formação integral como homem, não somente como atleta”.

O que possibilita a conquista da liberdade de pensamento – um dos pressupostos para a liberdade de estar no mundo – é uma visão abrangente da realidade determinada historicamente, em que cada aspecto da vida pode ser situado no conjunto mais amplo do processo social. Por isso, pensar o corpo e o movimento humano, na perspectiva de sua inserção na totalidade concreta e atuar nessa perspectiva, para construir corpos e movimentos que viabilizem a plenitude das possibilidades humanas, para todos os indivíduos – e não só para os “eleitos” –, é o objetivo fundamental de uma Educação Física transformadora (KOLYNYAK FILHO, 1996, p. 95).

Em nossa pesquisa e observação aparece a consciência da necessária manutenção da identidade do professor de Educação Física como veículo de valores sociais e culturais. É um imperativo, tanto de ordem humanista, como científica, com base no pressuposto de que o sentido da nossa profissão é proporcionar por meio do conhecimento, dos jogos, da dança, do esporte e do lazer, condições melhores de expressão e de manifestação corporal, para que o indivíduo construa outras possibilidades de se situar no mundo e, conseqüentemente, viver melhor.

De um modo geral, sem alimentar esperanças de mudança e melhoria, não conseguimos avançar, nem colaboramos para fazer desse mundo algo melhor. Um professor precisa ter confiança, ter “ilusão” e esperar pelos alunos; precisa acreditar na fecundidade de

um trabalho que refaz tantas vezes. Em seu trabalho fundamental, *O princípio esperança*, o filósofo Ernst Bloch, que esteve no começo de nosso projeto e reflexão, com seu modo muito peculiar de dizer, afirma que “tomar o fôlego brevemente não nos satisfaz por muito tempo” (...) e que “O olhar para frente que aqui se tem em mente é seletivo e não turvado. Ele é o próprio exigir que a intuição seja saudável, não seja apática, que seja predisposta a se tornar consciente em sua aurora, mesmo que voltada para o amanhã” (BLOCH, 2005, p. 142).

Esperar, “ter ilusões”, ter esperança e projetos sobre os seus alunos, significa aspirar algo mais, que já é um esboço de algo maior. Por outro lado, o Professor de Educação Física é um educador, e sua área de conhecimento, situa-se no campo da educação, ou seja, no campo da formação humana. Porém, há uma especificidade nessa área de conhecimento que precisamos levar em consideração, que é a Educação Física como uma área de estudo relacionada com a investigação da natureza e significado do movimento humano em suas várias formas, e também com o estudo não só do como, mas do por que da atividade física, e isso lhe confere aspectos que precisam ser levados em consideração.

Porém, isso não seria possível sem o possível inserido dentro do real, dentro dele e anterior a ele. Estamos diante de um vasto campo de indefinição; há ainda no mundo, na natureza e no homem muita coisa em aberto, que pode ser concebido e feito diferentemente do que até agora, que pode ter suas medidas invertidas, pode ser amarrado de modo diferente, que pode ser alterado. Portanto, coisas que podem não somente ser ditas, mas também pensadas, e o poder-ser que se encontra não só no pensar, como no conhecer, ainda bem mais definido.

Ou seja, no caso do homem, “a possibilidade ativa é parte especial da possibilidade, a utilização dessa possibilidade e valentia, no momento e na medida em que ela ocorre, produz uma preponderância da esperança” (BLOCH, 2005, p.244). Em resumo, Bloch vislumbra o homem como:

Alguém que ainda tem muito pela frente. No seu trabalho e através dele, ele é constantemente remodelado. Ele está constantemente à frente, topando com limites que então já não são mais limites; tomando consciência deles, ele os ultrapassa. O propriamente dito no ser humano como no mundo ainda está por acontecer, está na expectativa, encontra-se sob o medo de ser frustrado, na esperança de ser bem-sucedido. Pois aquilo que é possível pode tanto se tornar um nada quanto um ser: o possível, não sendo totalmente condicionado, é o não-consumado. (BLOCH, 2005, p.243).

Ao investigarmos a percepção da realidade ainda não explorada de desenvolvimento da atividade da Educação Física no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica, na realidade do Rio Grande do Sul, deparamo-nos com um universo bastante abrangente, rico e

fértil para pensarmos juntos a Educação Física escolar, um lugar aonde se vai para aprender coisas, coisas que não se sabe ou que, se sabe apenas na superfície. Como não se chega vazio até ela, esse mergulho não é cego, ele é parte de um impulso humano para aprender. Esta escola, como lugar de conhecer, estaria expondo, para o aluno, o que há de grandioso na ciência, ou seja, o homem diante da dúvida, diante de um processo que se constrói pelos erros e pela negação, por rupturas e continuidades e, sobretudo, por interesses humanos (SOARES, 1996).

Acreditamos que a adoção de uma política de caráter institucional de incentivo e fomento ao desenvolvimento da Educação Física no ensino técnico profissional é válida e importante. Nesse sentido, entendo que a verdadeira luta que se deve travar é a de combater a exclusão desses alunos que acabam acatando a oportunidade legal da privação da Educação Física. Com isso, estaremos também e especificamente enfrentando o problema da inexistência ou insuficiência da Educação Física, ao assumir o compromisso de direito a todos os alunos que é o da participação às aulas de Educação Física. Essa é uma tarefa que cabe a todos, direta ou indiretamente, ligados a instituições de ensino, devendo traduzir-se em práticas concretas, adotando como referência as instituições que a integram na construção de uma política de estado para a população brasileira e não apenas na perspectiva do que é *bom* ou *ruim* para sua sobrevivência.

A lacuna que percebemos nos lembra a filosofia que tomamos por referência primeira, que tem o homem como ser incompleto e a estrutura básica do mundo como um “ainda-não”, como bem expressa o filósofo:

Elementos decisivos no processo histórico do mundo; sendo o trabalho um instrumento da humanização mesma; sendo as revoluções parceiras da sociedade vindoura, da qual a atual está grávida, sendo a coisa para nós, ou seja, o mundo, a pátria mediada, em função da qual a natureza se apresenta como possibilidade que mal foi tocada, que apenas foi franqueada. O fator subjetivo disso é a potência não encerrada de mudar as coisas, o fator objetivo é a potencialidade não encerrada da mutabilidade, da alterabilidade do mundo no quadro das suas leis, que, no entanto, também podem variar regularmente sob novas condições (BLOCH, 2005, p. 244).

A técnica, cada vez mais, passa a ser compreendida também como dimensão essencial do homem. Diferença essencial entre o homem e os outros animais. É na técnica em que se dá o salto da hominização.

Por outro lado, na história humana, se há uma evidência de progresso, é que a humanização acentuou esse aspecto do desenvolvimento técnico e tecnológico. Mas a técnica

vem sendo considerada ao lado do centro da educação escolar tradicional. A separação do ensino técnico e profissional do ensino humanístico, que acentua a cultura geral, o desenvolvimento intelectual, a aquisição de informações nas ciências básicas e nas humanidades, expressa esse modo de ver o ser humano como em partes separadas. Uma visão holística tenta corrigi-lo.

O termo humanizar vem sendo utilizado há várias décadas, com vários sentidos. Nesse contexto, entendemos que para a humanização ocorrer, deve haver uma interação entre “eu comigo”, “eu com o outro”, “o outro comigo” e “todos com o mundo.” Uma realização interna no qual o ser humano permite o acesso, o acolhimento, o vínculo. Temos que dar acesso ao outro, pois o outro só vai se vincular, após ser acolhido. A partir daí, fica estabelecida a confiança, rumando para a amorosidade; de humano, para humanizado. Deve-se incluir essas etapas, sobretudo entre alunos e professores é condição *sine qua non*, pois isso se dá por meio das aulas de Educação Física. Neste contexto, pode ocorrer o movimento reflexivo dialético das práticas corporais, com os princípios e valores vivenciados dentro dessas práticas.

O esquecimento da técnica na educação humanística corresponde ao esquecimento de outros aspectos do humano na educação técnica. Por outro lado, outra contradição prejudicial, pernicioso à educação integral, e assim, outro mútuo esquecimento se produz entre a Educação Física e a educação intelectual, ou mesmo, espiritual.

Nas escolas tradicionais, em que a cultura predominante se tentou transmitir e reproduzir, muitas vezes, a Educação Física foi esquecida, subvalorizada, quase como o esquecimento do aspecto técnico do humano.

O corpo e a Educação Física na escola racionalista e intelectualizada sofreram um milenar esquecimento e subvalorização, do mesmo modo que a educação técnica, e por outro lado, quase como fazendo a revanche do reprimido, ao contrário, na escola técnica serão como que esquecidos, outros aspectos da educação integral, do cultivo do espírito, da cultura artística, do simbólico, do sagrado.

Fazer a boa combinação da educação técnica, compreendendo a técnica como parte essencial do homem, ser dinâmico e nunca acabado, e entendendo a Educação Física como também tão central numa visão humanista do educando, porque o homem é corpo e alma, mente e corpo, sem as separações doentias que a cultura racionalista procedeu, essa é a grande finalidade de quem compreende o homem como corpo, espírito e técnica.

Ser que busca a saúde e a alegria do movimento, ao mesmo tempo em que busca desenvolver o espírito pela sensibilidade e a inteligência e a informação, numa época que sabe o quanto a técnica é central no fenômeno humano!

Bloch não tinha uma visão só otimista da técnica, era bem marcado pelo temor da técnica moderna ultradinâmica, como outros filósofos. Mas enquanto valoriza e centra a reflexão no trabalho, todo o marxismo leva a pensar e respeitar o lado técnico do homem...

Sintetizando, a Educação Física no atual estágio, segundo Bássoli de Oliveira (1999), já estaria atuando como ciência-mãe, a mesma circunstância que lhe deu origem no passado por meio da Pedagogia. Tal capacidade sugere que se atribua a essa identidade profissional um valor central, mas não absoluto e que se prestigiem adequadamente suas especificidades de modo similar a outras profissões de grande amplitude de atendimento, além de bases socioculturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da aproximação da realidade empírica no início desta investigação, juntamente com as observações e os relatos dos entrevistados, num segundo momento, chega-se a algumas conclusões, sobre a pergunta que se fez no início desta dissertação: *qual a visão dos professores de Educação Física do Ensino Médio e dos alunos do ensino técnico profissionalizante, com relação à inexistência ou insuficiência da Educação Física e suas implicações no desenvolvimento de valores, princípios, conteúdos culturais e práticas corporais nas instituições de Educação Profissional e Tecnológica?*

Um dos reflexos da Educação Física se dá em razão de que ela gera saúde, bem-estar e equilíbrio emocional. Os sujeitos pesquisados salientaram essa questão, por saberem da sua importância. Ao valorizarem a integração, a interação humana, a convivência em grupo e o respeito aos colegas, observamos que a prática no grupo permite aos participantes perceberem-se como uma unidade que é composta pelas diferenças, bem como também aprenderem nas trocas que estabelecem.

Permanece vigente nos espíritos o paradigma tradicional que separa radicalmente corpo e mente, quando os meninos não reconhecem que a Educação Física ajuda no rendimento escolar e no desempenho intelectual, porque acreditam que não influencia no aprendizado que buscam no ensino profissional; entre o grupo feminino, embora valorizem o relaxar da pressão das aulas, e reconheçam que há alegria, descontração, brincadeiras e momentos de liberdade, afirmam que a carga horária é alta e que não há como encaixar mais disciplinas.

Com relação à subcategoria cultura esportiva, os meninos sentem necessidade de maior diversidade de esportes e atividades, mais campeonatos, gincanas; eles anseiam por oportunidades de outras práticas, percebem a existência de outras oportunidades que nem sempre são veiculadas na escola; e as meninas, têm um sentimento de completude nas aulas de Educação Física; acreditam que não precisa mudar nada, que “(...) está bom assim.”

Quanto aos aspectos didático-pedagógicos, os alunos do ensino técnico, ao serem perguntados sobre a Educação Física que eles tiveram nos cursos anteriores ao ensino técnico, houve uma reclamação quanto à falta de professores com boa didática, maior orientação e participação deles, afirmando que as aulas eram monótonas; e ainda, que faltava material e melhor infraestrutura.

Houve uma grande valorização sobre a importância da Educação Física no ensino técnico, e do sentimento de carência dessa disciplina, nas respostas dos alunos que não têm

Educação Física em seu currículo. Entre os meninos, o percentual foi um pouco maior do que entre as meninas.

Ressaltamos que os meninos e as meninas, ainda consideram a importância do físico e que é para isso que serve a Educação Física, para educar o corpo. Os meninos acrescentam que valores físicos são mais divertidos, pois morais e sociais já são trabalhados nas outras disciplinas. Com relação aos valores sociais, as meninas consideram a convivência, o entrosamento, o companheirismo e o respeito para com os colegas, o respeito às regras, as possibilidades de vivência com sentimentos de vitória/derrota e/ou frustração, solidariedade e espírito esportivo e os meninos consideram que o esporte é uma maneira de integração, de inclusão por meio do qual se aprende a lidar com as diferenças e há a possibilidade de trabalhar todos os valores partindo dele.

Destaca-se o sentimento de impotência que os docentes têm, na subcategoria privação, por não poderem fazer nada em relação a essa ausência da Educação Física no ensino técnico; e ainda se sentem impossibilitados de realizar sua principal função, que é a de estimular nos alunos o prazer em realizar atividades físicas. Pela privação de práticas saudáveis de atividades físicas e esportes/competições esportivas, gera também a privação de valores como: socialização da aprendizagem da cultura esportiva; do sentimento de prazer pela prática de atividades físicas e esportivas; da compensação da atividade laboral; da utilização da metodologia aplicada e adequada à Educação Física. Atribuem essa privação, como uma falha do sistema educacional, pois a necessidade da Educação Física é permanente, havendo um prejuízo ou minimização das atividades físico-esportivas aos alunos, e o ensino da Educação Física é uma atividade que envolve o educando em todas as suas dimensões.

Na subcategoria contradição, observam o paradoxo entre a obrigatoriedade da atividade física nas empresas e a não obrigatoriedade na rede de educação profissional, no ensino técnico; a necessidade de destrezas motoras, percepção estética que deveriam e poderiam ser desenvolvidas nas aulas de Educação Física, observando aí, outra contradição. E, ainda, constataram que o aluno, ao ter deficiência de conteúdo na sua área específica, se esse aluno tiver oportunidade de ter um ensino mais consistente com aulas em que se trabalhasse esse desenvolvimento da capacidade de compreensão, como Educação Física, Artes, etc., poderia ter menos problemas nas áreas específicas, e talvez se chegasse à conclusão de que ele não precisaria ter mais aulas técnicas.

E, finalmente, na subcategoria valores, observam que a aula de Educação Física, num pequeno gesto motor, pode retomar a autoestima do aluno. Estes, assim como os princípios, devem estar inseridos nos conteúdos para que, dentro do esporte, as pessoas se sintam mais

valorizadas, e elegerem os valores que poderiam ser trabalhados, e que na realidade, acabam sendo deixados de lado, com pouca ênfase durante as aulas da parte técnica. São eles: socialização, cooperativismo, ética, honestidade, luta, sinceridade, dedicação, perseverança, respeito ao coletivo, responsabilidade com as pessoas e ao meio-ambiente, respeito às diferenças, espírito de grupo, aceitação do corpo genético.

O homem é um ser em aberto, em movimento, e composto/complexo, combinando várias dimensões e aspectos. Afirmar essa compreensão do homem pode ser apoiado em Ernst Bloch, mas isso apenas entre outros filósofos, que compreendem o homem como um ser que se realiza, não nasce pronto, também não está pronto enquanto espécie, e que é ao mesmo tempo corpo, alma e mente; cultura, arte e técnica. A antropologia filosófica de Ernst Bloch também nos leva a essa convicção, a esse entendimento.

Os resultados das análises interpretativas procedentes das quatro grandes categorias e do problema investigado proporcionaram evidências significativas acerca dos sentimentos e carências dos professores de Educação Física do Ensino Médio e dos alunos do ensino técnico. Assim como, abriram outras possibilidades para pensar a Educação Física na perspectiva de sua inserção na totalidade concreta do ensino técnico e de atuar nessa perspectiva para viabilizar a plenitude das possibilidades humanas, num movimento de busca de transformação. Esperamos que a continuidade da pesquisa possa vir a traduzir-se em propostas práticas que levem a preencher a lacuna percebida pelos sujeitos envolvidos, da falta da Educação Física no ensino técnico da rede de educação profissional e tecnológica.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. *Do livro O Enigma da Esperança*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. *Reflexão sobre ética* – Uma introdução à ética geral, para pesquisadores das áreas da educação e da saúde. In: CONFERÊNCIA NA UNISC, 2003, Santa Cruz do Sul. Anais... Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

_____. *Do conceito de homem, humano, humanização*. Texto inédito; parte da pesquisa Tempo livre e humanização – da utopia à ética; no projeto. *Trabalho e tempo livre: educação, trabalho, humanização*, com Rosa M. F. Martini e Moacir F. Viegas, PPGedu-Unisc, 2007.

_____. *Ética e Utopia: Ensaio sobre Ernst Bloch*. 2 ed. ver. Porto Alegre: Movimento, Santa Cruz do Sul, RS: Ed da Unisc, 2006.

_____. *Ética, educação e saúde*. Sobre as novas possibilidades de tempo livre, estilo de vida, filosofia e felicidade. Tradução de Ethics, education and health. *Regarding the new possibilities of free time, lifestyle, philosophy and happiness*. FIEP Bulletin, v. 77, 2007, p. 168-173.

_____. *Educação e emancipação: a libertação das crianças sob o olhar da filosofia política*. In: ENCONTRO ANPED-SUL, 2008, Itajaí. Anais... Itajaí: [s.n.], 2008.

ALMEIDA, Custodio Luís Silva de. *A criação e construção do espaço pedagógico*. *Revista de Educação AEC*, Brasília, n. 122, p. 21-31, jan./mar. 2002.

ALMEIDA Jr., Eurico Pedroso de & PILATTI, Luiz Alberto. *Empregabilidade do profissional formado nos cursos superiores de tecnologia do CEFET-PR: estudo de caso em médias e grandes empresas da região norte do Paraná*. Ensaio: *Avaliação e Políticas públicas em educação*. Vol.15, n. 56. Rio de Janeiro, Jul./Set. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 14 set. 2008.

AMORIM, Paulo Henrique Oliveira Porto de. *Territorialidades no/do espaço escolar contemporâneo: a sala de aula no processo de reprodução social*. Disponível em: http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20PauloHenriqueOliveiraPortodeAmorim.ED2II.pdf. Acesso em nov/2009.

ANTUNES, Helenise Sangói.(Org.). *Trajetória docente: o encontro da teoria com a prática*. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Departamento de Metodologia do Ensino, 2005.

_____. (Org.). *Práticas Educativas: repensando o cotidiano dos (as) professores (as) em formação*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Pró Reitoria de Graduação, 2005.

BARROS, Roque S. M. de. *A Ilustração Brasileira e a Idéia de Universidade*. São Paulo: Convívio/EDUSP, 1986.

BÁSSOLI DE OLIVEIRA, Amauri A. COSTA, Lamartine Pereira da. *Educação Física/esporte e formação profissional/campo de trabalho*. In: GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Educação Física/ciências do esporte: intervenção e conhecimento*. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.

BIJNEN, F.; CASPERSEN, C. & MOSTERD, W. 1994. *Physical activity as risk factor for coronary heart disease: A WHO and International Society and Federation of Cardiology position statement*. Bulletin of the World Health Organization, 72:1-4.

BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: UERJ: Contraponto, 2005, 2006. 3 v.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto:Porto, 1994.

BOYLE, Earl Spencer; JONES, Georgina L.; WALTERS, Stephen J. *Physical activity among adolescents and barriers to delivering physical education in Cornwall and Lancashire, UK: A qualitative study of heads of PE and heads of schools*. Published online 2008 August. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2518562/?tool=pmcentrez>>. Acesso em: 30/10/2009.

BRACHT, Valter. *A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física*. Caderno Cedes, 1999, v. 19.

BRASIL. *Educação Profissional: Legislação Básica*. MEC. SEMTEC. UCP. PEEP. 5ª Ed. Brasília. Jan. 2001.

_____. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

_____. Ministério da Educação. *Decreto n. 2.208, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o § 2º do art.36 e os arts. 39 a 42 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 17 abr. 1997.

_____. MEC. SEMTEC. PROEP. *Educação profissional*. Legislação básica. 5 ed. Brasília; MEC, jan. 2001.

_____. *Seminário Nacional de Educação Profissional*. Concepções, experiências, problemas e propostas. Brasília, 2003.

_____. *Ministério de Educação e Cultura. PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens e Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

BRUNET, Luc. *Clima de trabalho e eficácia na escola*. In: NÓVOA, A. *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

BURGOS, Miria Suzana. *Estilo de vida: lazer e atividades lúdico-desportivas de escolares de Santa Cruz do Sul*. Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v. 23, n. 1, jan./mar. 2006.

_____. (Org.). *Saúde no espaço escolar: Ações integradas de Educação Física, Nutrição, Enfermagem e Odontologia para crianças e adolescentes*. In: _____, et al. *Estilo de Vida, desenvolvimento somatomotor e fatores nutricionais e de risco às doenças cardiovasculares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

_____. (Org.) *Promoção da saúde, educação e desenvolvimento da criança e do adolescente: a cultura lúdico-desportiva, estilo de vida ativo e prevenção de fatores de risco às doenças cardiovasculares*. In: _____, et al. *Saúde no espaço escolar: Ações integradas de Educação Física, Nutrição, Enfermagem e Odontologia para crianças e adolescentes*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

_____. (Org.); RECKZIEGEL, Miriam Beatris; BURGOS, Leandro Tibiriçá. *Estilo de vida, desenvolvimento somatomotor e fatores nutricionais e de risco às doenças cardiovasculares*. In: _____, et al. *Saúde no espaço escolar: Ações integradas de Educação Física, Nutrição, Enfermagem e Odontologia para crianças e adolescentes*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

BUSS, Paulo Marchiori. *Promoção da saúde e qualidade de vida*. Ciência & Saúde Coletiva, vol.5, no.1:Rio de Janeiro, 2000. Disponível em:
<http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232000000100014&script=sci_arttext>
Acesso em: 26/10/2009.

CABALLO, Vicente E. *Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais*. São Paulo: Santos Ed., 1993.

CAMARGO, Dulce Maria Pompêo de. *Prefácio*. In: SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física: Raízes Europeias e Brasil*. 4ª ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

CAUDURO, Maria Teresa. *Educación Física: Movimiento y Compromiso social*. Barcelona, Tese de Doutorado em Filosofia e Ciências da Educação – División de Ciências de La Educación, Universidad de Barcelona, 1998.

_____. *Do caminho da... psicomotricidade... à formação profissional*. Novo Hamburgo: Feevale, 2001.

_____. *Motor...Motricidade...Psicomotricidade... como entender?* Novo Hamburgo: Feevale, 2002.

_____. (Org.). *Um mosaico – a arte da análise dos dados pelo processo da triangulação*. I: _____. *Investigação em Educação Física e Esporte: um olhar pela pesquisa qualitativa*. Novo Hamburgo: Feevale, 2004. p. 89-98.

CDC (Centers for Disease Control and Prevention)/NATIONAL CENTER FOR CHRONIC DISEASE PREVENTION AND HEALTH PROMOTION, 1996. *Physical Activity and Health. A Report of the Surgeon General*. Atlanta: CDC.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica*. 4ª Ed. São Paulo: Mac Grow – Hill do Brasil, 1996.

CHIZZOTTI, Antônio. *A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios*. Revista Portuguesa de Educação, ano/vol.16, nº 002. Universidade do Minho. Braga, Portuga, 2003. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/374/37416210.pdf>> Acesso em: 31/10/2009.

COURTINE, J.J. *Os stakhanovistas do narcisismo*. In: SANT'ANNA, Bernuzzi de (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

De MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro, Sextante, 2000.

DELORS, Jacques. *Educação: Um Tesouro a Descobrir*. UNESCO, MEC. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

FACCIN, Ana Paula G.; TURCHIELLO, Priscila. *A importância da adoção de metodologias lúdicas no processo de ensino aprendizagem*. In: ANTUNES, Helenise Sangói.(Org.). *Trajatória docente: o encontro da teoria com a prática*. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Departamento de Metodologia do Ensino, 2005.

FARINATTI, Paulo Tarso. *Educação Física Escolar e Aptidão Física: Um ensaio sob prisma da promoção da saúde*. Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Santa Maria, v. 16, n. 1, 1994.

FALKENBACH, Atos P. *A Educação Física na Escola: uma experiência como professor*. Lajeado, UNIVATES, 2002.

FLETCHER, G. F. et.al. *Statement on exercise. Benefits and recommendations for physical activity programs for all americans*. Circulation, 1992. 86:341-344.

FIALHO, Analúcia Britto. *Buscando uma prática lúdica no cotidiano escolar*. In: ANTUNES, Helenise Sangói.(Org.). *Trajatória docente: o encontro da teoria com a prática*. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Departamento de Metodologia do Ensino, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

FRANCO, Maria Ciavatta. *Qualificação, formação ou educação profissional? Pensando além da semântica*. Contexto & Educação, Revista de Educación en América Latina y el Caribe, UNIJUÍ, 13(51):67-86, jul./set. 1998.

FREIRE, Paulo. *Papel da educação na humanização*. Revista da FAEEBA – Faculdade de Educação do Estado da Bahia. Edição de homenagem a Paulo Freire. Salvador-BA, Ano 6, n. 7, jan./jun. 1997. Disponível em: <www.scielo.com.br>. Acesso em: 12 set. 2008.

_____. *Ação cultural como prática da liberdade*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977.

_____. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra. 1987.

FREITAS, Giovanina G. *O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade*. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.

FRIGOTTO, G. *Formação Técnico-Profissional: avanço ou regressão ao dualismo, fragmentação e reducionismo economicista*. In: II CONED, 1997, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: [s.n.], 1997.

_____. G. *Trabalho-educação e tecnologia: treinamento polivalente ou formação politécnica?* In: Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 1, n.14, jan./jun. 1989.

_____. *Reflexão sobre ética – Uma introdução à ética geral, para pesquisadores das áreas da educação e da saúde*. In: CONFERÊNCIA NA UNISC, 2003, Santa Cruz do Sul. Anais... Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

GADOTTI, Moacir. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

GAYA, Adroaldo *et al.* *Corpos ausentes: a promoção da saúde na Educação Física Escolar*. In: BURGOS, M. S. (Org.). *Saúde no espaço escolar: ações integradas de Educação Física, Nutrição, Enfermagem e Odontologia para crianças e adolescentes*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

GAYA, Adroaldo. (Org.); GARLIP, Daniel...[et al.]. - *Ciências do movimento humano: introdução à metodologia da pesquisa*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GENTILI, Pablo. *Educar para o desemprego: a desintegração da promessa integradora*. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). *Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GONDRA, José Gonçalves. *Artes de Civilizar: Medicina, Higiene e educação Escolar na corte Imperial*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

GONÇALVES, Aguinaldo. *Atividade física: uma questão de saúde pública*. Discorpo: revista do Departamento de Educação Física e Esportes da PUC-SP. nº 2 (mar 1994) São Paulo: O Departamento, 1993.

HAMMERSLEY, Martyn; ATKINSON, Paúl. (1983). *Etnografia: métodos de investigación*. Barcelona: Paidós, 1983.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos – O Breve século XX 1914 – 1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 1998. *PPV A profunda Investigação de Indicadores Sociais*. Disponível em: <<http://www.ibge.org/imprensa/noticias/ppv11.htm>> Acesso em: 01/22/2009.

_____, 2007. *Síntese dos indicadores sociais, 2007*, v. 21. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/lojavirtual/fichatecnica.php?codigoproduto=8925>> Acesso em: 1º/11/2009.

INTERNATIONAL FEDERATION OF SPORTS MEDICINE, 1990. *Physical exercise: An important factor for health*. *Physician and Sports Medicine*, 18: 155-156.

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JANTSCH, Ari. *Pequeno (ainda) agricultor e racionalidade educativa*. Florianópolis: UFSC, CED, NUP. 2001.

KANT, Immanuel. *À paz perpétua*. Porto Alegre: L & PM, 1989.

KLINGBERG, Lothar. *Introducción a la Didáctica General*. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1972.

KOLYNIAC FILHO, Carol. *Educação Física: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1996.

KUENZER, Acácia Zeneida. *Educação e Trabalho no Brasil: o estado da questão*. Brasília: INEP; Santiago: REDUC, 1991.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.

LEÃO, Débora Ortiz de. *O cotidiano do estágio: uma experiência de sentido na formação de professores*. In: ANTUNES, Helenise Sangó. (Org.). *Práticas Educativas: repensando o cotidiano dos(as) professores (as) em formação*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Pró Reitoria de Graduação, 2005.

LIMBERGER, Olí Jurandir. *Caminhadas/corridas: um olhar da pedagogia de iniciação à promoção da saúde*. In: BURGOS, Miria Suzana (Org.). *Saúde no espaço escolar: ações integradas de Educação Física, Nutrição, Enfermagem e Odontologia para crianças e adolescentes*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

LÜDKE, Menga. & ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LUZ JUNIOR, Agripino Alves; AVILA, Astrid Baecker; ORTIGARA, Vidalcir. *Educação Física/esporte e processo de ensino aprendizagem: um caminho de múltiplas determinações*. In: GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Educação Física/ciências do esporte: intervenção e conhecimento*. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.

MACHADO, L (org.). *Trabalho e educação*. In: KUENZER, Acácia Zeneida. *A questão do ensino médio no Brasil: a difícil superação da dualidade estrutural*. In: Coletânea CBE. Campinas, Papyrus, 1994.

_____. *Ensino médio e profissional: as políticas do Estado neoliberal*. São Paulo: Cortez, 1997.

MAS, Susana Terezinha. *Educação de valores através da educação física*. In: BURGOS, Miria Suzana (Org.). *Saúde no espaço escolar: ações integradas de Educação Física, Nutrição, Enfermagem e Odontologia para crianças e adolescentes*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

MATOS, Margarida Gaspar. *Comunicação e gestão de conflitos na escola*. Lisboa: Edições FMH, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Universidade Federal de Santa Maria. Coordenadoria de Ensino Médio e Tecnológico. Colégio Técnico Industrial de Santa Maria. *Projeto político pedagógico participativo*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2002.

_____. Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria. *Parte Integrante do Projeto pedagógico*. Santa Maria, 2009. Disponível em:
<http://www.politecnico.ufsm.br/cursos/tecnicos/images/projeto%20pedag%20gico2009pdf.pdf>. Acesso em: 10/08/2009.

_____. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Centro Federal de Educação Tecnológica de Bento Gonçalves. CEFET-BG. *Plano de Desenvolvimento Institucional*, 2005. Bento Gonçalves. Disponível em:
<http://bento.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/pdi.pdf>. Acesso em 11/08/2009.

MELLO, M. T.; FERNANDEZ, A. C. & TUFIK, S. *Epidemiological survey of the practice of physical exercise in the general population of São Paulo City - Brazil*. Medicine and Science in Sports and Exercise, 1998. Acesso em: 11/08/2009.

MITTLER, Peter. *Educação Inclusiva: contextos sociais*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MORIN, Edgar (1986). *Para sair do Século XX*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Coleção Epistemologia e Sociedade. Rio de Janeiro: Instituto Piaget, 1990.

MORSE, Janice M. *Approaches to qualitative-quantitative methodological triangulation*, Nursing Research, 40 (1), 1991, p. 120-132. Disponível em:
<http://journals.lww.com/nursingresearchonline/Citation/1991/03000/Approaches_to_Qualitative_Quantitative.14.aspx> Acesso em 31/10/2009.

MOURA, Dante Henrique. *A função social da rede federal de educação profissional e tecnológica na educação brasileira*. In: *Tecnologia e Desenvolvimento sustentável*, v.1, p.3 – 23. 2007.

MOURA, Alexandra de. et al. *A ludicidade e a aprendizagem: algumas reflexões...* In: ANTUNES, Helenise Sangói.(Org.). *Trajatória docente: o encontro da teoria com a prática*. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Departamento de Metodologia do Ensino, 2005.

MÜLLER, Deise Margô. *Educação Física no Ensino Técnico*. 2000. Trabalho apresentado para a conclusão de Graduação em Educação Física. Centro Universitário Feevale. Novo Hamburgo, RS.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE: *As metas da saúde para todos*. Lisboa: Departamento de Estudos e Planejamento – Ministério da Saúde, 1985.

PAIXÃO, Carlos Jorge. *O Positivismo ilustrado no Brasil*. Artigo. Trilhas, Belém, v.1, n.2, p. 56-65, nov, 2000. Disponível em:
http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/3.pdf. Acesso em 11/11/2008.

PATE, R.et.al. *Physical activity and public health. A recommendation from the Centers for Disease Control and Prevention and the American College of Sports Medicine*. JAMA, 1995, 273:402-407.

PEREIRA, Flavio M. *Dialética da Cultura Física*. São Paulo: Ícone Editora, 1988.

PERES, Hugo Eduardo. *Educação Física e mundo do trabalho: um estudo sobre concepções de Educação Física numa escola profissionalizante*. Universidade Católica de Goiás. Dissertação de Mestrado em Educação. Goiânia – G. Set/2007. Disponível em:
http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=40. Acesso em: 29/11/2009.

PESSANHA, José Américo. *Filosofia e Modernidade: racionalidade, imaginação e ética*. Educação & Realidade, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, v. 22, n. 1, p. 13-32, jan./jun. 1997.

PICCINI, Roberto X. & VICTORA, Cesar G., 1994. *Hipertensão arterial sistêmica em área urbana no sul do Brasil: Prevalência e fatores de risco*. Revista de Saúde Pública, 28:261-267.

POHL, Hildegard Hedwig & SCHWENDLER, Sheila Cristiane. *Estilo de vida e aptidão cardiorrespiratória*. In: BURGOS, Miria Suzana (Org.). *Saúde no espaço escolar ações integradas de Educação Física, Nutrição, Enfermagem e Odontologia para crianças e adolescentes*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

PRADO, Ricardo. *Lições para o resto da vida*. Revista Nova Escola. USP: São Paulo, 4/2000.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *História da educação brasileira: a organização escolar – (Coleção Memória da Educação, 20. ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2007.*

SAVIANI, Demerval. *Sobre a concepção de politecnia*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1989. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scieloOrg/php/reflinks.php?refpid=S1413-2478200700010001200013&pid=S1413-24782007000100012&lng=en>> Acesso em: 30/10/2009.

SCHILLING, Voltaire. *Ernst Bloch, utopia e revolução*.

Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2007/03/05/000.htm>>. Acesso em: 26 jul. 2008.

SILVA, Tomás Tadeu da. *Sociologia da educação e pedagogia crítica em tempos pós-modernos*. In: _____ (Org.). *Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SILVA, Rosane C. Rosendo & MALINA, Robert M. *Nível de atividade física em adolescentes do município de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil*. Cadernos de saúde pública, vol.16, nº 4, Rio de Janeiro, out/dez/2000. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2000000400027&script=sci_arttext&tlng=in> Acesso em: 01/11/2009.

SIMON, Graciela. *A busca por uma prática crítico-reflexiva*. In: ANTUNES, Helenise Sangó. (Org.). *Trajectoria docente: o encontro da teoria com a prática*. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Departamento de Metodologia do Ensino, 2005.

SNYDERS, George. *A alegria na escola*. São Paulo, Ed. Manole, 1988.

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física Escolar: Conhecimento e especificidade*. Revista Paulista de Educação Física, supl, 1996 - usp.br. Disponível em: <http://www.usp.br/eef/rpef/supl2/supln2p6.pdf>. Acesso em: 10/08/2009.

SOUZA, J. Francisco Saraiva de. *A filosofia de Ernst Bloch*. Disponível em: <<http://cyberself-cyberphilosophy.blogspot.com/2007/11/filosofia-de-ernst-bloch.html>>. Acesso em 22 set. 2008.

TAYLOR, S. J. & BOGDAN, R. *Introducción a los métodos cualitativos de investigación*. Barcelona: Ed. Paidós, 1996.

THOMAS, Jerry R & NELSON, Jack K. *Métodos de pesquisa em atividade física*. Trad. Ricardo Petersen...[et al.]-3.ed. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987

TUBINO, Manoel José Gomes. *Por um novo conceito de Educação Física*. Revista Brasileira de ciência e Movimentos (8) 59, 2000.

_____. Mello, Álvaro. *Esporte, Educação Física e Constituição*. São Paulo: Ibrasa, 1989.

UNISC. *Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos/ Universidade de Santa Cruz do sul – 8.ed./revisada e ampliada por Clarice Agnes e Inácio Helfer*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

VAGO, Tarcísio Mauro. *Intervenção e conhecimento na escola: por uma cultura escolar de Educação Física*. In: GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Educação Física/ciências do esporte: intervenção e conhecimento*. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.

_____. *Início e fim do século XX: maneiras de fazer Educação Física na escola*. Cad. Cedes, vol. 19, n. 48. Campinas, agosto/1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32621999000100003&script=sci_arttext&tlng=pt%20>. Acesso em 08 set. 2008.

VALLE, Lilian do. *Os enigmas da educação: a Paidéia democrática entre Platão e Castoriadis*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VIEIRA, Antonio Rufino. *Princípio Esperança e a “Herança Intacta do Marxismo” em Ernst Bloch*. Universidade Federal da Paraíba.

Disponível em:

<http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao6/Antonio_Rufino.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2008.

WEIS, Gilmar Fernando & WEIS, Roci Carmem Junqueira. *O tratamento da saúde corporal no currículo da Educação Física*. In: BURGOS, M.S. (Org.). *Saúde no espaço escolar: ações integradas de Educação Física, Nutrição, Enfermagem e Odontologia para crianças e adolescentes*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

WERLANG, Canrobert Kumpfer. *A reforma da Educação Profissional*. Uma reflexão no Colégio Agrícola de Santa Maria. Santa Maria: Gráfica da UFSM, 1999.

ANEXOS

ANEXO A – MODELO DE CARTA ENTREGUE AOS DIRETORES DE ESCOLA
UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Da: Coordenação do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação – UNISC

À: Direção da Instituição da Rede Federal de Educação Tecnológica

Assunto: Pesquisa sobre Educação Física no Ensino Técnico

Senhor (a) Diretor (a)

O Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da UNISC apresenta a Vossa Senhoria a Prof. Marcia Rejane Julio Costa, mestranda deste Programa, da linha de Pesquisa Educação, Trabalho e Emancipação, que tem interesse em realizar um **“Levantamento sobre os sentimentos de carência dos professores de Educação Física do Ensino Médio e dos alunos, com relação à inexistência da Educação Física no Ensino Técnico”**.

Com o Projeto de Pesquisa intitulado: **Educação Física para Humanização da Educação Profissional e Tecnológica: Um estudo no RS**, tem como Orientadora, a Prof. Dr^a Suzana Guerra Albornoz e Co-Orientadora, a Prof. Dr^a Miria Suzana Burgos.

Ciente de todos os cuidados que deveremos ter durante a realização da pesquisa, deixamos registrados o compromisso e a responsabilidade com todos os seres humanos envolvidos e com todas as etapas para a elaboração da dissertação.

Solicitamos sua preciosa colaboração a fim de que possamos dar início a este estudo e adquirir os dados necessários para a sua realização.

Na certeza de contar com sua acolhida, agradecemos antecipadamente.

Atenciosamente,

Marcia Rejane Julio Costa
Aluna do PPGEdu UNISC

Prof. Dr^o Moacir Fernando Viegas
Coordenador do PPGEdu UNISC

ANEXO B - INSTRUMENTO 1 – QUESTÕES DIRIGIDAS À EQUIPE PEDAGÓGICA DA ESCOLA

Instituição Pesquisada:

Local:

Data:

Itens	Observações, registro de informações e indicações de anexos.
Projeto Político Pedagógico	Existe o PPP (em Anexo)
Normas Disciplinares	
Regimento	
Regulamento	
Calendário Escolar	
Espaço Físico (foto)	
Equipamentos pedagógicos e de Educação Física	
Materiais Didáticos	
Estrutura e Funcionamento da Instituição (na prática)	
Recursos humanos com: Formação Pedagógica	
Recursos humanos com: Formação em Educação Física	

ANEXO C – APRESENTAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE PESQUISA PARA VALIDAÇÃO – SUBMETIDOS A DOIS EXPERTS DA ÁREA

Título: EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A HUMANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: UM ESTUDO NO RS

Partindo do **Objetivo Geral** desta pesquisa: Investigar a visão dos professores de Educação Física do Ensino Médio e dos alunos dos Cursos Técnicos Profissionalizantes, da rede da Educação Profissional e Tecnológica do RS, com relação à inexistência ou insuficiência da Educação Física nesse setor de ensino, e elaborar uma reflexão, fundamentada teoricamente numa concepção humanista e crítica da Educação Física e do Ensino Técnico que apresente um caráter propositivo, de integração da Educação Física nesse meio, que tem como **Objetivos Específicos**:

1º) Investigar as práticas existentes de Educação Física nas instituições federais de Educação Profissional no estado do RS, considerando essas práticas escolares como um modo vital de encaminhar a pesquisa, a intervenção, o conhecimento e a humanização;

2º) Conhecer diferentes culturas escolares, suas possibilidades, seus problemas, as expectativas de professores, de alunos e da comunidade envolvida nessa produção de cultura, referentes à Educação Física;

3º) Verificar qual a visão desses professores de Educação Física do Ensino Médio e dos alunos das instituições federais de Educação Profissional referentes a carências e limites de sua experiência no ambiente de ensino, abrangendo valores, princípios, conteúdos culturais e práticas corporais.

Elaboramos os instrumentos da pesquisa (questionários), para medir o comportamento afetivo, que estão logo abaixo, e, para a validação desses instrumentos, utilizamos a escala Likert de Thomas (2002, p. 217), que é o “tipo de questão fechada que requer que o sujeito responda escolhendo um de vários itens colocados em uma escala, com a suposição de que existem intervalos iguais entre os itens.”

Consideramos que as perguntas dos questionários estão inter-relacionadas com os objetivos específicos, mais especificamente no 2º(*). Com base nestas considerações, pretendemos validar os seguintes instrumentos:

ANEXO D – QUESTÕES DIRIGIDAS A (O)S PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA (validação da 1ª expert)

Instituição Pesquisada:

Local:

Data:

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO

Formação:

Local:

Ano:

Cursos de Especialização/ Aperfeiçoamento:/ Mestrado/ Doutorado:

Local:

Ano:

- 1) Como você se sente com relação à falta da Educação Física no Ensino Técnico Profissional?

Esta questão está:

bem formulada

razoavelmente formulada

mal formulada

Sugestões:.....
.....

- 2) Que princípios/valores você entende que poderiam ser utilizados nas aulas de Educação Física?

A) Princípios/valores de conteúdo filosófico/sociológicos (concepção de homem e sociedade e educação)

Quais

B) Princípios/valores de conteúdo psicológicos/pedagógicos (desenvolvimento humano, relacionado com concepções /teorias pedagógicas)

Quais?

Esta questão está:

bem formulada

razoavelmente formulada

mal formulada

Sugestões:.....
.....

ANEXO E – INSTRUMENTO 3 – QUESTÕES DIRIGIDAS A(O)S ALUNOS (AS) DO ENSINO INTEGRADO (validação da 1ª expert)

Instituição Pesquisada:

Local:

Data:

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO

Curso:

Semestre:

Idade:

1) Você teve Educação Física na sua vida escolar?

() Sim. Especificar.....

() Não. Justificar.....

Esta questão está:

() bem formulada

(x) razoavelmente formulada

() mal formulada

Sugestões: Se a resposta for positiva (sim) especifique quais modalidades ou como foram as aulas. Se a resposta for negativa (não) você considera-se em condições de justificar a ausência?

2) No Ensino Integrado, você tem sessões de Educação Física. Como você se sente nas aulas de Educação Física? Justifique

() Muito bem

() Bem

() Regular

() Péssimo (a)

Esta questão está:

(x) bem formulada

() razoavelmente formulada

() mal formulada

Sugestões:.....

.....

3) Você considera importante ter aulas de Educação Física no Ensino técnico?

Sim. Por que?

Não. Por que?

Esta questão está:

bem formulada

razoavelmente formulada

mal formulada

Sugestões:.....

.....

4) De que você sente falta nas aulas de Educação Física? Justifique.

Esta questão está:

bem formulada

razoavelmente formulada

mal formulada

Sugestões:.....

.....

5) Que valores você pensa que poderiam ser trabalhados nas aulas de Educação Física?

Físicos

Sociais

Morais

Especifique:

Esta questão está:

bem formulada

razoavelmente formulada

mal formulada

Sugestões:.....

.....

ANEXO F – INSTRUMENTO 4 – QUESTÕES DIRIGIDAS A(O)S ALUNOS (AS) DO ENSINO TÉCNICO (validação da 1ª expert)

Instituição Pesquisada:

Local:

Data:

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO

Curso:

Semestre:

Idade:

1) Você teve Educação Física na sua vida escolar?

() Sim. Especificar.....

() Não. Justificar.....

Esta questão está:

() bem formulada

(x) razoavelmente formulada

() mal formulada

Sugestões: Idem ao questionário anterior.....

2) No Ensino Técnico, você não tem sessões de Educação Física. Você sente falta das aulas de Educação Física?

() Sim. Porque?

() Não. Porque?

Esta questão está:

(x) bem formulada

() razoavelmente formulada

() mal formulada

Sugestões:.....

.....

3) Você considera importante ter aulas de Educação Física no Ensino técnico?

() Sim. Porque? () Não. Porque?

Esta questão está:

(x) bem formulada

() razoavelmente formulada

() mal formulada

Sugestões:.....

.....

4) Como você se sentia nas aulas de Educação Física? Justifique.

Muito bem

Bem

Regular

Péssimo (a)

Esta questão está:

bem formulada

razoavelmente formulada

mal formulada

Sugestões:.....

.....

5) De que você sentia falta nas aulas de Educação Física? Justifique.

Esta questão está:

bem formulada

razoavelmente formulada

mal formulada

Sugestões:.....

.....

6) Que valores você pensa que poderiam ser trabalhados nas aulas de Educação Física?

Físicos

Sociais

Morais

Especifique:

Esta questão está:

bem formulada

razoavelmente formulada

mal formulada

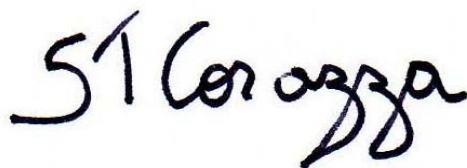
Sugestões:.....

.....

ANEXO G – VALIDAÇÃO DO MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E AOS ALUNOS DOS CURSOS DE ENSINO INTEGRADO E TÉCNICO – SUBMETIDO À 1ª EXPERT DA ÁREA

Considero válida a aplicação dos questionários aos alunos dos cursos de ensino Integrado e Técnico das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, bem como aos professores de Educação Física, pois eles atendem às especificações referentes ao problema da investigação.

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink, reading "Sara Teresinha Corazza". The signature is written in a cursive, flowing style.

Sara Teresinha Corazza

Doutora em Ciências do Movimento Humano/UFSM

Professora Adjunta do Centro de Educação Física e Desportos – DMTD UFSM

Santa Maria, 5 de novembro de 2008.

ANEXO H – QUESTÕES DIRIGIDAS A (O)S PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA (validação da 2ª expert)

Instituição Pesquisada:

Local:

Data:

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO

Curso:

Semestre:

Idade:

Cursos de Especialização/Aperfeiçoamento/Mestrado/ Doutorado:

Local:

Ano:

- 1) Como você se sente com relação à falta da Educação Física no Ensino Técnico Profissional?

Esta questão está:

() bem formulada

(x) razoavelmente formulada

() mal formulada

Sugestões: No momento da análise das respostas, estabelecer categorias. Exemplo: bem, mal, muito bem, muito mal.

- 2) Que princípios/valores você entende que poderiam ser utilizados nas aulas de Educação Física?

A) () Princípios/valores de conteúdo filosófico/sociológicos (concepção de homem e sociedade e educação)

Quais?

B) () Princípios/valores de conteúdo psicológicos/pedagógicos (desenvolvimento humano, relacionado com concepções /teorias pedagógicas)

Quais?

Esta questão está:

(x) bem formulada

() razoavelmente formulada

() mal formulada

Sugestões:.....

.....

ANEXO I – INSTRUMENTO 3 – QUESTÕES DIRIGIDAS A(O)S ALUNOS (AS) DO ENSINO INTEGRADO (validação da 2ª expert)

Instituição Pesquisada:

Local:

Data:

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO

Curso:

Semestre:

Idade:

1) Você teve Educação Física na sua vida escolar?

Sim. Especificar.....

Não. Justificar.....

Esta questão está:

bem formulada

razoavelmente formulada

mal formulada

Sugestões: Se a resposta for positiva (sim) especifique quais modalidades ou como foram as aulas. Se a resposta for negativa (não) você considera-se em condições de justificar a ausência?

2) No Ensino Integrado, você tem sessões de Educação Física. Como você se sente nas aulas de Educação Física? Justifique

Muito bem

Bem

Regular

Péssimo (a)

Esta questão está:

bem formulada

razoavelmente formulada

mal formulada

Sugestões:.....
.....

3) Você considera importante ter aulas de Educação Física no Ensino técnico?

Sim. Por que?

Não. Por que?

Esta questão está:

bem formulada

razoavelmente formulada

mal formulada

Sugestões:.....

.....

4) De que você sente falta nas aulas de Educação Física? Justifique.

Esta questão está:

bem formulada

razoavelmente formulada

mal formulada

Sugestões:.....

.....

5) Que valores você pensa que poderiam ser trabalhados nas aulas de Educação Física?

Físicos

Sociais

Morais

Especifique:

Esta questão está:

bem formulada

razoavelmente formulada

mal formulada

Sugestões: Deixar claro que pode ser mais de uma das respostas.

ANEXO J – INSTRUMENTO 4 – QUESTÕES DIRIGIDAS A(O)S ALUNOS (AS) DO ENSINO TÉCNICO (validação da 2ª expert)

Instituição Pesquisada:

Local:

Data:

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO

Curso:

Semestre:

Idade:

1) Você teve Educação Física na sua vida escolar?

Sim. Especificar.....

Não. Justificar.....

Esta questão está:

bem formulada

razoavelmente formulada

mal formulada

Sugestões: Idem ao questionário anterior.....

2) No Ensino Técnico, você não tem sessões de Educação Física. Você sente falta das aulas de Educação Física?

Sim. Por que?

Não. Por que?

Esta questão está:

bem formulada

razoavelmente formulada

mal formulada

Sugestões:.....

.....

3) Você considera importante ter aulas de Educação Física no Ensino técnico?

Sim. Por que?

Não. Por que?

Esta questão está:

bem formulada

razoavelmente formulada

mal formulada

Sugestões:.....

4) Como você se sentia nas aulas de Educação Física? Justifique.

- Muito bem
- Bem
- Regular
- Péssimo (a)

Esta questão está:

- bem formulada
- razoavelmente formulada
- mal formulada

Sugestões:.....

5) De que você sentia falta nas aulas de Educação Física? Justifique.

Esta questão está:

- bem formulada
- razoavelmente formulada
- mal formulada

Sugestões:.....

6) Que valores você pensa que poderiam ser trabalhados nas aulas de Educação Física?

- Físicos
- Sociais
- Morais

Especifique:

Esta questão está:

- bem formulada
- razoavelmente formulada
- mal formulada

Sugestões: Deixar claro que pode ser mais de uma das respostas.

ANEXO K – VALIDAÇÃO DO MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E AOS ALUNOS DOS CURSOS DE ENSINO INTEGRADO E TÉCNICO – SUBMETIDO À 2ª EXPERT DA ÁREA

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO

Validação do modelo de questionários aplicados aos alunos dos Cursos de Ensino Integrado e Técnico

Considero válida a aplicação dos questionários aos alunos dos cursos de ensino Integrado e Técnico das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, bem como aos professores de Educação Física, pois eles atendem às especificações referentes ao problema da investigação.

Atenciosamente,



Daniela Lopes dos Santos

Doutora em Ciência do Movimento Humano/UFSM
Professora do Departamento de Métodos e Técnicas Desportivas-CEFD/UFSM

ANEXO L – FOTOGRAFIAS DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS (aulas de Educação Física) – CTISM – SANTA MARIA



Fotografia 1 – Visita ao CTISM – Santa Maria.

Fonte: registro fotográfico do autor, 2009.

ANEXO M – FOTOGRAFIAS DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS (aulas de Educação Física) - COLÉGIO POLITÉCNICO DA UFSM – SANTA MARIA



Fotografia 2 – Visita ao Colégio Politécnico da UFSM – Santa Maria.
Fonte: registro fotográfico do autor, 2009.

ANEXO N – FOTOGRAFIAS DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS (aulas de Educação Física) - CAVG – PELOTAS



Fotografia 3 – Visita ao CAVG – Pelotas.
Fonte: registro fotográfico do autor, 2009.

ANEXO O – FOTOGRAFIAS DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS (aulas de Educação Física) - IFSUL – RIO –GRANDENSE – PELOTAS



Fotografia 4 – Visita ao IFSUL – Rio–Grandense – Pelotas.
Fonte: registro fotográfico do autor, 2009.

ANEXO P – FOTOGRAFIAS DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS (aulas de Educação Física) - IFRS – BENTO GONÇALVES



Fotografia 5 – Visita ao IF – RS – Bento Gonçalves.
Fonte: registro fotográfico do autor, 2009.

ANEXO Q – Primeira Instituição pesquisada: Colégio Técnico Industrial de Santa Maria – CTISM

O Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM), mantido pela Universidade Federal de Santa Maria, foi criado pela Resolução nº 01/67, de 11 de outubro de 1967, do Reitor Substituto, com autorização do Egrégio Conselho Universitário.

Iniciou suas atividades em 4 de abril de 1967. Seu idealizador e fundador foi o Professor Dr. José Mariano da Rocha Filho. O objetivo de sua criação foi o de oferecer ensino técnico profissionalizante com a finalidade de formar técnicos de nível médio para serem o elo que integra a parte de Engenharia e os setores de produção e para realizarem projetos e executá-los, dentro de sua área de formação, assumindo a responsabilidade técnica conforme o previsto em Lei.

O reconhecimento de seus primeiros cursos – Eletrotécnica e Mecânica – deu-se por meio do Parecer nº 825/79 do Conselho Federal de Educação, e da Portaria nº 60, de 3 de outubro de 1979, da Secretaria de 1º e 2º graus. Esses cursos são ofertados até a presente data.

Até 1983, esteve vinculado ao Centro de Tecnologia da UFSM. Dessa data até o presente, encontra-se vinculado à Coordenadoria de Ensino Médio e Tecnológico (CEMTEC) da UFSM.

O Colégio Técnico Industrial da UFSM foi uma das primeiras instituições de ensino, no âmbito nacional, a criar cursos técnicos pós 2º grau, noturnos: em 1978, o Curso de Eletrotécnica e, em 1987, o Curso de Mecânica.

No ano de 1992, foi criado o Curso Técnico de Segurança no Trabalho, pós 2º grau, e em 1994, foi criado o Curso de Eletromecânica, que foi ofertado até o ano de 2000. Esse curso voltou a ser oferecido a partir de março de 2006.

Continuando sua expansão de cursos, foi implantado o Curso de Enfermagem, para atender alunos que já possuíam o Ensino Médio completo e tenham realizado o Curso de Auxiliar de Enfermagem. Suas duas primeiras edições foram feitas para atender aos servidores do Hospital Universitário da UFSM.

As bases curriculares dos cursos técnicos, no decorrer de seus trinta e seis anos de história, foram sendo modificadas para atender às necessidades do mercado de trabalho, levando em consideração o Encontro de Estagiários, que é realizado anualmente para avaliar os estágios realizados. Participam desse Encontro professores, alunos estagiários e formandos e também empresários e supervisores das empresas em que os alunos realizam ou realizaram seus estágios. Essa atividade permite ao colégio uma realimentação de informações para um

redimensionamento nas diversas habilitações. Devem ser levadas, ainda, em consideração as mudanças de políticas (Reformas) propostas pelo MEC, cabendo ao colégio adaptar-se a elas e cumpri-las.

Conforme legislação atual⁹, o Colégio Técnico Industrial oferece o Ensino Médio (antigo 2º grau) desvinculado do ensino técnico. Os alunos podem cursar nesse colégio apenas o ensino médio ou apenas os cursos técnicos. No entanto, para receber o Diploma de Técnico os alunos precisam apresentar certificação de Ensino Médio, concluído nesse colégio ou em outro estabelecimento de ensino regular ou de ensino supletivo.

Mediante ações do Departamento de Apoio Didático Pedagógico, do Departamento Técnico e do Departamento de Relações Empresariais e Comunitárias são ofertados para a comunidade cursos de qualificação e requalificação profissionais – Cursos Básicos – que podem ser desenvolvidos em parcerias com empresas, com objetivo de atender às necessidades específicas solicitadas ou de atender às necessidades emergentes levantadas por pesquisa de mercado de trabalho.

O Colégio Técnico Industrial de Santa Maria, desde a sua primeira turma de alunos, vem desenvolvendo um ensino de qualidade, voltado sempre para a realização do aluno como profissional e cidadão bem sucedido. Com esse compromisso, o CTISM oferece a seus alunos, não apenas aulas tradicionais, mas atividades que aliam teoria e prática num contexto interdisciplinar, visando sempre às inovações tecnológicas. Oferece, ainda, oficinas e laboratórios adequados ao ensino de novas tecnologias, e oportuniza aos alunos dos cursos profissionalizantes viagens de estudos a feiras tecnológicas e a grandes empresas dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro. Em março de 2004, foi implantado o Curso de Automação Industrial que sinaliza o avanço tecnológico e propicia uma viabilidade de qualificação importante para a Comunidade de Santa Maria e Região.

⁹ Essa mudança encontra-se amparada na lei 9394 de 20/12/96, normalizada pelo decreto nº 2208 de 17/10/97, que regulamenta o parágrafo 2º, do art 36 e os art.39 a 42, da lei e Portaria Ministerial nº 646/97.

ANEXO R – Segunda Instituição pesquisada: Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria

O Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria está situado no Campus Prof. Mariano da Rocha Filho, Avenida Roraima 1000, prédio 70. Situado na região central do estado do Rio Grande do Sul, que abrange uma região composta por 59 municípios, com área de 98.215,50 Km², representando 36,49% do território gaúcho, interferindo significativamente no desenvolvimento regional pela oferta de formas variadas de Educação Profissional. Originou-se do Colégio Agrícola de Santa Maria, mediante a Resolução UFSM 001/2006, aprovada no Conselho Universitário em sessão de 16/02/2006. É uma Unidade de Ensino da Universidade Federal de Santa Maria, que tem por finalidade atuar no Ensino Médio e na Educação Profissional e Tecnológica nos diferentes níveis e modalidades. Sua criação deu-se pelo Decreto-Lei Federal nº 3864, de 24 de janeiro de 1961, denominando de Escola Agrotécnica de Santa Maria, subordinada à Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinária do Ministério da Agricultura. No ano de 1968, pelo Decreto-Lei 62.178, de 25 de janeiro de 1968, a orientação didática e pedagógica é transferida para a Universidade Federal de Santa Maria, passando a denominar-se Colégio Agrícola de Santa Maria. O Decreto-Lei nº 627, de 13 de junho de 1969 transfere os servidores do Colégio pertencente ao Ministério da Educação e Cultura, para o Quadro Único de Pessoal da Universidade Federal de Santa Maria. Em 1982, a Portaria nº 194, de 14 de maio, aprova o Regimento Interno e a organização curricular de Técnico em Agropecuária e, a Portaria nº 195, de 14 de maio de 1982, declara a regularidade de estudos levados a efeito, referente à habilitação em Agropecuária. Plano de Desenvolvimento Institucional 2008-2012.

Posteriormente, em 1983, a Resolução 005/83, Institucionaliza e Reestrutura o Sistema de Ensino de 2º Grau da Universidade Federal de Santa Maria e dá outras providências. Até 1995, o Colégio oferecia o Curso Técnico em Agropecuária integrado com o segundo Grau, denominação do Ensino Médio na época, por meio de um núcleo comum e uma parte diversificada, nos termos que previam a Lei 5.692/71 e Parecer 45/72. No ano de 1996, 35% dos candidatos classificados para ingresso na 1ª série do Curso de Técnico em Agropecuária, já haviam concluído o segundo grau, atual Ensino Médio, o que levou o colégio a implementar a sua primeira experiência de organização de cursos sequenciais (Pós-Ensino Médio), antes mesmo do edição dos Decretos 2.208/97 e 5.154/2004, que preveem essa modalidade. O curso foi autorizado pela Portaria MEC nº 78, de 13 de agosto de 1996, publicada no DOU, de 16/08/96 e de 4/11/96, sob a nomenclatura de “modalidade Especial” e

reconhecido pela Portaria MEC nº 21 de 18 de maio de 1999. Nesse mesmo ano de 1999, em 23 de outubro, o Conselho Universitário, pelo Parecer 054/96, na 541ª Sessão, do dia 23/10/96, aprova Regimento Interno do Colégio ainda em vigência. Também em 1996, a Resolução 002/96–UFSM altera os art. 23 e 29 do Regimento Geral da UFSM, que trata da Denominação e da Constituição do Colegiado. Posteriormente com o intuito de atender às necessidades do mundo do trabalho e às expectativas da comunidade, o colégio inicia processo de ampliação de vagas e diversificação dos cursos. Em 1997 inicia o funcionamento do Curso Técnico em Informática, autorizado em 12 de dezembro de 1996, por meio da Portaria-MEC 126, publicada no DOU em 18/12/1996, reconhecido em 18 de maio de 1999, pela Portaria-MEC nº 21. É a primeira experiência, de formação técnica fora do setor primário da economia. No ano de 2000, o Colégio passa a funcionar nos três turnos, com o início do Curso Técnico em Administração, à noite, autorizado pela Portaria-MEC nº 22, de 18 de maio de 1999. Também em 2000, foi implantado o Curso de Técnico em Agroindústria. Plano de Desenvolvimento Institucional 2008-2012.

Posteriormente, em 2003, iniciou o funcionamento dos Cursos de Técnico em Jardinagem e Técnico em Geomática. Em 2007, O Colégio Politécnico da UFSM proporciona o ingresso da primeira turma de Educação de Jovens e Adultos com Educação Profissional, o PROEJA. Dentro do programa de expansão, no sentido de atender às demandas do processo produtivo e os anseios da comunidade, em 2009 devem iniciar dois Cursos Superiores de Tecnologia, via REUNI da Universidade Federal de Santa Maria: Curso Superior de Tecnólogo em Gestão de Cooperativas e Curso Superior de Tecnólogo em Geoprocessamento. Além das mudanças já citadas, cabe registrar que do ponto de vista pedagógico e de gestão, inúmeras transformações têm ocorrido no Colégio Politécnico da UFSM. Houve ampliação das áreas de atuação, a oferta de vagas e a alteração da natureza dos cursos. A instituição descentralizou-se, renovou-se em termos administrativos.

No ano de 2008, o Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria, conta com 879 alunos, distribuídos nos diversos Cursos Técnicos, Ensino Médio e PROEJA. Oferece também formação inicial e continuada para qualificação e atualização de trabalhadores, clientela essa oriunda sobretudo de 58 municípios do RS, além de alguns alunos de outros estados, atendidos por 18 funcionários técnico-administrativos em educação, 38 professores efetivos, dentre estes 25 são mestres, quatro doutores e os demais especialistas, bem como sete professores substitutos.

ANEXO S – Terceira Instituição pesquisada: Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça – CAVG – Pelotas

O Patronato Agrícola Visconde da Graça foi fundado na década de 20, com o apoio do Ministro da Agricultura, Dr. Ildefonso Simões Lopes, ficando subordinado ao Ministério da Agricultura. Recebeu esse nome em homenagem ao Sr. João Simões Lopes Filho, o Visconde da Graça. Na década de 30, foi transformado em Aprendizado Agrícola "Visconde da Graça" e, em 1947, passou a chamar-se Escola Agrotécnica Visconde da Graça. No ano de 1961, a Escola vinculou-se ao Ministério da Educação e Cultura e, em 1969, ao incorporar o Colégio de Economia Doméstica, a Escola Agrotécnica foi integrada à Universidade Federal de Pelotas, ano em que foi assinado convênio com a República Federal da Alemanha, levando a modernização ao Setor de Avicultura e à Indústria de Alimentos, seguindo a filosofia de ter a "produção como meio de ensino".

No ano de 1975, além de formar técnicos em nível de segundo grau nas áreas de Agropecuária e de Economia Doméstica, a escola implantou o Curso Técnico em Alimentos e ganhou a denominação Conjunto Agrotécnico "Visconde da Graça" (CAVG).

Desde então, o CAVG é uma unidade de Educação Profissional vinculada à UFPel que se situa no contexto educacional da Região Sul como um polo formador de profissionais nas áreas de agropecuária e indústria, oferecendo atualmente os cursos profissionalizantes de nível técnico em Agropecuária, Agroindústria e Vestuário. Distante cerca de 8 Km do centro urbano de Pelotas, com uma área de 201 ha, entre unidades de produção e ensino, bosques e rica vegetação, o CAVG dispõe de uma bem desenvolvida infraestrutura administrativa, pedagógica e de produção. Oferece o sistema de internato masculino e feminino, atendendo a alunos e alunas oriundos dos 24 municípios da zona sul do estado e de mais de 80 municípios de outros estados da Federação.

Tem por missão promover a construção de conhecimentos com vistas a formar cidadãos capazes de atuar criticamente no mundo do trabalho e em sociedade, através de um processo educativo omnilateral, com formação básica, técnica e tecnológica qualificada, contribuindo para concretização de condições socioambientais e culturais mais justas e democráticas. Essa missão, embora específica para nosso campo de atuação, mantém coerência com a missão da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, instituição à qual o CAVG é vinculado, qual seja a de “promover a formação integral e permanente do cidadão, construindo o conhecimento e a cultura, comprometidos com os valores da vida e com a construção e progresso da sociedade” (PPP - UFPel, 2003, p. 9).

ANEXO T – Quarta Instituição pesquisada: Instituto Federal Sul – Rio – Grandense (IFSul – Rio – Grandense) – Pelotas

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul – Riograndense (IFSul – Riograndense) foi criado mediante transformação do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas. Sua Reitoria está instalada em Pelotas.

Em 7 de julho de 1917, data do aniversário de Pelotas, foi criada a *Escola de Artes e Offícios* por iniciativa da diretoria da *Bibliotheca Pública Pelotense*. A escola teve seu prédio construído por meio de doações da comunidade. O terreno foi doado pela Intendência Municipal e se localiza na Praça Vinte de Setembro.

Em 8 de março de 1930, o município assume a Escola de Artes e Offícios e institui a *Escola Technico Profissional*, que depois passa a denominar-se Instituto Profissional Técnico. Os cursos compreendiam grupos de ofícios divididos em seções: *Madeira, Metal, Artes Construtivas e Decorativas, Trabalho de couro e Eletro-Chimica*. João Py Crespo, Intendente Municipal que viabilizou o funcionamento da Escola, doou seus vencimentos para esse fim, exemplo que foi seguido pelo primeiro diretor, Sílvio Barbedo e pelo primeiro grupo de professores. O Instituto Profissional Técnico funcionou por uma década, sendo extinto em 25 de maio de 1940. O prédio foi demolido para a construção da Escola Técnica de Pelotas.

Em 1942, pelo Decreto-Lei nº 4.127, de 25 de fevereiro, subscrito pelo Presidente Getúlio Vargas e pelo Ministro da Educação Gustavo Capanema, foi criada a Escola Técnica de Pelotas, única instituição do gênero no estado do Rio Grande do Sul. O engenheiro pelotense Luís Simões Lopes foi o responsável pela vinda da Escola para o município, sendo que, além da intercessão pessoal junto ao Ministério da Educação e ao Presidente da República para a criação da Escola, acompanhou toda a obra de construção do prédio, que foi inaugurado em 11 de outubro de 1943, com a presença do Presidente Getúlio Vargas. Luís Simões Lopes presidiu a sessão de abertura das aulas em 20 de fevereiro de 1945.

O primeiro curso técnico da ETP foi Construção de Máquinas e Motores, do qual é originário o atual Curso de Mecânica Industrial. Ele foi implantado em 1953 graças à mobilização dos alunos e ao apoio do influente político pelotense Ari Rodrigues Alcântara, paraninfo da primeira turma de formandos. A formatura ocorreu em 20 de dezembro 1956, com sete alunos formandos, tendo como orador Jader Andara Rodrigues.

Em 1959, a ETP passa a ser autarquia Federal e, em 1965, passa a ser denominada Escola Técnica Federal de Pelotas – ETFPEL.

Em 26 de fevereiro de 1996 foi colocada em funcionamento a primeira Unidade de Ensino Descentralizada, em Sapucaia do Sul (UNED/Sapucaia do Sul), abrindo novos horizontes para a formação profissional no Rio Grande do Sul – em especial na área de plástico.

Em 1999, ocorreu a transformação da ETFPEL em Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas – CEFET-RS, o que possibilitou a oferta de cursos superiores e de Pós-graduação, abrindo espaço para projetos de pesquisa e convênios, com foco nos avanços tecnológicos.

Em 2008, passou de CEFET para IFSul (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul–Rio–Grandense). Os cursos oferecidos são: Ensino Técnico, Ensino Superior em Tecnologia, Graduação em Engenharia Elétrica e Mecânica, Pós-Graduação em Linguagens Verbais e Visuais e suas Tecnologias¹⁰.

¹⁰Extraído do site www.cefetrs.tche.br

ANEXO U – Quinta Instituição pesquisada: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – (IFRS) Campus Bento Gonçalves

O *Campus* Bento Gonçalves (Cefet-BG) do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul é uma instituição federal de ensino público e gratuito que está instalado em uma área de 843.639 m², dividida entre a sede (76.219,13m²), localizada em área central no Município de Bento Gonçalves, e a fazenda-escola (767.420 m²), localizada no distrito de Tuiuty, distante 12 km da sede. A instituição foi criada em 22 de outubro de 1959 pela Lei nº 3646, de 22 de outubro de 1959 como Colégio de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves e passou a funcionar de forma efetiva a partir de 27 de março de 1960. Em 25 de março de 1985, alterou sua denominação para Escola Agrotécnica Federal Presidente Juscelino Kubistchek. Em 16 de agosto de 2002, foi implantado o Centro Federal de Educação Tecnológica de Bento Gonçalves (Cefet-BG).

Em 29 de dezembro de 2008, o Presidente da República sancionou a Lei que reorganiza a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, com a criação de 38 Institutos Federais, três deles no RS. Dessa forma, foi criado o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, que conta os seguintes campi: Bento Gonçalves, Canoas, Caxias do Sul, Erechim, Osório, Porto Alegre, Restinga, Rio Grande e Sertão.

Por ser um polo de atração regional e nacional, o Campus Bento Gonçalves abriga em seu corpo discente alunos das mais diversas regiões do Estado e do País. Para esse segmento da comunidade escolar, a instituição disponibiliza regime de internato, serviço de lavanderia, cozinha/refeitório, acompanhamento psicológico, serviço de enfermagem, ginásio poliesportivo, um auditório, três salas para palestras ou conferências, centro de tradições gaúchas com galpão típico, biblioteca, auditório, cancha para futebol de areia, cancha para vôlei de praia, sala de musculação, fazenda-escola, agroindústria e cooperativa-escola.

Para os cursos na área de Enologia e Viticultura o *Campus* conta com uma cantina de vinificação, enoteca, sala de microvinificação, viveiro de porta-enxertos, vinhedos de produção e os seguintes laboratórios: Análise Sensorial (sala de degustação), Química, Microbiologia e Enologia. O Curso de Zootecnia dispõe de fábrica de ração, abatedouro, três aviários de corte, dois aviários de postura, aviário de recria, área para produção de galinhas caipira, instalações para caprinos, suínos, coelhos, confinamento de bovinos, estábulo para bovinos de leite, ordenhadeira, silos e apiário.

Na área de Agricultura, a instituição possui duas estufas plásticas, horta, coleção de plantas medicinais, coleção de plantas ornamentais, pomar e área para culturas anuais. Dispõe

também de um setor de mecanização agrícola, sala de topografia, laboratório de solos e estação meteorológica.

O Curso de Agroindústria conta com sala de aula própria com banheiros e Agroindústria dividida nos seguintes setores: leite e derivados, frutas e hortaliças, carnes e derivados, massas e panifícios.

Como entidade voltada à educação profissional, o Campus mantém acordos e convênios com várias instituições do País e exterior, entre elas: Universidade de Alto Douro e Trás-os Montes, de Portugal; Università degli Studi di Udine e Università degli Studi di Padova, da Itália e com o Liceu de Ensino Geral e Tecnológico Agrícola de Blanquefort, da França. Também mantém parcerias com associações que oferecem estágios no exterior, como o CAEP, IFAA e AFEBRAE. Por meio da Coordenadoria de Integração Escola-Comunidade, o CEFET-BG possui 467 empresas cadastradas para a realização de estágios curriculares em mais de 140 municípios do RS e outros estados¹¹.

Já está protocolado junto ao Ministério da Educação e Cultura um projeto voltado para a área de turismo, a fim de implantar curso técnico que poderá ter até 500 vagas em três anos. O projeto prevê reforma da vinícola, com criações de salas de aula, laboratórios para línguas, análise sensorial, entre outros.

Outro projeto previsto é a implantação de um curso de pós-graduação em viticultura.

Entre tantas mudanças, a logotipia dos Institutos também está sendo mudada. O novo símbolo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IF), foi construído sobre a ideia do homem, integrado e funcional. Quadrados que se encaixam como numa rede e o homem e seu pensamento como ideia central e objeto de educação, formação e capacitação.

¹¹ Extraído dos sites www.bento.if.rs.edu.br ou www.cefetbg.gov.br